

## Entrada



**São João** Para Jessier Quirino, tradições juninas estão vivas apesar da pandemia e devem ser celebradas. [Página 4](#)

## Almanaque

### Pindobal: o que havia lá que fazia as crianças terem medo

Centro Correcional que funcionou em Mamanguape era sinônimo de castigo e sofrimento na década de 1930. [Página 25](#)

## Diversidade

### Calistenia: exercício que usa o peso do corpo ganha adeptos

Metodologia pode ser aplicada em qualquer lugar e vira opção para quem quer manter a saúde em dia. [Página 19](#)



**Pensar** Uma reflexão sobre os impactos do ensino brasileiro e dos recentes ataques à educação. [Páginas 29 a 32](#)

## Colunas

/// A realidade do mundo atual indica que a questão dos relacionamentos pessoais deve ser alvo de reflexão. É como se as polarizações e o distanciamento social tivessem colocado todos contra todos. [Página 2](#)

### Editorial

/// Roberto Carlos tinha por hábito promover compositores incipientes, como o fez com Maria Helena dos Santos Oliveira, de quem gravava desde os tempos da Jovem Guarda. [Página 27](#)

**Professor Francelino Soares**

# Energias renováveis ganham espaço e PB atrai novos negócios

Mercado tem crescido no Brasil e despertado interesse tanto de empresas quanto de consumidores residenciais por equipamentos eólicos e solares, mais econômicos e sustentáveis. [Páginas 17 e 18](#)



Sol e ventos fortes favorecem investimentos de parques de energias limpas na Paraíba e usinas têm sido instaladas, aproveitando o potencial de cada região



**Paraíba** **Caminhabilidade** Conceito criado nos anos 1990 atrelado ao espaço urbano discute políticas públicas a partir da visão de quem se desloca a pé. [Página 5](#)



**Cultura** **A arte que vem da periferia** Com foco na identidade e na natureza, trabalho do artista Hicor vem se destacando em JP. [Página 9](#)

## Esportes



**Dia de decisão** Técnicos (E) e goleiros (D) do Sousa e do Campinense são destaques na grande final do Campeonato Paraibano. [Página 21](#)

## O MELHOR TIPO DE SANGUE É O SEU!

Campanha de incentivo à doação de sangue

DOE SANGUE,  
DOE VIDA!  
DOE SANGUE,  
DOE VIDA!  
DOE SANGUE,  
DOE VIDA!  
DOE SANGUE,  
DOE VIDA!

## Editorial

## Solidários

A reconstrução do mundo pós-pandemia de coronavírus, se é que é plausível tal remodelação, deve levar em consideração não apenas fatores relacionados à saúde, à política e à economia. A realidade do mundo atual indica que a questão dos relacionamentos pessoais deve ser alvo de reflexão. É como se as polarizações – políticas, religiosas, comportamentais etc. – e o distanciamento social tivessem colocado todos contra todos.

Na verdade, as pessoas já andavam apartadas. Prova disso são as estatísticas referentes à violência. Os chamados crimes patrimoniais, por exemplo, muitas vezes têm como desfecho a agressão ou o assassinato das vítimas. Mas existe um número significativo de casos nos quais os motivos da brutalidade foram banais. Mata-se ou espanca-se porque um carro acidentalmente abalroou no outro ou porque o time do coração perdeu o jogo.

A radicalização das assimetrias ideológicas já havia transvertido pessoas em gregos e troianos, embora se saiba o que aconteceu com a cobiçada Troia e o destino de praticamente todos os heróis e heroínas envolvidos no maior conflito bélico da mitologia ocidental. Para piorar a situação, veio a pandemia de coronavírus, colocando em novos campos opostos quem respeita os protocolos sanitários e quem não está nem aí para a covid-19.

Se beijar, abraçar e andar de mãos dadas, por exemplo, não é recomendável em tempos de pandemia, o amor precisa urgentemente se reinventar. E o que dizer da paixão, que sempre andou apressada? O risco é que ambos, o amor e a paixão, fiquem para trás, esquecidos no meio de um relacionamento coletivo fraturado e tumultuado, circulando mascarados entre opostos que aparentam querer ser agora simplesmente descarados.

A tensão entre as potências individualizantes e comunitárias sempre existiu. No entanto, toda cabeça parece ser agora muito diferente das outras, e esse mar de opiniões inunda, principalmente, as redes sociais, com vigilâncias recíprocas ao som das palmatórias do mundo. É preciso evitar que a intolerância aprofunde mais suas raízes nas mentes e corações. A solidariedade será o dique do mundo contra essa onda de medo e morte.

## Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

## A convenção da Arena (Parte 1)

Após o registro da chapa de Mariz, a Paraíba viveu três dias de grande efervescência política. Cada grupo indo em busca da conquista de votos dos convencionais. Os dois lados contabilizavam números que animavam as perspectivas de vitória. A população acompanhava essa movimentação assumindo suas preferências. As disputas eram entre Burity e Mariz para governador, Clóvis Bezerra e Valdir dos Santos Lima para vice e Milton Cabral e Ernani Sátiro para senador biônico.

No dia quatro de junho, desde as sete da manhã, a Praça João Pessoa começava a tomar um grande público. Os partidários de Mariz eram visivelmente em maior quantidade e bem mais barulhentos. Antes de iniciados os discursos no plenário da Assembleia Legislativa, onde se realizaria a Convenção, ocuparam o parlatório que fica na frente do prédio e ali improvisaram um comício. Parlamentares e lideranças municipais se revezavam nos pronunciamentos em defesa da chapa de contestação liderada por Mariz. Até Mocidade fez uso da palavra, assim se expressando: “Mais uma vez assaltam a soberania da Paraíba. Esta praça é do povo e eu estou acostumado a falar na praça do guardião da democracia que foi o presidente João Pessoa e o faço agora em defesa do nome de Mariz”.

Por volta das dez horas, proibiram aquelas manifestações na tribuna da praça. O público ocupou as galerias para ouvir os oradores daquela festa cívica. Em sendo maioria, os marizistas vaiavam os adversários e aplaudiam os correligionários. O único orador dentre

os governistas ouvido em silêncio foi Tarcísio Burity, em razão do apelo feito por João Agripino no sentido de que o escutassem com respeito.

Sendo o primeiro a discursar, João Agripino iniciou dizendo: “Eu não ensinei a Paraíba a ser rebelde. Porque esse comportamento, eu proclamo, foi João Pessoa quem ministrou. Compreendo as reações. Apenas eu lhes peço para provarmos que somos um povo bravo, mas educado politicamente. Somos da ARENA e queremos Mariz candidato a governador por nosso partido. Contamos com vocês”.

Os dois candidatos ao governo assim se dirigiram aos convencionais. Tarcísio Burity: “Vou colocar os interesses do povo acima dos pessoais. Sigam-me, portanto, todos aqueles que desejam a paz, a união, a tranquilidade, o trabalho e o progresso em benefício da Paraíba e do Brasil”.

Antônio Mariz: “A Paraíba não admite medo. E o povo é senhor de sua história. Quando o povo grita que eu sou o “governador do povo”, está afirmando uma verdade. Os convencionais da ARENA são uma expressão do povo. Eles trazem para aqui a voz de todos os municípios paraibanos e aqui reunidos farão a vontade desse povo e por isso nos darão a vitória”.

Exatamente às quatorze horas começou o processo de votação, que durou até as dezessete horas, quando então as duas urnas coletoras de votos foram lacradas e entregues à Comissão Apuradora para contagem das cédulas ali depositadas e, conseqüente, conhecimento do resultado da histórica convenção.

/// O único orador dentre os governistas ouvido em silêncio foi Tarcísio Burity, em razão do apelo feito por João Agripino ///

## Artigo

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com | Colaborador

## Fim de Gaia

No princípio, era o caos. É assim que, em quase todos os mitos, tem início o universo. Antes dele, nada existia. Apenas o Deus Caos reinava soberano, na loucura e na sombra. Mesmo nesse turbilhão de loucura e disforme, haveria esperança. Inexplicável, mas haveria esperança...

Surgia do meio do Caos a Deusa Gaia, a Terra, às vezes descrita com formas humanas, e, em outras, confundida com o próprio planeta. A esperança, em forma da mãe generosa, que na tempestade caótica se tornava o firmamento, onde os elementos, antes em confusão e dispersos, encontraram no corpo sinuoso e fértil da mãe terra lugar de paz e ordenação.

Hoje, Gaia está sofrendo e em risco. O crescimento desenfreado do consumo numa sociedade capitalista, onde cada dia se precisa mais e mais de matéria-prima, leva a um colapso do meio-ambiente. Um dos pontos críticos é a obsolescência programada, que consiste em produtos com prazo de “validade”, levando o consumidor a trocá-lo, e com o marketing criando desejos onde não existem, a degradação do planeta é apocalíptica.

Mas não adianta apenas um esforço individual. Não adianta apenas fechar a torneira na hora de escovar os dentes. É necessário pressionar as grandes corporações para a diminuição da degradação do meio-ambiente. Para a Organização das Nações Unidas (ONU), 2021 será um ano decisivo para evitarmos uma crise am-

biental sem retorno.

Os números dos últimos 50 anos são alarmantes. A economia global cresceu cinco vezes, a custa de três vezes a extração de recursos naturais. Duplicamos a população mundial, assim como a pobreza. Cerca de 700 milhões de pessoas passam fome. Até quando fecharemos os olhos para esse modelo econômico que devora tudo que toca, como um rei Midas que, ao contrário do mito, transforma tudo em deserto e destruição.

O Brasil com o desmando do Governo Federal vem desmontando o Ministério do Meio Ambiente e de forma criminosa, reduzindo a verba para fiscalização, atendendo assim os interesses do agronegócio. Outra medida genocida (olha aí, posso ser enquadrado na lei de segurança nacional. Eu posso ser um terrorista.) é a liberação de agrotóxicos que são extremamente danosos à saúde e ao meio ambiente.

Gaia pede socorro. Já deu sinais de que não é possível a existência humana nas condições de consumo desenfreado e da degradação da natureza. É hora de agir, pois pode ser tarde demais e não haverá lugar para nós. Gaia nos acolheu e, por milhares de anos, cuidou para que pudéssemos viver e desfrutar de seus frutos. Agora é hora de retribuir e fazermos mudanças profundas em nossa consciência e nos modos de vida, e assim fazermos as pazes com mãe terra.

/// Até quando fecharemos os olhos para esse modelo econômico que devora tudo que toca... ///

Domingos Sávio

savio\_fel@hotmail.com

## Humor

## OLHA PRO CÉU MEU AMOR...

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSAAlbigeo Léa Fernandes  
DIRETORA DE RÁDIO E TV

## A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferreira  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /  
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: 99143-6762

# O caminho de Francisco para o sucesso no Desafio Nota Mil

Filho de pescadores, estudante de Coremas fez 980 pontos na redação do programa realizado pelo Governo da Paraíba

**Lusângela Azevêdo**  
lusangela013@gmail.com

Enquanto o mundo trava uma desgastante luta contra um vírus, muitas são as histórias de perdas e tristezas. A vida e a rotina de todos foram afetadas nos mais diversos segmentos da nossa sociedade. Assim aconteceu também com o ensino. E algumas histórias de luta e superação mantêm a chama da esperança de dias melhores para depois deste caos que enfrentamos.

Os relatos do jovem estudante coremense, Francisco Ryan de Oliveira, de 17 anos, estão na direção de esperança que tem sido exigida de todos nós. Aluno do 3º ano na Escola Cidadã Integral Técnica Nobel Vita, ele atingiu 980 pontos na redação do programa "Desafio Nota Mil", do Governo do Estado, quase a nota máxima e o primeiro lugar entre todos os estudantes da Paraíba.

A determinação e o esforço diário fizeram com que Francisco Ryan fosse destaque no programa por dez vezes. "Antes, eu não tinha um bom domínio na escrita e tive que passar por um grande processo de evolução para atingir a minha primeira nota máxima. O Desafio é um importante aliado ao meu crescimento no exercício de produção textual,

pois me proporcionou relevantes oportunidades para enaltecer a minha prática de escrita, como também intensifica o trabalho metodológico dos professores", enfatizou.

Filho de pais pescadores, que não concluíram o segundo grau, Ryan acredita que a educação pode mudar o mundo. Morador do bairro Cabo Branco, na cidade de Coremas, o jovem tem três irmãos e estudou sempre em escola pública. Ele quer seguir estudando, mas ainda não sabe se cursará Direito ou História.

Ryan revelou que a rotina de estudo começa cedo. Porém, com o covid-19, ele teve que se reinventar e adaptar o horário de estudo com o horário da escola. "Então eu acompanho as aulas da escola das 8h até as 12h. Faço um pequeno descanso até uma hora, e continuo até as 18h", explicou.

Além de estudar durante o dia as matérias do terceiro ano do ensino, à noite ele revê o todo o conteúdo para não acumular. Segundo o estudante, é preciso manter sempre o foco e não deixar a rotina desandar. "Com esforço e dedicação, todos conseguem chegar aonde eu cheguei. Lembre-se: a maior qualidade de um vencedor é nunca desistir", asseverou.

Ao longo da trajetória escolar, o estudante acaba gos-

tando mais de algumas disciplinas em relação a outras, o que auxilia no desenvolvimento de habilidades em tais áreas do conhecimento. Ryan contou que é apaixonado por livros. Ainda que não tenha autor predileto, adora ler sobre aspectos históricos e culturais da sociedade, além de desenvolver um senso crítico para buscar uma análise da vida social.

Ao saber do resultado do desafio, o jovem ficou muito contente e grato a Deus ao ver a recompensa de todo o seu esforço. Contudo, era algo que ele já esperava que acontecesse. "Eu fui destaque na temporada passada, fiquei entre os melhores na média geral. Fui o primeiro estudante da Paraíba a conquistar a primeira nota mil do Desafio, fui o primeiro estudante da 7ª GRE a ficar no ranking estadual, fui o primeiro estudante a conquistar 10 vezes a nota mil, fiquei no ranking estadual mais de 25 vezes. Nesse ano, estou colhendo os frutos que plantei no ano passado", afirmou.

E para quem acha que Ryan só tem tempo para se dedicar ao seu sonho de ser advogado ou historiador, ledo engano! O paraibano tem um projeto de uma página com conteúdo histórico @\_entrelinhasdahistoria, onde ele compartilha o seu conhecimento e

dá dicas aos jovens que, assim como ele, querem ter êxito nas produções textuais.

"O Desafio 'Redação Nota Mil' é um grande incentivo para a prática contínua de produção textual. Este projeto da Secretaria de Educação do Estado oportuniza a todos os estudantes da rede pública de ensino, momentos de leitura, produção e conhecimento. Após a pandemia, é de suma importância garantir a permanência do programa nas pautas educacionais", destacou.

A dedicação aos estudos do jovem rendeu elogios do Governador do Estado, João Azevêdo, que parabenizou o esforço de Ryan durante o programa semanal Conversa com o Governador, transmitido pela Rádio Tabajara, na última segunda-feira, 14. O governador também cumprimentou os nove estudantes que fizeram boa pontuação na redação.

"O primeiro lugar é o estudante Francisco Ryan, um conhecido nosso, lá de Coremas, a terra das águas, a terra da energia solar e também a terra da educação. Também gostaria de saudar a todos os ganhadores e aos que participaram dessa temporada e dizer que é fundamental que vocês continuem se dedicando e participando do Desafio Nota Mil", frisou o Governador.



Persistência e sucessivas boas colocações levaram o estudante ao sucesso maior

## Projeto estimula produção textual

Criado em março de 2020, o Desafio Nota Mil objetiva mobilizar, interagir com os estudantes da Rede Estadual de Ensino e manter uma rotina de estudos focada na prática da redação. A ação é coordenada pela Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia.

Toda semana, no domingo, é divulgado o tema da redação e os estudantes têm até a quarta-feira para redigir o texto e

disponibilizarem para as escolas enviarem para os corretores. Após a correção, a lista com as 10 melhores notas é divulgada na segunda-feira seguinte. Na última edição, o programa recebeu cerca de 5 mil redações sobre "Desafio para a superação do déficit habitacional no Brasil". Já na terceira edição, os estudantes desenvolverão redações sobre "Economia azul; A importância do mar para o desenvolvimento do Brasil".



Ao lado da família, Francisco Rayan (último à direita) celebra o resultado dos seus esforços com a educação

## UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

### LÍDER DO BLOÇÃO, RICARDO BARBOSA RESSALTA NECESSIDADE DA LEI QUE CRIOU QUATRO MICRORREGIÕES DE ÁGUA E ESGOTO



O argumento do deputado Ricardo Barbosa (PSB), justificando a importância da aprovação, pela ALPB, do Projeto de Lei Complementar, do Governo do Estado, que criou quatro microrregiões de Água e Esgoto na Paraíba, tem dois pontos essenciais, que apontam para a necessidade de adequação do estado ao que preceitua a Lei Federal 14.026/2020, que instituiu o novo Marco Legal do Saneamento Básico e deu à Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) competência para editar normas de referência sobre o serviço de saneamento. O parlamentar ressaltou que, primeiro, haveria restrições aos entes federativos que não tivessem inseridos no novo marco legal - estes ficariam "sem acesso a recursos federais". E segundo, de acordo com o líder do bloção no Legislativo estadual, caso o Governo do Estado tivesse se omitido em relação a essa demanda, "a partir do próximo mês [dia 15, especificamente], a União era quem iria legalizar essas questões e arbitrar as políticas de água e esgoto da Cagepa". Pior, à revelia do estado. Ambas as questões também haviam sido expostas pelo governador João Azevêdo (Cidadania), que tratou de refutar "Mais um boato irresponsável inventado nos porões da política paraibana" por adversários políticos, que espalharam nas redes sociais notícias sobre a privatização do serviço. "O que a lei diz nada tem a ver com privatização", reforçou o deputado.

#### DIFÍCIL DE CRER

Prefeito de Campina Grande, Bruno Cunha Lima advoga a tese de que é possível que o PSD tenha candidatura própria à Presidência da República, em 2022. Contudo, é difícil crer nessa possibilidade. Partidos maiores buscam construir uma terceira via à polarização entre Lula (PT) e Bolsonaro (sem partido) e ainda não conseguiram essa viabilidade.

#### NO RETROVISOR

Há quem enxergue no encontro entre Lula e o presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, no mês passado, a senha para que a legenda se incorpore à campanha do petista, inclusive com a possibilidade de o partido estar na chapa majoritária. Há que se dizer que Kassab tem histórico ao lado do PT: foi ministro das Cidades, na gestão de Dilma Rousseff.

#### "NÃO É IMPUNIDADE"

"Não entendo dessa forma. O nome improbidade já diz tudo, significa desonestidade. Não é impunidade, é modernizar para que a gente [os prefeitos] avance na administração pública". Do presidente da Famup, George Coelho, em defesa das alterações na Lei de Improbidade Administrativa. Críticos dizem que a proposta afrouxa punições a mau gestores.

#### NO SEGUNDO SEMESTRE

Assim como o vice-prefeito de João Pessoa, Léo Bezerra (Cidadania), seu correligionário, Tibério Limeira, secretário estadual de Desenvolvimento Humano, crava "que agora, no segundo semestre, vão começar as articulações para as eleições". E não está descartada, tanto por um quanto pelo outro, ser candidato em 2022.

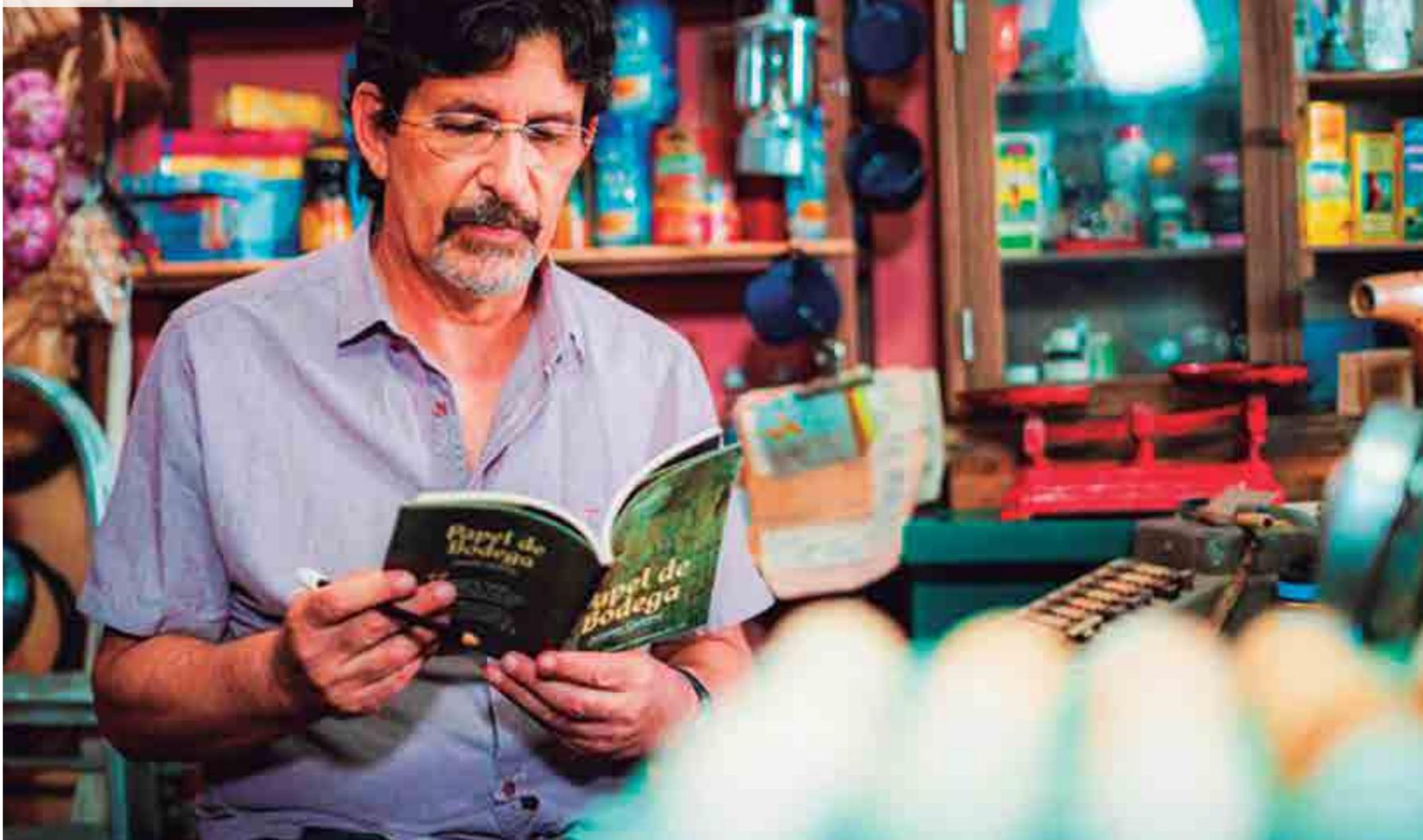
#### OUTRO MINISTRO

E o deputado Hugo Motta (Republicanos) confirma que o ministro das Cidades, João Roma, cumprirá agenda na Paraíba, dia 23, em João Pessoa e Campina Grande, onde fará anúncio de investimentos no estado. Em menos de cinco dias, será o segundo ministro a vir à Paraíba. O outro foi Rogério Marinho, da pasta de Desenvolvimento Regional.

#### "EVIDENCIA SEU TRUCULENTO DESRESPEITO À INSTITUIÇÃO"

O reitor da UFPB, Valdinei Gouveia, determinou que a AdufPB desocupe, em 45 dias, o prédio que ocupa no campus de João Pessoa. A entidade representativa dos professores reagiu, em nota: "Mais uma vez, o interventor evidencia, nesse ato, seu mais truculento desrespeito à instituição cuja gestão lhe foi outorgada, ilegitimamente, por decreto".

## Jessier Quirino, Poeta e humorista



Poeta popular admite que a pandemia trouxe um elemento desagregador, dificultando a socialização entre as pessoas: "Acho que isso é o que mais faz falta: a humanidade da festa."

# "O São João está dentro de nós"

Para Jessier Quirino, as tradições juninas estão vivas no imaginário do nordestino e devem ser celebradas mesmo em casa, apenas com a família

**Carol Cassoli**  
Especial para A União

Pelo segundo ano consecutivo, uma das festas mais importantes para os nordestinos

não vai acontecer nos moldes tradicionais. Este ano, para frustração do paraibano, o São João será em casa novamente. E, na impossibilidade de se reunir, resta à população

criar estratégias para fugir do marasmo e recuperar o fôlego que a pandemia levou.

A União procurou o poeta campinense Jessier Quirino para visitar as coloridas

memórias da festa e conversar sobre as alternativas que o paraibano tem para, mais uma vez, se reinventar em meio ao isolamento social e não deixar a chama do São

João se apagar. Jessier, que se autointitula arquiteto por profissão, poeta por vocação e matuto por convicção, examinou a festa ante ao contexto atual e destacou que é

importante não se esquecer daqueles que, em tempos normais, ajudariam o estado a arrecadar, de acordo com o Ministério do Turismo, mais de R\$ 240 milhões.

## A entrevista

**O São João é um período de grande importância para o povo nordestino e, em especial, para o paraibano, porque o Maior São João do Mundo está aqui. Qual a representatividade que essa data carrega?**

As festividades de São João representam, para nós nordestinos, a memória afetiva que nos acompanha desde a primeira infância. A comemoração traz, em primeiro lugar, a gratidão pela fartura. Nessa época lembramos do trabalho do plantio e da riqueza da colheita. Isso, desde março - com o dia de São José, alvo da devoção dos agricultores - até as festividades de São João, em junho.

Lá em casa, éramos cinco filhos, e minha mãe cozinhava as comidas de milho para nós, e quem conseguisse ficar acordado até o fim da noite tinha o privilégio de raspar a panela. Por isso, para mim, este período também está muito ligado ao envolvimento familiar. O São João é um processo e ele envolve, além do plantio e da colheita, a parte gastronômica. E é quando a cultura atinge a culinária que nós temos certeza que ela se consagrou. O São João é cultura!

**Considerando a carga emocional que as festividades de São João têm, qual o sentimento que a comemoração em casa, pelo segun-**

**do ano consecutivo, desperta nas pessoas?**

Eu sou da época em que a gente comemorava em clubes. Já vi Genival Lacerda se apresentando em alguns palcos, também assistia ao Trio Nordestino ao vivo e gostava muito. Depois surgiram as festas de rua, as quadrilhas juninas e a comemoração foi se expandindo e, a cada dia, ficando mais coletiva.

Pensando por esse lado, a pandemia trouxe um terrível elemento desagregador. A gente não sai mais, não brinca, não olha nos olhos das pessoas... Veja, o principal componente do chamego é a proximidade e, sem ela, os enamorados não conseguem dar continuidade à paquera. Bom, pelo menos não de maneira tradicional. Acho que isso é o que mais faz falta: a humanidade da festa. É justamente a ausência dessa carga humana que desperta o sentimento de solidão nas pessoas; a tristeza de não poder comemorar.

**E como celebrar uma data intrinsecamente relacionada com a vida do povo em tempos de pandemia?**

O São João é construído nos detalhes. É uma festa que reúne muita informação em um único encontro. Nele existe poesia, animação, brincadeira, fé, música, gratidão, comidas, bebidas, decoração e isso tudo impregna na me-

mória. Cada detalhe conta. O envolvimento emocional que temos com as festividades é capaz de fazer com que eu, ao fechar meus olhos agora, imagine uma fogueira e saiba o cheiro da fumaça; o cheiro do São João.

A nossa festa junina é tão bela, tão imensa que chegou em outros cantos e, hoje, o Brasil inteiro comemora. Outras regiões pegam resquícios do nosso lindo São João e reproduzem. É só lembrar disso para celebrar! O São João está dentro de nós, desde sempre e para sempre. É triste não poder encontrar todo mundo, mas deixar de festejar é bobagem.

**O que mais faz falta na ausência da festa?**

Eu poderia falar que é a alegria de estarmos todos juntos, mas não vou. Sei que sentimos falta de sair e festejar em massa, mas não podemos negar que o São João mobiliza toda uma cadeia produtiva. Aqui em Campina, por exemplo, o Parque do Povo movimentou o comércio em tantos sentidos que nem sei contar. Basta pensar nas quadrilhas juninas, no setor de comércio formal e informal, nos funcionários terceirizados, no pessoal da limpeza, nos músicos, artistas, apresentadores, na rede hoteleira e muito mais.

É claro que podemos (e devemos) fazer nossa própria festinha em casa, mas

não consigo me esquecer que, para quem vive disso, a ausência da festa é também a ausência do sustento de um mês inteiro.

**A Paraíba é um estado com uma diversidade cultural muito grande e, por isso, o São João também se manifesta de diferentes maneiras. Quais as diferenças e semelhanças das várias festas de São João na Paraíba?**

Antigamente era mais difícil diferenciar o São João de um lugar e de outro, mas, hoje, com a difusão da festa, a gente já consegue perceber que o São João de Campina, por exemplo, se destaca pelas grandes apresentações de quadrilhas juninas. Já o São João de Patos é bom para dançar agarradinho, o São João dos interiores é especial porque carrega uma carga religiosa bem forte e por aí vai. Cada cidade adapta a comemoração de maneira que mais lhe represente.

Falar das semelhanças é fácil. Não importa o São João, sempre vai ter aquela comidinha de milho que forra o bucho e aquece o coração. Também tem a tradição dos fogos (que divertem gerações com seus efeitos explosivos) e as fogueiras.

**O que era tradição no Maior São João do Mundo, de Campina Grande?**

Uma tradição legal do São João de Campina é a reunião de casais para pedir bênçãos ao santo casamenteiro. Hoje, com essa distância toda, eu brinco que Santo Antônio está congestionado - porque ano passado não teve a festa e acumulou muita gente. Esse ano, é melhor que quem tiver pressa, peça ajuda a outros santos.

**E quais os clássicos musicais dessa festa tão importante?**

Um dos clássicos que mais me marcou em toda a vida foi o 'Forró Pesado', do Trio Nordestino. Essa foi uma das primeiras músicas que me fez entender que a primeira percussão é a nossa boca; foi com 'Forró Pesado' que descobri meu ouvido musical, porque, conforme eles cantavam, os instrumentos acompanhavam no mesmo ritmo, dando um embalo muito gostoso. A letra tem percussão. Mas clássicos não faltam ao São João. Temos várias composições de Luiz Gonzaga, Dominginhos, Genival Lacerda, Jackson do Pandeiro e tantos outros.

**Quais dicas são valiosas para celebrar o São João e não perder o brilho da festa mesmo em casa?**

O chato é não poder se reunir, mas, atualmente, já temos muitos recursos para reproduzir a festa em casa.

Os apaixonados podem fazer uma seleção musical especial nos seus aplicativos e aproveitarem para olhar a lua juntinhos, tomando um vinho. Os responsáveis pelas crianças podem ajudá-las a se divertir com estalinhos e fogo. Se você tem um sítio e vai passar por lá, dá pra fazer uma fogueira bem gostosa... Em família dá pra cozinhar muita coisa boa também. Cada um faz do seu modo; todo mundo encontra uma fórmula para traquejar a festa nessa época. O espírito festivo do nordestino é quem vai comandar. De perto ou de longe, isso vírus nenhum é capaz de parar.

Outra coisa legal para não passar em branco é aproveitar a infinidade de recursos midiáticos disponíveis por aí. Existem vários vídeos na internet e, com certeza, vai ter muita live boa de forró pra quem estiver interessado em acompanhar.

A imprensa também está se reinventando para levar motivação às pessoas e isso é muito louvável. A música, na minha opinião, é o recurso mais fácil, porque é através dela que vários sentidos se afloram na gente e é por esse caminho que a mídia pode seguir: trazendo à tona memórias antigas para, quem sabe, criar memórias novas no meio desse contexto tão caótico em que o brasileiro está inserido.



# Caminhabilidade e o cuidado com o bem-estar do pedestre

Conceito busca olhar o espaço urbano e discutir políticas públicas e de gestão territorial a partir da visão de quem se desloca a pé

**Beatriz de Alcântara**  
alcantarabriz@gmail.com

Você já se perguntou qual o lugar do pedestre no contexto da urbanização? Apesar de caminhar ser a primeira, mais antiga e democrática forma de se locomover, as políticas públicas, de maneira geral, pensam muito mais sobre a experiência em rodovias, ciclovias, faixas exclusivas para ônibus e ao longo dos anos o “andar a pé” ficou escanteado no planejamento de infraestrutura das cidades. Pensando nesse público, surge o conceito de cami-

importantes de promoção de políticas públicas e de gestão de território, adotados nas regiões analisadas, qualquer que seja a escala de análise (global, nacional, da cidade, do bairro, da rua e/ou da própria vizinhança do usuário)”, disse.

Segundo Luana, a percepção da caminhabilidade se estende à questão da qualidade de vida “expressa nas relações sociais, econômicas, ambientais e na vida das pessoas, em aspectos de saúde física, mental, de satisfação, fruição da cidade e da geração de vínculos potencializadores do que se conhece como amabilidade urbana – que é um atributo espacial que se manifesta através das conexões e interações entre as pessoas e o espaço, opondo-se ao individualismo observado nas formas de convívio contemporâneas”.

Foi na década de 1990, com o empresário e ambientalista Chris Bradshaw, que a possibilidade de se pensar sobre a caminhabilidade surgiu.

Jéssica Lucena, urbanista, arquiteta e pesquisadora em mobilidade, conta como a ideia se desenvolveu. “Em 1992, na cidade de Ottawa, Canadá, os proprietários de imóveis e comerciantes enfrentaram grandes aumentos em seus impostos sobre propriedades, que tinham como base o valor de mercado. (Alguns comerciantes) argumentavam que a maioria dos habitantes do bairro realizava seus deslocamentos diários caminhando, por isso não havia necessidade de pagar impostos altos sobre a infraestrutura para circulação de veículos. Bradshaw viu a oportunidade de mensurar a caminhabilidade como um sistema de avaliação para calcular os valores de impostos em função de seu grau aplicado às quadras do bairro”, disse ela.

nhabilidade. Do inglês walkability, o termo significa um olhar para as condições dos espaços urbanos a partir do ponto de vista do pedestre e como eles estão postos para essa população que se desloca a pé.

O conceito vai além de somente pensar na infraestrutura dos locais, mas reflete em aspectos como acessibilidade, meio ambiente, atratividade, permeabilidade, usos do solo, segurança pública, segurança viária, entre outras coisas. A arquiteta e urbanista Luana de Medeiros aponta outras questões. “Embora a caminhabilidade tenha maior foco na avaliação de aspectos físicos do espaço, ela termina por demonstrar características



Pedestres geralmente não são priorizados no planejamento dos espaços das cidades



## Cidades precisam remodelar suas estruturas

O ato de caminhar faz parte da sociedade de maneira cotidiana, seja como modo principal de deslocamento, seja como complemento da mobilidade feita de carro ou de ônibus, por exemplo. Portanto, a preocupação com a caminhabilidade “representa um acesso de qualidade à cidade e a tudo o que ela tem a oferecer. Podemos considerar que um ponto básico e óbvio da caminhabilidade no dia a dia da população é a qualidade das calçadas”, pontuou Jéssica Lucena.

Culturalmente, as cidades não foram construídas pensando no bem-estar do pedestre e por isso se faz necessária uma remodelação em antigas estruturas. Segundo Luana Medeiros, ao longo de décadas foi o investimento em rodovias que foi considerado primordial, dando assim suporte ao setor industrial automobilístico.

“Enquanto as cidades forem voltadas para o carro, como modal

prioritário de deslocamento, teremos problemas não só de ordem ambiental, pela alta emissão de carbono na atmosfera, mas de saúde pública, porque grandes segmentos da força de trabalho, em diversas partes do mundo, tornam-se sedentários a partir do uso intensivo dos carros”, observou Luana. “Buscar a caminhabilidade significa proporcionar saúde, sustentabilidade (econômica e ambiental), justiça social e bem-estar para a população”, complementou Jéssica.

Com relação às políticas públicas pensadas para a caminhabilidade, Jéssica é enfática ao destacar a importância do Censo Demográfico para balizar as ações. “[O Censo] é essencial para conhecimento das condições de vida da população e definição de políticas públicas no Brasil. Políticas relacionadas à saúde e meio ambiente também se conectam com a caminhabilidade. Políticas públicas

efetivas para aumentar o número de deslocamentos a pé devem ser consideradas como questões de saúde pública”, argumentou ela.

Na capital João Pessoa, por exemplo, a urbanista Jéssica Lucena observou algumas adaptações que seriam necessárias para possibilitar uma melhor caminhabilidade à população. “As calçadas parecem ser vistas como espaços residuais. Primeiro, garante-se a comodidade dos carros, as vagas de estacionamento, e o que sobrar é espaço para o pedestre tentar caminhar. Não há padronização e compatibilização das calçadas. Isso acontece devido a falta de atenção dos agentes públicos em relação aos pedestres. Esquecem-se que todos, de alguma forma, somos pedestres. É fundamental, a definição, adoção e fiscalização de um padrão de qualidade para as calçadas da cidade, estabelecido e regido pela legislação municipal”, aponta.

## Padrões criados a partir da questão de gênero

Luana Medeiros, além de professora, também é pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPB. No mestrado, a urbanista pesquisa a caminhabilidade a partir do ponto de vista de gênero. A profissional explica que a primeira referência relacionada à caminhabilidade surgiu ainda na infância, desconhecendo o conceito em si, mas obtendo a experiência na prática.

“Na cidade de Patos, onde eu cresci e morei até entrar na faculdade, era comum eu e meus amigos perambularmos nas ruas “pra cima e pra baixo” sem que isto representasse um problema. E assim como eu, havia outros participantes daquela realidade: jovens, adultos, idosos e toda uma gama de pessoas que vivenciavam ao nível dos olhos, do toque, dos cheiros e das sensações, as experiências que permeavam aquilo que entendíamos como cidade. Quando voltei ao Sertão, desta vez para trabalhar, percebi que, apesar do crescimento da cidade, esta realidade começou a se moldar em mim com um olhar

diferenciado, permeado por outras demandas sociais que, quando criança, eu não tinha condições de visualizar. Uma dessas demandas veio a partir do amadurecimento e da observação de práticas diferenciadas do espaço, quer o indivíduo fosse homem, quer fosse mulher”, contou ela.

Segundo Luana, as relações de poder e violência, ligadas ao gênero (mas que se estendem à raça, sexualidade e classe), modificavam o padrão de caminhada e deslocamento. “Isso ficou ainda mais claro quando comecei a estudar o processo de construção social da figura feminina, “obrigada” a uma posição de submissão, violência e assédio, determinada por séculos de patriarcado, o que terminava por segmentar modos de vida e divisões pautadas na diferença de gêneros, determinando diferentes padrões de sociabilidade e deslocamento na cidade”, comentou a urbanista.

### Exclusão feminina

Pesquisar o planejamento urbano e não considerar as rela-

ções de dominação e exploração condicionadas às mulheres traria, do ponto de vista de Luana. Ela afirma que há “uma exclusão espacial à figura feminina, pautada em mecanismos de opressão estrutural e não visibilizada (‘velada’), o que termina por impor grandes vulnerabilidades. Particularmente, esse estudo se mostra relevante porque escancara os processos de dominação a que nós mulheres fomos submetidas durante séculos e revela a negligência dos planejadores em visualizar os indivíduos de forma ‘padronizada’, em que não se sobressaem às individualidade e particularidades que definem cada ser”.

A mestranda acredita que a pesquisa que desenvolve possa contribuir para a discussão e, mais do que isso, ajude na construção de uma nova cultura de “uso do espaço, de respeito às identidades e individualidades, e de empoderamento e proteção à figura feminina, que é, talvez, o elo mais importante deste processo”, finalizou Luana.

Planos de saúde chegam a registrar, em um único dia, mais de mil atendimentos virtuais



Foto: Pixabay

# Paraíba registra mais de 70 mil atendimentos via telemedicina

Sistemas à distância ganharam força com a pandemia, mas ainda estão longe de substituir a presença física do médico

**Iracema Almeida**  
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Para quem pensava que consultas virtuais era 'coisa de cinema', a telemedicina e as teleconsultas vêm se tornando cada vez mais comuns no cotidiano dos brasileiros. Nos últimos 14 meses já foram registrados mais de 2,8 milhões de atendimentos em todo o país, segundo dados da Associação Brasileira de Planos de Saúde (Abrampe). Na Paraíba, mais de 70 mil pessoas foram atendidas pelos canais de pronto atendimento digital, em hospitais particulares ou por meios de aplicativos e ligações por videochamadas das redes públicas de saúde.

Esse 'boom' nos atendimentos médicos virtuais está proporcionalmente ligado ao surgimento da pandemia do novo coronavírus, em que o Conselho Federal de Medicina (CFM) regulamentou essa prática, através da Resolução nº 1.643/02. A decisão do CFM ocorreu após a sanção da Lei 13.989/20 do Governo Federal, em abril de 2020, que autorizou temporariamente até o fim da pandemia "o exercício da medicina mediado por tecnologias para fins de assistência, pesquisa, prevenção de doenças e lesões e promoção de saúde", como consta na lei.

De acordo com o CFM, a telemedicina e as teleconsultas precisam seguir cinco princípios: a importância da relação médico-paciente, o papel central do médico, a ética médica, a preservação da privacidade de dados e do prontuário do paciente e facilitar o acesso dos pacientes aos atendimentos. "A telemedicina chega para ajudar na melhoria do sistema de saúde coletivo, seja ele privado ou público, que é o SUS. A transferência de conhecimentos entre médicos que estão distantes evita que pacientes se desloquem de uma cidade para outra apenas para

aquisição de uma receita, por exemplo. Tudo isso é um avanço na área da saúde", afirma o vice-presidente do conselho, Donizetti Filho.

"A telessaúde se mostrou viável e eficaz, e sua aprovação em definitivo contribuirá para a coordenação do cuidado com o atendimento primário, o acesso aos médicos em qualquer lugar. Além disso, garante o suporte à alta demanda por triagem e pronto atendimentos e direciona de forma mais precisa os casos que necessitam do atendimento presencial", pondera o coordenador do Comitê de Telessaúde da Abrampe, José Luciano Monteiro Cunha.

No país, cerca de 9 milhões de pessoas possuem

mais de mil atendimentos por dia, cerca de 40 mil pronto atendimentos digitais em um único mês. Na rede estadual e municipal de João Pessoa estão contabilizados mais de 70 mil pacientes atendidos, com sintomas gripais e da covid-19, de forma virtual.

O diretor de fiscalização e de comunicação do Conselho Regional de Medicina da Paraíba (CRM-PB), Bruno Leandro de Souza, pontua que a telemedicina é algo que já existia no país, mas com a pandemia ganhou notoriedade e pode ser dividida em três partes: a teleconsulta, em que o paciente é atendido direto por um médico; a teleinterconsulta em que o médico conversa com outro médico à distância sobre o caso do paciente e o telediagnóstico, em que o médico analisa imagens, lâminas ou exames para que possa diagnosticar o paciente, através de videochamadas.

O profissional de saúde acredita que essa é uma tecnologia importante para aproximar os médicos dos pacientes. "O CRM-PB apoia a telemedicina, pois essa modalidade promove a equidade entre os pacientes que podem ir ao consultório e os que estão distante fisicamente dos hospitais ou clínicas. Com certeza veio para ficar e se tornou indissociável no cotidiano desde 2020. A tecnologia é indispensável na vida das pessoas, usamos a todo tempo e acreditamos que os serviços não cessarão no período pós-pandêmico", diz o representante do CRM-PB.

Por outro lado, o médico explica que a desvantagem é que a telemedicina não substitui integralmente a presença física do paciente. "Muitas vezes o médico precisa ver a pessoa andar, tocar em sua pele ou sentir cheiros. A presença física ainda é fundamental para muitos casos", diz Bruno.



## Planos investem na consulta on-line

Muitos planos de saúde investiram na modalidade de consulta a distância com a pandemia. Eles vêm conseguindo agilizar os atendimentos, que podem acontecer com uma fila de espera virtual que dura menos de 10 minutos. Bem diferente das consultas presenciais, em que os pacientes aguardam uma manhã ou uma parte inteira para pegar uma receita, por exemplo.

"Através do nosso sistema de pronto atendimento digital, o paciente consegue entrar em um portal de teleconsultas, através do seu smartphone, e receber as orientações médicas, suas receitas e até mesmo solicitações de exames no conforto do seu lar, com toda segurança, de uma forma bem mais ágil. Evitando também a superlotação em salas de emergência dos hospitais e a contaminação de ambos: paciente e médico. A gente percebe que existe uma mudança cultural da população em procurar os serviços digitais na área da saúde. Nossa sociedade é digital e a saúde não vai ser diferente disso", ilustra o médico José Luciano Cunha, diretor corporativo de Telemedicina do Sistema Hapvida.

De acordo com o coordenador da teleconsulta da Unimed-JP, o anesthesiologista Gilvandro Lins, a telemedicina foi responsável por diminuir a demanda de atendimento, as aglomerações entre os pacientes durante essa pandemia, porque as pessoas conseguiram resolver problemas de saúde sem a necessidade de ir para um hospital, onde haveria o risco de contágio com o novo coronavírus.

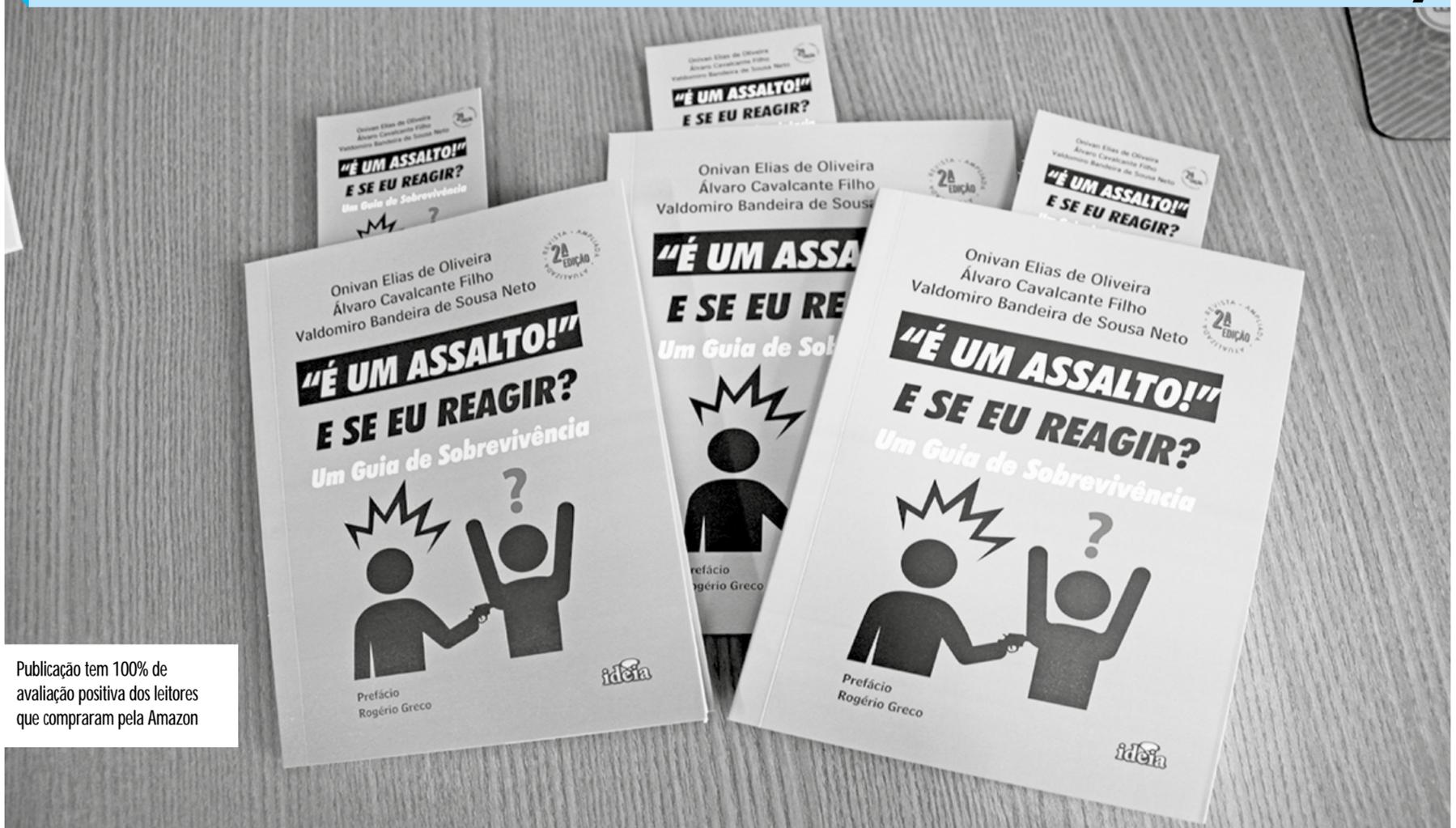
No ponto de vista de empatia e confiança, o médico ressalta que estudos mostram que a telemedicina atende de forma adequada e desmistifica o conceito de distanciamento que se tinha no início do serviço. "As pessoas estão mais abertas a esse tipo de ação. O atendimento virtual é, sim, adequadamente suplantado porque o paciente se sente muito acolhido em ter um médico que o escute e lhe dê atenção, acrescenta o médico. Ele lembra também que

já existem vestuários digitais, como alguns tipos de relógios e aparelhos celulares que facilitam a realização de exames, pois são capazes de facilitar a medição de pressão arterial, batimentos cardíacos, qualidade do sono, percentual de gordura e tudo isso é usado na consulta virtual para se chegar a uma opinião mais assertiva para o paciente.

Pacientes que precisaram da teleconsulta durante essa pandemia elogiam os serviços e comprovam eficácia no atendimento, como é o caso de Rozane Macedo de Lucena, de 54 anos, que com receio de ir até uma unidade de saúde em João Pessoa, onde mora, foi aconselhada a procurar o serviço de teleconsulta. "Comecei a sentir febre, dor de cabeça, sem sentir cheiro e fiquei com medo de ir ao médico. Então fiz a consulta virtual, em que os sintomas indicavam que estava com covid-19. Então fiz o tratamento sem precisar sair de casa e não contaminei outras pessoas".

A teleconsulta também foi primordial para o tratamento do produtor rural Eduardo Carraro, de 61 anos, que foi internado com a covid-19 e através de uma teleinterconsulta entre seu médico lá no Sertão, e um pneumologista da capital perceberam a necessidade de uma transferência por UTI aérea. "Quando meu pai começou a baixar a saturação mesmo tendo saído da entubação, ficamos muito preocupados e através da telemedicina conseguimos salvar meu pai, que depois de 19 dias de UTI, intubação e várias fisioterapias teve alta", conta sua filha Caila Eduarda Carraro, de 35 anos.

O professor Weverson Bezerra, de 31 anos, relata que começou a sentir dores abdominais muito fortes, que nem conseguia andar, e a teleconsulta foi essencial para que ele fosse atendido sem se expor ao novo coronavírus. "No início de maio fiquei muito mal da barriga e após ser atendido por videochamada pude comprar os remédios e agendar os exames. Só em eu não ter passado horas para ser consultado, foi uma experiência satisfatória".



Publicação tem 100% de avaliação positiva dos leitores que compraram pela Amazon

# Livro escrito por PMs orienta a não reagir a ação criminosa

Motivados por uma experiência real de sequestro relâmpago, policiais ensinam o que fazer em situações de risco

**Cardoso Filho**  
josecardosofilho@gmail.com

A reação a um assalto é uma tentativa de evitar que o marginal se apodere dos seus bens, mas essa ação pode provocar consequências irreparáveis, inclusive, perder a própria vida. Para servir de orientação à população no momento em que a pessoa passa por essa situação, o tenente-coronel Onivan Elias de Oliveira em coautoria, com o major Álvaro Cavalcante Filho e o cabo Valdomiro Bandeira de Sousa Neto, todos da Polícia Militar da Paraíba, resolveram escrever o livro com o título “É um assalto!. E se eu reagir?”.

Para produzir o livro, Onival disse que a fonte de inspiração para o início das pesquisas foi o sequestro relâmpago sofrido pelo cabo Bandeira (coautor) em 2013, na Avenida Governador Flávio Ribeiro Coutinho (Retão de Manaíra), em João Pessoa. Ao final, dos três criminosos, um acabou morrendo, outro ficou ferido e o terceiro preso pela vítima que reagiu armada.

Desse episódio, percebeu-se que os policiais não estavam devidamente treinados para quando fossem vítimas de roubo estando fora de serviço e, por exemplo, decidissem reagir, fazerem com mais consciência e domínio das suas próprias atitudes. “Como mostramos na obra, vários deles infelizmente perderam a vida quando foram vítimas de roubo estando fora de serviço”.

“Disso surgiu a inspiração para, em equipe com o major Álvaro e o cabo Bandeira, iniciarmos uma pesquisa para melhor compreender o fenômeno e extrair lições para minimizar os riscos à vida da vítima, independentemente de ser policial”.

Após ter concluído o programa de Doutorado em Ciências Policiais no Centro de Altos Estudos de Segurança na Polícia Militar do Estado de São Paulo em 2014, Onivan se aprofundou na catalogação, sistematização e análise de casos de roubo ou latrocínio ocorridos somente no Brasil e nos 26 estados e no Distrito Federal, “para, dessa

pesquisa, compreendermos o modus operandi dos criminosos e estabelecermos orientações comportamentais para os nossos alunos (policiais ou não) no sentido de aumentar as chances de: primeiro não ser a próxima vítima e, segundo, se for, conseguir sobreviver”.

Onivan explica que o livro é oriundo de pesquisa 100% nacional com casos de roubo ou latrocínio (roubo que resulta na morte da vítima) ocorridos somente no Brasil, sendo direcionado para qualquer pessoa que deseja evitar ser a próxima vítima ou, se for, sobreviver a esse crime violento que assola o povo brasileiro cotidianamente.

O autor do livro, para escrever a obra explicou que sua inspiração principal foi nos policiais que, centenas deles foram vítimas quando estavam fora de serviço desse crime violento e covarde. Constatamos que o treinamento oferecido para quando o policial está em serviço e trabalhando em equipe, não é aplicável para quando ele está sozinho, fora de serviço, sem colete balístico, sem apoio de outros colegas, enfim, sem o aparato estatal que é inerente à atividade policial. Lembrando que a vítima, independentemente de ser policial, muitas vezes estará em inferioridade numérica o que dificulta às vezes uma reação exitosa.

As pesquisas até a edição do crime foram iniciadas em 2013, enquanto que o livro começou a ser escrito em 2019 “após consolidarmos e analisarmos centenas de reportagens em textos e vídeos sobre a temática. Em 2020, concluímos enviando em seguida à editora. Em 2021 publicamos a segunda edição incluindo os dados analisados até dezembro de 2020”, explicou.

Onivan confessa que se surpreendeu com a aceitação por em tão pouco tempo alcançar leitores policiais ou não nos 26 estados e no Distrito Federal. “Temos, por exemplo, 100% de avaliação positiva dos leitores que adquiriram o livro pela Amazon. É uma marca bastante significativa para o mercado literário”, comemora.



## Tenente-coronel prepara mais três publicações

Onivan Elias de Oliveira é tenente-coronel da PMPB. Doutor em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública e Bacharel em Segurança Pública. Foi o primeiro comandante do Grupamento de Ações Táticas Especiais (GATE); da Companhia de Polícia de Choque e do Centro de Pós-Graduação e Pesquisa. É autor do livro “É um assalto! E Se eu reagir? Um guia de sobrevivência”, lançado em 2020 pela Editora Ideia de João Pessoa/PB. O oficial é também autor

do livro “Você Sabe com Quem Está Falando?” Usando a Programação Neurolinguística na Aplicação da Lei, também pela editora Ideia, bem como coautor do Livro “Atividade de Polícia e Uso da Força”. Ele está projetando o lançamento de três novos livros, dois em coautoria com outros policiais e um como autor. Um deles com o título “Prática Docente com Estratégias da Programação Neurolinguística (PNL), que pretende lançar no segundo semestre de 2021.

Recentemente Onivan Elias participou de um webinar sobre segurança com a participação de representantes de tribunais estaduais, TRT, UFPB, PM e OAB, na abertura do Projeto Segurança em Pauta, da Gerência de Segurança Institucional do Tribunal de Justiça da Paraíba. “Nesse evento tivemos a honra e alta responsabilidade de sermos o primeiro palestrante convidado. Os comentários recebidos são os melhores possíveis, incluindo manifestações de juizes de



Onivan explica que um dos novos livros deve sair ainda este ano

várias partes do Brasil e servidores do próprio Poder Judiciário paraibano. Conseguimos discutir alguns paradigmas nessa temática, entre esses o do ‘nunca reaja’. Mostramos vídeos que, pessoas vítimas de roubo, mesmo não reagindo e entregando os seus pertences, ainda assim foram assassinadas pelo assaltante”.

## Edição

Livro possui 278 páginas, sendo várias coloridas, incluindo as tabelas, figuras e gráficos que mostram os perigos de uma reação

### SERVIÇO

O livro conta com 278 páginas, sendo várias coloridas incluindo as tabelas, figuras e gráficos. Tiragem: 2.500 exemplares.

Autores: TC Onivan Elias de Oliveira; Coautoria: Major Álvaro Cavalcante Filho / Cabo Valdomiro Bandeira de Sousa Neto Editora: Ideia ([www.ideiaeditora.com.br](http://www.ideiaeditora.com.br))

Como adquirir: site da editora;

O leitor pode encontrar no site da editora Ideia ([www.ideiaeditora.com.br](http://www.ideiaeditora.com.br)), pelo Amazon ([www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br)) ou diretamente com os autores pelo Instagram (@bandeira\_b77 ou @linhadefrente.info).

Adquirindo diretamente com os autores é oferecido um desconto. Parte do valor arrecadado é doado para duas instituições filantrópicas: Associação Beneficente Heróis do Rio de Janeiro (ABHRJ) e Associação dos Policiais Militares Deficientes Físicos do Estado de São Paulo (APMDESP)

### Autobiográfico:

Capítulo intitulado “Na Hora da Verdade Sobrevivi” que é o auto relato do Cabo Bandeira, descrevendo passo a passo o crime em que ele foi vítima. Os demais capítulos são oriundos de várias pesquisas que também consultamos; além de agregar conteúdos da Programação Neurolinguística (PNL) e outros.



Fotos: Teresa Duarte

# Pilões é famosa pelo clima ameno e atrações naturais

Município localizado no Brejo vai implantar o “Caminho das Águas Limpas” para incrementar ainda mais o turismo

**José Alves**  
zavieira2@gmail.com

Com uma paisagem serrana e temperatura agradável que atrai turistas de diversas regiões do Brasil, o município de Pilões, situado no Brejo paraibano, se destaca por fazer parte das Rotas Culturais Caminhos do Frio e Raízes do Brejo em parceria com vários municípios da Região. O turismo ecológico e a agricultura familiar são os segmentos que mais movimentam a economia da cidade, principalmente com a plantação e exportação de banana para diversos municípios, inclusive João Pessoa.

Por outro lado, a gastronomia e o artesanato também são responsáveis pela geração de emprego e renda da população local.

Segundo o secretário de Turismo de Pilões, Jaime Neto, um novo projeto foi desenvolvido para incrementar ainda mais o turismo do município. Trata-se do ‘Caminho das Águas Limpas de Pilões’. “Um projeto que visa enaltecer as cachoeiras existentes na localidade, sendo as principais as cachoeiras do Poço Escuro, do Ouricuri e da Manga. O projeto vai beneficiar 30 famílias de cinco comunidades rurais através da economia criativa. Pelos

caminhos das Águas Limpas, várias trilhas ecológicas serão exploradas por aventureiros de todo o Brasil.

O que mais vinha movimentando a cidade comercialmente e economicamente antes da pandemia era o projeto ‘Terça cultural’ e a ‘Cooperativa da Floricultura’. “Desde o ano passado essas atividades foram desativadas por causa da pandemia provocada pelo novo coronavírus”. A Terça Cultural teve que ser desativada porque atraía milhares de pessoas todas as terças no Mercado Público da cidade, com a participação de artistas da região e muito forró pé de

serra. Já as cooperadas da Floricultura tiveram que se reinventar e migraram para horticultura.

O objetivo delas é criar com o apoio da prefeitura, um restaurante rural especializado em comida vegetariana que vai servir produtos orgânicos aos consumidores. Tudo produzido pelas cooperadas. “Inclusive, elas já estão fornecendo suas produções para feirantes e supermercados feitos a base de gengibre, beterraba, cenoura, pimenta e quiabo, que são os legumes mais plantados pelas cooperadas”, informou Jaime Neto.

Ele enfatizou que a Vila

Criativa Pau D’arco é a nova menina dos olhos de ouro da cidade. É uma comunidade que vem se destacando para o turismo por ter uma fábrica de cocada, que desponta como mais uma fonte de emprego e renda para os pilõesenses, e já fornece o produto para o comércio do Brejo. Do lado da fábrica tem uma capelinha que é bastante visitada pelos turistas que visitam a vila. Lá são produzidos diversos tipos de cocadas, principalmente a cocada de banana.

Na culinária regional, o turista que chega a Pilões encontra uma enorme variedade de doces, salgados,

e pratos especiais da região como buchada, picado, lasanha e arrumadinho, todos com um toque regional a base de banana e derivados da cana-de-açúcar.

Os principais pontos turísticos de Pilões são a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus com sua bela escadaria no Centro da cidade, as cachoeiras e o Memorial Casa da Farinha, que se encaixa no chamado turismo de vivência e experiência. Lá, os visitantes são recebidos com um especial coffee Break com produtos extraídos da mandioca. A Feira do Agricultor é outra atração turística e cultural da cidade.

## + Festividades e aspectos econômicos

A principal festa do município é a da emancipação de Pilões realizada anualmente no dia 20 de agosto e que tem duração de três dias. A população que é predominantemente católica também faz todos os anos uma apresentação ao ar livre da Paixão de Cristo durante a época da Semana Santa. O evento atrai mais de cinco mil pessoas ao largo da Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, padroeira da cidade, onde o Teatro Padre Mateus, com seus mais de cem atores e figurantes, faz uma apresentação com duração de duas horas. Da mesma forma, o Auto do Natal é celebrado no mesmo espaço.

De acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Pilões, está estimada em 6.978 habitantes. Possui uma área de 64,4 km<sup>2</sup> e fica a 120 quilômetros de João Pessoa. Segundo historiadores, no passado o município abrigou muitos engenhos de rapadura, onde a aristocracia rural do final do século XIX construiu belas casas.

Durante muito tempo, o município

baseou sua economia no plantio da cana-de-açúcar para a produção da rapadura e da cachaça. Mas as atuais fontes de renda são a produção da banana, do urucum, da castanha de caju, da mandioca, e a criação de rebanhos bovinos e caprinos. Antes da pandemia, o destaque econômico era a produção de flores, mas no momento a atividade está desativada.

Pilões está situada na mesorregião do Agreste Paraibano e tem como municípios vizinhos Serraria, Areia, Alagoinha, Pilõezinhos e Cuitégi. O município dispõe de 16 escolas públicas. Desse total, 14 são da Rede Municipal e duas são da Rede Estadual. A cidade também dispõe de uma biblioteca municipal, equipada com computadores e tem um acervo razoável de livros didáticos e paradidáticos. No que diz respeito ao transporte escolar, a cidade tem um sistema que faz o transporte do alunado da zona rural até o centro, e também transporta alunos até a cidade de Guarabira onde eles fazem cursos específicos, não disponibilizados pela rede de ensino local.

## Região foi distrito de Areia e Serraria

Com o domínio português, os habitantes de Mamanguape aumentaram seu domínio comercial e provocaram o surgimento de novos núcleos populacionais. Pilões foi envolto por essa área de influência. De acordo com informações de antigos moradores, os fundadores de Pilões foram os Arouxas e os Abreus. Mas as citadas famílias não deixaram vestígios.

Em 1815, Pilões passou a pertencer

ao município de Areia e em 13 de dezembro de 1897 é transferido para Serraria. E em 15 de novembro de 1938, o Distrito de Pilões de Dentro passou a denominar-se Entre Rios, e no dia 31 de dezembro de 1943, o Distrito de Entre Rios passou a denominar-se simplesmente Pilões. Elevado à categoria de município com a denominação Pilões, em 20 de agosto de 1953, se desmembrando de Serraria.



Acima, Cachoeira do Roncador; abaixo, vista da cidade do alto da Igreja Matriz



Vista de um dos engenhos fechados que existem no município



Neste domingo, será lançado, em debate virtual, o ensaio 'Desmistificando o feminismo e a mulher inventada pelo machismo', da jurista Carla Fernandes Barros (foto). [Página 12](#)



Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

# Arte que nasce da periferia da capital

Uma das promessas paraibanas na área, o artista visual Hicor já recebeu o Prêmio Amelinha Theorga, da Secult-PB

**Joel Cavalcanti**  
cavalcanti.joel@gmail.com

Dentro de um carro, separado por um vidro sempre fechado, alguém se apressa em sinalizar negativamente com o dedo para um menino que se aproxima. Certamente não é o primeiro e nem será o último "não" que ele vai receber. Entre o semáforo e um artista existe uma escola que diz "sim", e isso transformou a vida desse menino que se chama Hicor, nome com o qual Felipe da Silva Batista assina seus quadros e ganha cada vez mais espaço para além dos limites de sua comunidade na periferia de João Pessoa.

O nome vem de uma brincadeira que ele tinha com a sua avó, durante a infância. Foi uma variação criada a partir do nome Igor, como foi sugerido que ele fosse chamado antes de nascer. "Quando fiz 19 anos, tive vontade de criar uma persona artística minha. Eu queria dar um nome que tivesse intimidade e me identificasse", conta. Foi como brincadeira e de forma improvisada que ele começou a despertar seu gosto para a expressão artística. "Quando era pequenininho, pegava o resto de carvão de minha avó e brincava com isso. Eu fui crescendo e aprendendo a desenhar sozinho", lembra ele, que só viria a manusear as tintas óleo e acrílica, matérias-primas da arte plástica, na ECIT Alice Carneiro, escola que fica em Manaíra, bairro vizinho à comunidade São José, onde mora o jovem artista.

Há quatro anos, Hicor teve sua primeira exposição. Foi um evento coletivo com os colegas de turma. "Foi quando eu me senti um artista e vendi meu primeiro quadro. Muita gente veio para olhar o nosso trabalho", relata ele, que não lembra mais o nome que deu à obra, mas recorda que recebeu em troca R\$ 300. "Agora que tenho um pouco mais de noção, vejo que é muito pouco". Com o dinheiro, ele investiu em material de trabalho para realizar sua primeira mostra fora da escola, dessa vez com a amiga Karol Fortunato. Primeiro em uma livraria da capital, em seguida, em uma reunião de secretários de Educação.

No início desse ano, mais um passo que confirma a trajetória de sucesso de Hicor. Um de seus quadros, *Renascimento*, recebeu o Prêmio Amelinha Theorga, oferecido pela Secretaria da Cultura da Paraíba (Secult-PB) com recursos da Lei Aldir Blanc, através de concurso que envolveu mais de 200 artistas. O quadro do pavão com cauda aberta em leque foi escolhido para fazer parte do acervo público e adquirido por R\$ 5 mil. O valor foi o maior já recebido pelo artista por uma de suas obras. Com esse montante, ele pagou as contas atrasadas em casa, e com o restante comprou material para pintar e um notebook, com o qual pretende se especializar em desenho gráfico.

No processo entre os desenhos em carvão até a ajuda no orçamento doméstico, a família nem sempre entendeu o gosto do jovem para as ar-

tes, mas também nunca o deixou de apoiar. Hicor costuma pintar durante a madrugada, período que coincidia com o horário que seu pai chegava em casa depois de trabalhar como segurança. Além de seu pai, atualmente desempregado, Hicor divide o espaço com sua mãe, que trabalha apenas em casa e seus dois irmãos caçulas, ambos de 14 anos. Afora seu trabalho nos semáforos, na adolescência, ele passou a lavar carros e fazer bicos de barman em eventos. Quem o tirou dessa rotina foi a pintura. "Aos 17, parei para conseguir pintar e investir no que queria".

Não é só com talento que se constrói um artista. Hicor sempre chamou a atenção de seus professores por seu empenho pelos livros. Ele lembra que passava horas na biblioteca da escola estudando as obras dos mestres impressionistas como Monet e Van Gogh, e sempre se interessou em especial pelo período renascentista. "Eu filtrei um pouco disso na minha cabeça. Querendo ou não, isso reflete um pouco na minha técnica", afirma ele, que comenta também que jamais sentiu, todavia, uma identificação forte sua que fosse própria dessa estética. "A minha revolução é colocar pessoas pretas em obras de arte", frisa.

Na imaginação de Hicor, a natureza e a identidade de afro-brasilidade estão unidas. "Tento relacionar coisas que tenho boas memórias. A natureza é a maior professora para um pintor, e o negro, a coisa mais revolucionária que eu já fiz no meu trabalho".

As artes plásticas é um ramo da produção cultural pouco acessível à maioria da população, o que dificulta fazer dele um caminho rentável e seguro. Hicor está ciente desse contexto, mas isso não o faz recuar de suas vocações. "Eu sou um boy novo, tenho 21 anos de idade, morador de uma favela e isso amedronta, sim. A arte tem essa seletividade", analisa o artista que se enfaixa com o apoio de sua comunidade, que conta com um painel com grafite enorme bem em frente de sua casa. "Eu sei muito bem o que posso significar e o exemplo que posso ser. Por isso que eu quero me manter lá".

No último ano do Ensino Médio, o objetivo de Hicor agora é cursar Artes na UFPB. Mas seus sonhos vão além do conhecimento acadêmico. "Quero olhar para mim e ficar satisfeito com tudo que fiz, realizando exposições no mundo inteiro e fazendo murais em João Pessoa e São Paulo. Seria incrível passar na rua e ver um mural meu". Quando esse dia chegar, o motorista que acenou "não" ao jovem no semáforo vai passar mais devagar para admirar o que Hicor é capaz.



Através do QR Code acima, acesse o perfil oficial do artista no Instagram

Com foco na Natureza e na valorização da identidade de afro-brasilidade, Hicor (foto ao lado) cria obras como a premiada 'Renascimento' (imagem maior abaixo), além de retratos de figuras negras e de bastiões da música como Jackson do Pandeiro e Sivuca (este último pintado a quatro mãos com a jovem artista Vitória Maria)



Fotos: Divulgação

## Professor voluntário faz a diferença para os alunos artistas

Foto: Divulgação



Exemplo de pintura de Karol Fortunato, uma das alunas da iniciativa na Rede Estadual de Ensino

O caso de sucesso de Hicor tem ganhado bastante destaque em virtude de sua qualidade, mas ele não é o único. Na verdade, ele faz parte de um projeto maior que tem mudado a realidade do acesso ao estudo e às práticas artísticas dos estudantes da Rede Estadual de Ensino, em especial na ECIT Alice Carneiro.

Foi lá que, de forma voluntária, o artista visual paraibano Glaucio Figueiredo, que é professor doutor em história da arte na Universidade Federal de Campina Grande, se tornou um dos grandes incentivadores de talentos como o de Hicor. "Quando comecei as aulas, notei que ele tinha um grande talento, não só ele como vários.

Foi isso que me fez entrar nesse projeto, junto com a professora Francineide Lira, porque visitei a escola apenas para dar uma palestra. A partir daí, me mostraram os trabalhos dos alunos e recebi o convite para dar aulas lá voluntariamente", conta o professor.

Glaucio lembra que ele começou dando aula de desenhos e, entre os alunos que se destacaram, foram selecionados cerca de 12 para que fosse ensinado a pintar. O curso já está na sua terceira turma acumulando algumas exposições coletivas.

O professor destaca ainda outros dos seus alunos. "A Karol Fortunato é um talento incrível, está vendendo quadros e já é uma

profissional", atesta ele, citando também outros nomes como Rômulo Vidal e David Ricklaive.

A descoberta de tantos talentos traz a curiosidade se existiria de fato uma grande quantidade de artistas não descobertos ou caso se trate de algo excepcional que acontece na escola Alice Carneiro. A resposta é a mais previsível possível: o que falta é oportunidade. "Se você chegar em uma escola e dar uma chance, vai ter gênios não apenas na matemática, física ou química. Tudo é uma questão de dar chances às pessoas se desenvolverem. Cada turma que eu pegue eu fico impressionado. Esse pessoal só precisa de uma chance", conclui Glaucio Figueiredo.

## Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | colaborador

## Existem espíritos evoluídos?

Ariano Suassuna reclamava da má sorte de aparecer em sua casa pessoas tentando convertê-lo ou querendo interferir nas suas ideias. Numa dessas investidas, um amigo dramaturgo tentou dissuadi-lo a mudar os nomes dos personagens João Grilo e Chicó por achá-los regionais demais, difíceis de traduzir para outros idiomas. De quebra, sugeriu que mudasse a ambientação da peça; que deixasse de lado o Sertão e os cangaceiros e todo aquele universo simbólico, já que, no seu modo de ver, as pessoas estariam de saco cheio daquelas histórias. Podemos imaginar o tamanho da perda para a literatura e a cultura nordestinas se o escritor paraibano tivesse embarcado nesses conselhos.

Com raríssimas exceções, recebo a visita desses “empreendedores de ideias” em minha casa, mas o mesmo não posso dizer da frequência com que eles aparecem nas redes sociais. Esta semana, um amigo tentou me convencer, por meio do WhatsApp, que todo salto tecnológico que conseguimos nos últimos 100 anos se deve aos Senhores do Universo, que enviaram seres evoluídos para a Terra e nos livraram de um mundo de trevas.

Seu principal argumento é que não faz o menor sentido que apenas nos últimos 100 anos a humanidade tenha alcançado um estágio de desenvolvimento tecnológico tão avançado, considerando que os seres humanos vivem no planeta há 8 mil anos (existem registros de homo sapiens que remontam há 120 mil anos). Trata-se de um raciocínio com equívoco histórico. É como se já nos fossemos intelectualmente acabados e não fôssemos acumulando conhecimentos, desenvolvendo culturas, criando técnicas, diferentes sistemas sociais e de ideias. Foram milhões de anos até nossos ancestrais desenvolverem a capacidade de ordenar mentalmente eventos, atribuindo-os uma lógica. Sem tal capacidade, afirmam os biólogos, estaríamos privados de faculdades como imaginação, abstração, previsão e simbolização. A partir daí foi possível criar a linguagem, talvez a nossa maior invenção.

O desenvolvimento humano foi lento (na perspectiva individual, é claro) e bastante prodigioso. Criamos ferramentas, agricultura, domesticamos animais, controlamos o fogo, inventamos a roda, a escrita, os mitos, as religiões, a matemática, as artes, as ciências, os alfabetos e uma infinidade de coisas.

Quando olhamos por esta perspectiva, tais façanhas parecem ter ocorrido em um curto espaço de tempo.

Os avanços tecnológicos dos últimos 200 anos precisam ser compreendidos com base em processos históricos que abarcaria mudanças radicais na forma como organizamos a sociedade, como o surgimento do capitalismo, de uma nova racionalidade, do industrialismo e também em grandes rupturas com as formas de pensamentos tradicionais e o estabelecimento do método científico. O Renascimento e o Iluminismo, especialmente este último, foi mais importante para livrar-nos das “trevas” de qualquer “espírito evoluído”.

Outro problema de uma argumentação que atribui aos avanços tecnológicos da modernidade a espíritos evoluídos, é reduzir a importância humana. Não se trata de dar um “chega pra lá” na arrogância ou vaidade humana, mas de retirar-lhe todo mérito. Já ouvi muitas histórias sobre extraterrestres serem responsáveis pela construção das pirâmides do Egito, ideia imortalizada por Erick von Daniken no livro *Eram os Deuses Astronautas*. Autor que seria posteriormente desmascarado por suas fraudes pseudoarqueológicas.

Tenho uma amiga que, desde que entrou para uma seita mística, jura conhecer um alienígena. Ela diz que aprendeu uma técnica para tirar a própria alma do corpo e que é capaz de se comunicar através de telepatia com outras pessoas que também possuem tais poderes especiais. Confesso que as duas primeiras hipóteses que tive, foram: a) havia enlouquecido; b) era uma trapaceira. Descartei imediatamente a segunda opção, por se tratar de uma pessoa muito honesta, e fiquei relutante em acreditar na primeira. Ela realmente acreditava no que dizia, não que estivesse louca, mas por uma questão de fé. Fé é acreditar sem ter provas. Mas provas é a última coisa que essas pessoas desejam.

Nesses casos, prefiro sempre usar a Navalha de Ocam e o princípio *Pluralitas non est ponenda sine neccesitate*, ou “a pluralidade não deve ser colocada sem necessidade”. Se podemos explicar algo por meio de variáveis mais simples, não há necessidade de apelar para respostas mirabolantes. Se historiadores e arqueólogos são capazes de explicar a construção das pirâmides pelos próprios egípcios, não há motivos para apelar para a teoria dos astronautas antigos, a não ser pelo desejo de dar um tom de mistério e misticismo a grandes feitos humanos.

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias  
klebmaux@gmail.com | colaborador

## Musicalidade da saúde mental e física

A força vibracional da música sempre exerce um impacto no corpo humano, isso pode ser usado em tratamento terapêutico. As frequências, os ritmos e harmonias são aplicados para potencializar o melhor desempenho da saúde mental e corporal. Nesse contexto, a música é estudada através do método científica, social e pessoal.

Diante da História da humanidade, sabe-se que as comunidades antigas – entre essas estão as gregas e regiões do oriente do período de 8 mil antes de Cristo – apresentaram a música como manifestação da natureza e do corpo humano. Essa fusão possibilitou o surgimento da arte musical. Esse ideal de “beleza” espontânea incorporou a música à socialização. Dessa forma, observa-se – naquelas comunidades antigas – que o pertencimento do ser social estava direcionado ao coletivo e intelectualizado através do som, porque a música representava manifestações coletivas duma tribo e construía o bem-estar social e a boa saúde mental e corporal em cada membro da tribo. O poder de unir os membros através da música potencializou a necessidade de criar instrumentos que representassem os sons da Natureza e emoções do corpo humano. Por exemplo, a música que descrevia a paisagem dum anoitecer era acompanhada por um timbre agudo muito suave, de forma a transferir a força dessa imagem ao corpo humano. Noutras circunstâncias, a música de guerra era acompanhada por timbres de metal com som muito estridente, com o objetivo de assustar e afastar o invasor.

Os artistas daquela época também direcionaram as vibrações da música ao transcendental, geralmente ao mito ou deuses. A música, ao contemplar os deuses e ao Divino, expandiu as melodias e harmonias do Oriente ao Ocidente; simultaneamente, difundiu os “modos” gregos, que apresentaram as tradições culturais e descreveram as regiões da antiga Grécia. Entre esses “modos” temos: da Dória, o dórico; da Frígia, o frígio; da Lídia, o lídio; da Jônia, o jônio; da Eólia, o eólio e o “modo” mixolídio, que une os “modos” lídio e dórico. A partir da Alta Idade Média, aproximadamente no século 6, o cristianismo massificou as técnicas de composições por toda Europa, a fim de tornar a música numa “arte divina”. Naquele período surgiu o canto gregoriano, que recebeu o nome de cantochão (*Cantus*



Foto: Divulgação  
Compositor francês Jean-Philippe Rameau, autor do Tratado de Harmonia Reduzido aos Princípios Naturais

*Planus*), por causa dos sons serem sempre iguais em duração e intensidade. Essa musicalidade contemplava os salmos e rituais litúrgicos das Igrejas Católica Romana e Ortodoxa. Nessa musicalidade, encontra-se as melodias e harmonias que influenciaram a tradição da música no Alto e Baixo período medieval. No século 14, a música incorporou o erudito e o profano. Naquele período renascentista, os compositores massificaram música profana. Essa composição não apresentava o texto litúrgico e sagrado da tradição medieval, e priorizou a cultura popular. Naquele período, a música deixou de acompanhar as vozes humanas e destacou os sons dos instrumentos. Nesse contexto, o Renascimento valorizou as emoções humanas e descreveu os interesses da sociedade; também valorizou a importância do homem diante do Universo. Percebe-se, naquele período, que a música instrumental apresentou uma leveza mais harmoniosa e se aproximou da beleza da Natureza.

A música Ocidental pode ser estudada em seis períodos, que são estes: o medieval, dos rituais judaicos e cristãos de 230 até 1450; o Renascentista, de 1450 até 1600; o Clássico/Barroca/Rococó, de 1600 até 1750; o Neoclassicismo, de 1750 até 1810; o Romantismo, de 1810 até 1910; a música do século 20 aos dias atuais.

A música Ocidental adquiriu a maturidade técnica a partir do Tratado

de Harmonia Reduzido aos Princípios Naturais (1722), do compositor francês Jean-Philippe Rameau (1683-1764). Esse Tratado permitiu a música se tornar uma ciência. Rameau buscou as relações entre sons e números e estabeleceu os princípios harmônicos que estão na Natureza, na forma como o ouvido percebe as combinações de sons e seus efeitos. Ele criou uma harmonia a partir das Leis da Física, Matemática e Filosofia. Também, subordinou a melodia à harmonia. Ele considerou as diferenças de oitava em termos harmônicos; e a nota mais baixa de uma corda em vibração como o fundamento da construção da harmonia através dos seus harmônicos; Rameau afirmou que quaisquer acordes que fizessem uso das mesmas notas, em qualquer posição que estivessem, eram essencialmente o mesmo acorde. Dessa forma, ele criou a técnica da inversão de acordes. Rameau explicou cientificamente a revolucionária relação entre a tônica, dominante e subdominante, a partir de duas séries de quintas – ascendente e descendente – ao considerar a primeira a origem da dominante, que representa o “reino da alegria, da luz e da força”; a segunda, a origem da subdominante, considerada triste, fraca e sombria. Também propôs a construção de novos instrumentos e o aperfeiçoamento do canto através dos princípios que apresentou. As contribuições de Rameau deram início aos estudos da teoria da psicologia aos efeitos das escalas musicais à Natureza e corpo humano. Ele afirmou: “Quando a pessoa percebe que a Música dada pela Natureza é tão absolutamente perfeita e completa... Como não vai crer que esta arte, que pensáramos ser feita apenas para nosso deleite, na verdade foi planejada pela Natureza para nos servir com uma utilidade mais adequada às suas intenções?” No Tratado de Rameau, encontramos a busca de um método científico, e também os princípios da música a partir das Leis da Natureza, que influenciam a compreensão e unicidade entre as Ciências.

■ Sinta-se convidado a audição do 323º Domingo Sinfônico, deste dia 20, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças dos compositores italianos Muzio Clementi (1752-1832) e Antonio Salieri (1750-1825).

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## A memória da dor

Em outubro de 2022, 30 anos do massacre de Carandiru. Lembro do quanto ficamos assustados com os 111 mortos. Hoje estamos perto de 500 mil mortos pela covid – é uma covardia.

Carandiru começou a ser construída em 1911, projeto de Samuel das Neves e Ramos de Azevedo, famosos arquitetos da época. Levou nove anos para ser concluída.

Lembrei que em 1989, Dráuzio Varella deu início a um trabalho voluntário de atendimento de saúde, principalmente de prevenção e combate a Aids (a peste da época), na maior casa de detenção da América Latina, Carandiru.

Na penitenciária, havia cerca de 7 mil detentos para pouco mais de 5 mil vagas – isso é a cara do Brasil. Varella conheceu não apenas a rotina e os anseios dos presos, mas também as tragédias de suas vidas. Virou filme. O ator paraibano Luiz Carlos Vasconcelos faz o papel de Dráuzio Varella. Vou assistir novamente, quero ver a Lady Di, na pele de Rodrigo Santoro.

Luiz Carlos Vasconcelos nos representa. Antes de optar pela carreira de ator, ele pensou em ser médico. Acreditava que, exercendo a medicina, conseguiria mudar o mundo. Ou, pelo menos, aliviar o sofrimento de boa parte dele. É difícil.

Aqui na Paraíba, Luiz Carlos chegou a trabalhar como voluntário no Hospital Padre Zé, onde aprendeu a fazer curativos e a aplicar injeções. O aprendizado lhe foi útil para interpretar o médico Dráuzio Varella no filme *Carandiru*, de Hector Babenco.

Voltemos a Carandiru? Cento e onze homens mortos. Quase todos pretos e uma sensação de que Carandiru perdura. No tempo de uma vida, 2021, muitos tiros nos mesmos corpos de Carandiru, o Brasil tomou o rumo das piores notícias. Milicianos fazem horrores e policiais idem.

Custo a descrever que, no fundo no fundo, sejamos todos lindos e iluminados porque não, não somos. Assistimos às vítimas da covid, da tirania brasileira de quem manda e de quem obedece.

Queremos nossa vida de volta!

Queremos voltar a ser mais fortes sobre a memória da dor. Pelo menos o tempo perdido do senso prático a criar nossos filhos para que eles possam nos enterrar e não a gente enterrá-los. É cruel.

Carandiru é fchinha, para o que estamos vivendo. Crianças pulam de prédios, o feminicídio aumentou e ninguém faz nada. Balas perdidas encontram crianças e mulheres grávidas.

Na gaveta do cérebro de muitos há uma arma para o acaso, para dobrar uma esquina. Atenção: todos têm na gaveta uma arma para o acaso? Eu não tenho.

O sentimento de viver como prisioneiros nos assola. O de amar sem amor, é terrível.

Corpos mortos empilhados uns sobre os outros, familiares buscando notícias, gente que deixa o pai ou a mãe num hospital e sequer se despedem. Lá fora milhares de armas contrabandeadas.

Os políticos só pensam em 2022. Não fazem nada, o Brasil na lama e são gananciosos. Só se fala em quem vai ser o vice de quem. O governador João Azevêdo lutando para salvar vidas.

Custo a crer, pois todos a temer o dia que não vem, a noite que vem depois de cada pancada. As pessoas não estão mais conseguindo dormir. Amigos ligam pedindo socorro!

Outro dia escrevi sobre *Pixote*, cuja mão tremia no gatilho do que lhe era desconhecido, deitado na cama com Marília Pêra. Uma cena bela e triste.

Minha visão sangra. Não, não vou rever Carandiru. Tudo me assusta.

Custo, ou já nem custo tanto, a crer nos habitam monstros disfarçados de sensatez e ainda dizem que é para não usarmos máscaras.

Uns poucos, dizem, não sentem dor e talvez nisso resida o segredo, nossa sobrevivência é maior que a dor.

Por eles, por elas, por todos, uns buscam o calor da casa e ficam escondidos e a covid no convívio.

Por outros tantos, amores, só queremos a porta: a porta: e sair. Sair desse inferno.

## Kapetadas

1 - Indígenas recebidos com bombas na... Funai? É a cara do Brasil 2021.

2 - Geometria contemporânea: pessoas quadradas em círculos viciosos.

3 - Som na caixa: “E ao ouvir o silêncio sorridente de São Paulo diante da chacina”, Caetano Veloso.

**Alex Santos**

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## Mundo de Zé Lins, sua visão no cinema e homenagens (II)

Como iniciativa a homenagear um dos escritores paraibanos de singular acuidade nacional e internacional, bem posta foi a publicação da revista *José Lins do Rego - 120 Anos*, firmando-se mais um passo respeitoso à obra do homem público da cultura e das letras.

Na semana passada, em capítulo anterior a este, fiz um relato da minha relação com a obra de Zé Lins, revendo instantes da minha então infância na cidade de Santa Rita. E não terá sido difícil reviver aqueles momentos lúdicos, de como já na adolescência eu sorvia sem desembaraços as letrinhas formais que davam universo e vida aos contos zelinianos. Uma rara magia que ainda hoje sinto, ao manusear alguns alfarrábios daquela época e que ainda guardo comigo. São escritos, livros, arquivos de imagens e som que me levam àquele indelével mundo de fantasia juvenil. Mais ainda, com relação ao cinema.

No entanto, gostaria hoje de me referir ao presente, em especial à revista que homenageia Zé Lins, cujo conteúdo inicial de primeiras páginas nos leva a um exercício eminentemente jornalístico, então formalizado pelo parceiro Alexandre Macedo. Seus textos são passagens pelas sendas “zelinianas”, por caminhos antes traçados, que também trilhei em tempos idos.

Em seu capítulo *Nas trilhas dos engenhos*, por exemplo, o saudosismo se mostra forte, ao nos dizer: “Revisitar esses lugares nos remete a reflexões acerca da formação da identidade cultural dessa sociedade desenvolvida à margem do Rio Paraíba”. Não sem motivo, essa afirmação serviria como um parâmetro, às razões evolutivas atuais de um coletivo rural que já não é mais o mesmo. Os tempos mudaram, as pessoas vivem hoje



Fotos: Divulgação

Escritor José Lins do Rego (E) e o ator Sávio Rolim (D) em cena da adaptação do 'Menino de Engenho'

das memórias e das tecnologias modernas, não das locomotivas que “fuligeavam” as pradarias e canaviais da região, como bem descreve a sua pesquisa: “É perceptível o saudosismo dos mais velhos quando se fala desse importante transporte(...) nos anos 20, 30 e 40 do século passado.”

Mas o relato de Alexandre não se atém apenas às “Trilhas dos engenhos”, não. Seguindo-o, pelo que denomina de “Baixo Paraíba”, embarcamos numa espécie de “locomotiva” do tempo, aqui, acolá, parando nas velhas estações para sabermos dos campesinos um algo mais sobre o singular filho da região. Trajeto mais que turístico ao mundo de Zé Lins, onde encontramos resquícios como os de Corredor, Oiteiro, além de *Outros Engenhos - Recordações nas*

*veredas*. Isso e muito mais, fazem parte dessa oportuna publicação, durante as celebrações dedicadas ao escritor de Pilar, que traz também assinaturas de valorosos nomes do colonismo paraibano, sob organização dos dirigentes Naná Garcez e William Costa, da Empresa Paraíba de Comunicação (EPC).

Não sem razão, gostaria de fechar minhas observações para a oportuna efeméride sobre Zé Lins, colocando o cinema também em “primeiro plano”. Portanto, passo a palavra final à amiga acadêmica Zezita Matos. – “A alegria foi tamanha em voltar àquela região que eu tanto conhecia, onde passei minha infância, como também de participar de meu primeiro filme (*Menino de Engenho*)”. – Mais “coisas de cinema”, no blog: [www.alexantos.com.br](http://www.alexantos.com.br).



## APC vai à cidade de Santa Luzia, na Paraíba

A Academia Paraibana de Cinema (APC), representada por sua presidente, a atriz Zezita Matos, participou da live do Cineclube Sílvio Tendler, da cidade de Santa Luzia, na última sexta-feira (dia 18), para debater sobre “Cinema Feminino na Paraíba”.

Do encontro participaram a videomaker Patrícia de Aquino – diretora das curtas metragens *Rasga-Mortalha* e *Joana*, debatidos na ocasião –, além de João de Lima, Clara Lira e Carmélio Reynaldo. Zezita disse ainda que, também ontem, foi aberta pela APC uma live para discutir as questões relacionadas à própria Academia de Cinema.

## Prima exhibe recital junino na Internet

**Guilherme Cabral**  
[guilhermecabral@epc.pb.gov.br](mailto:guilhermecabral@epc.pb.gov.br)

O Programa de Inclusão Através da Música e das Artes encerra as atividades do primeiro semestre letivo neste domingo, com a apresentação do Recital Junino com alunos e professores integrantes dos 23 polos de ensino existentes no Estado, com transmissão a partir das 17h, pelo canal do Prima no YouTube.

Durante a exibição, o público ouvirá um repertório do universo da música popular nordestina, que inclui composições de Luiz Gonzaga, Pinto do Acordeon, Genival Lacerda e Sivuca, além de peças para homenagear os 50 anos do Movimento Armorial, idealizado por Ariano Suassuna.

“Esse recital junino é muito importante não apenas por estar no calendário letivo de 2021 – cujo primeiro semestre terminará no próximo dia 24, com a volta das atividades em 5 de julho –, mas também por outros vários aspectos, como o cumprimento das atividades didáticas planejadas para ao longo do ano, a realização desse evento ser um exercício novo para os alunos e professores, diante da pandemia, e por poder construir conteúdos para as nossas redes sociais”, disse o secretário executivo da Cultura



Foto: Reprodução

Do evento on-line pré-gravado, participaram mais de 150 pessoas, entre professores, alunos e técnicos

da Paraíba, Milton Dornellas, responsável pela parte administrativa do Prima.

Os professores e alunos do Prima estão espalhados pelos polos localizados nos municípios de Cajazeiras, Itaporanga, Sousa, Catolé do Rocha, Patos, Monteiro, Campina Grande, Guarabira, Picuí, Sapé, Pedras de Fogo, Conde, Santa Rita e João Pessoa. “Para esse evento on-line, entre as aulas e a produção das gravações de áudio e vídeo, participaram mais de 150 pessoas. Os preparativos começaram há cerca de um mês e cada um gravou sua parte em suas próprias casas, dentro dos proto-

colos de segurança. O diretor artístico e pedagógico do Prima, Rainere Travassos, escolheu o repertório e enviou as partituras, as bases para cada músico e depois recebeu de volta para fazer a edição do vídeo”, explicou o secretário executivo da Cultura.

“A promoção de encontros, sejam recitais, concertos ou aulas, além de manter as atividades musicais, tem como objetivo motivar o aluno a interagir com professores e outros alunos, fortalecendo as relações humanas, mesmo que no âmbito virtual”, observou Milton Dornellas. Um exemplo por ele lembrado foi a de *live* recen-

temente realizada sobre os 50 anos do Movimento Armorial, dentro da programação mensal do projeto “Prima Convida”, que também é transmitida no canal do Programa no YouTube.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial do Prima Paraíba no YouTube

## Letra Lúdica

**Hildeberto Barbosa Filho**  
[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Escárnio e maldizer

Os poemas de Águia Mendes pedem um cuidado especial na sua leitura. A poesia que traduzem não tem receio de incorporar, à sua espessura concreta, a irreverência, a crítica, o humor, vezes o sarcasmo e a iconoclastia, como procedimentos da sensibilidade na avaliação das coisas do mundo e das experiências vividas. Seu lirismo não teme o escárnio nem o maldizer e, ao mesmo tempo que confronta certa gravidade de um ethos convencional, captura, sem preconceitos nem dogmatismos, os elementos sujos, carnaís, rasteiros, porém, naturais do comportamento humano. Quem conhece sua trajetória de poeta que soube aproveitar as diretrizes inconformistas e inconformadas do Jaguaribe Carne, não fica surpreso com esse *Asa de cigarro* (SP: Patuá, 2021), em belo design gráfico-visual.

A propósito, desde seu livro de estreia, *Jardim da infância* (1979), passando por títulos como *A bíblia profana* (1983), *Blue para um cadáver sonhador* (1987) e *Sol de algibeira* (2010), entre outros, até o volume recém-publicado, essa me parece uma vertente forte e visível no seu métier poético-discursivo. O mesmo sem cerimônia que cultua no terreno temático, abordando seus conteúdos e motivos sempre numa perspectiva irônica, utiliza nas camadas verbais e no delineamento do verso. Em geral, curto, incisivo, direto e coloquial, seu verso possui aquela aguda eficácia peculiar aos instrumentos cortantes que dissecam a carne das coisas e faz escorrer o sangue dos músculos e esfumar a matéria bruta dos ossos. Deus, por exemplo, categoria que reflete suas inquietações místico-religiosas, mesmo que de maneira enfiada, ocupa espaço decisivo na cena dialógica de sua lírica. Mas um Deus sem transcendência, irmanado ao homem na caverna de seus limites e contradições. Diria mesmo: um Deus que não salva, que está ali, também como nós, constringido e desamparado.

À página 22, o eu lírico, em sua voz afiada, constata: “minha mãe diz que / o mundo / com a graça de Deus / ainda vai / ser um lugar justo e bom / como nos sonhos caídos // vai porra nenhuma”. A arte também comparece, e o faz na linhagem da desmistificação que é bem o modo de o poeta apalpar seus critérios, funções e possibilidades. Sua metalinguagem, portanto, não adere à idolatria das formas consagradas. À página 24, enuncia: “a arte é infinda / poeta, / naufrago da língua”. E, logo em seguida, esta indagação que pode ser entendida como um lacônico e irrefutável conceito: “quem salvará / o poeta / do naufrágio / da palavra?” (p.5). O atalho filosófico, pois em Águia Mendes, o lirismo também postula a especulação metafísica, encaixa-se muito bem dentro de sua sintaxe despojada que, se convoca o desconforto das sensações, também se abre para o voo do pensamento crítico, heterodoxo, divergente. Leiam-se os versos da página 52: “céu / de ninguém // só os mortos / vivem bem // nasceu chuva”. Até o amor, tema maior e motivo sacro, é como que depositado de seu trono imaculado, para se cristalizar numa metáfora impactante, concisa, quase absoluta pelo espanto de sua força estética, senão vejamos, à página 121: “amor // urina / da / lua”. E sem me prender a fios temáticos mais recorrentes e à intrínseca capacidade que o poeta revela de captar, transfigurando artisticamente, a crosta avessa, o miolo podre e escondido, a medula adoentada que lateja por dentro de tudo, deixo-me tocar, em especial, por momentos de insólita epifania, sublinhados ao acaso. Observem: “versos / soprem / sobre / nós (p.15); “o que o poeta / escreve / não é dádiva / de nenhum deus // o que o poeta / escreve / vem tudo / do cérebro dele // da aurora redonda” (p.57); “pois mesmo / se eu andasse / no fundo / dos seus olhos // você não me veria” (p.85), e “o sol / teve um orgasmo / na palma da minha mão”.

Pode ser que certos termos e certas construções linguísticas cheguem a ferir sensibilidades ditas refinadas ou, por outras vias, compleições morais de fachada, sempre muito sérias e muito falsas. Infelizmente, a geografia literária comporta muitos tipos assim. Ora, quero crer que a poesia não seja o lugar ideal para transigir com o conforto mental e ideológico de algumas criaturas. A poesia tem exatamente a mesma cor da vida. Traz a sua alegria e as suas misérias, a beleza e o grotesco, a fé e a fúria. É som e sentido para serem explorados na pauta incontrolável da liberdade. Quando o poema consegue alcançar a sua íntima naturalidade, as palavras adquirem um novo e inesperado registro. E todas passam a ser sagradas na lógica interna de sua composição. Não devemos nos indignar com a “bunda”, o “cu” e a “buceta” dentro do poema. O poema é linguagem do entusiasmo. Traz Deus dentro de si. A poesia também está por lá.

Águia Mendes não é um estrepante. Sabe isso e muito mais já na sua fase de plena maturidade poética. Aliás, sempre é bom lembrar: Águia Mendes faz parte de uma geração de grandes vozes líricas no contexto local.

Lúcio Lins, José Antonio Assunção, Braulio Tavares, Antonio Morais de Carvalho, Marcos Agra são nomes que, direta ou indiretamente, criaram, com seus textos, um ambiente necessário de renovação e sustentação da poesia paraibana, depois das escolas mais ou menos programáticas dos grupos Sanhauá e Caravela, aqui em João Pessoa, assim como da revista *Garatuja*, em Campina Grande.

Esse *Asa de cigarro* vem demonstrar que o poeta está aí, sempre atento ao chamado da poesia, para cumprir seus misteriosos desígnios e honrar a luz de sua fala e de seus apelos.

# Ensaio aponta os caminhos para uma educação libertária

'Desmistificando o feminismo e a mulher inventada pelo machismo' será lançado neste domingo, em debate virtual

**Joel Cavalcanti**  
cavalcanti.joel@gmail.com

Será lançado neste domingo, de forma virtual, a partir das 16h, o livro *Desmistificando o feminismo e a mulher inventada pelo machismo* (160 páginas, R\$ 55), da professora, jurista e escritora potiguar Carla Fernandes Barros. Trata-se do primeiro ensaio publicado pela editora independente paraibana Escaleras.

A obra busca através da combinação de um levantamento histórico sobre o machismo

com os acontecimentos cotidianos na rotina da sociedade, dar perspectivas concretas sobre como promover uma educação libertária. O evento on-line, que conta com a participação da editora e escritora Débora Gil Pantaleão e com a convidada especial a advogada e consultora jurídica Gabriela Oliveira (RN), pode ser acompanhado através do perfil no Instagram da editora (@editoraescaleras). Já o livro está à venda no site oficial da Escaleras (www.editoraescaleras.com.br).

As inquietudes da escritora Carla Fernandes veio, além de sua vivência pessoal

como mulher e mãe, de seu ofício. Ela que é professora de direito penal na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e está em contato diário com questões a respeito da Lei Maria da Penha, feminicídios e com a realidade violenta, sendo muitas vezes convidada a palestrar sobre esses temas. "Essa experiência foi muito forte, e ao falar sobre isso, eu fui conhecendo situações práticas muito duras. E ao conversar com essas mulheres, eu fui percebendo uma incompreensão dessas mulheres vítimas do machismo sobre esse contexto que levava até essas violências", conta a autora.

Entender como a opressão é construída e como ela limita a fala das mulheres, assim como sua forma de pensar e suas escolhas, ajudam a levar os esclarecimentos sobre o que são os feminismos e ao que ele se propõe. "Houve uma mistificação e uma caricatura que se disseminou pela sociedade

de acerca do feminismo que atrapalha a ideia de defesa e de combate por parte das mulheres", pontua Carla Fernandes. "Com esse meu livro, eu quero chegar exatamente nas pessoas que não compreendem o feminismo e não enxergam o machismo que as cercam, e que por isso não conseguem sequer se defender dele", complementa.

Para isso, a escritora procura um caminho mais didático e uma linguagem acessível através de seu ensaio, se apresenta através de uma escrita pessoal e afetiva que passa pelas mais variadas esferas da vida e oferece uma visão crítica sobre o papel do direito na opressão histórica das mulheres, trazendo vários exemplos do universo jurídico, o qual ela está inserida.

A autora também traz referências de casos de grande repercussão nacional, como o de Mariana Ferrer que foi humilhada por representantes homens da justiça duran-

te uma audiência em que ela acusava um réu de tê-la estuprado, e a colocaram como responsável pela violência que ela sofreu.

"Se construiu uma cultura de culpabilização da mulher e de irresponsabilização dos homens. E isso se estende desde pequenas coisas corriqueiras a processos penais", explica ela, que desenvolveu *Desmistificando o feminismo* no ano passado. Foi em 2020 também que houve o caso no Espírito Santo da menina de 10 anos que engravidou do próprio tio, depois de ter sido estuprada desde os seis anos. A justiça autorizou a realização do aborto seguindo parâmetros definidos em lei, mas fanáticos religiosos se manifestaram contra a decisão que salvaria a vida da criança. "Esses casos partem da premissa que a mulher é responsável pela violência que sofre", atenta a especialista.

*Desmistificando o feminismo* procura também se estabelecer como um guia prá-

tico que orienta os leitores e leitoras sobre ações que contribuem para orientar uma equidade de gênero, inclusive na forma de educar as crianças. "Distribua tarefas para seus filhos por idade, não por gênero. Ensine a eles que cores não tem gênero. Brinquedos também não. Deixem suas meninas brincarem com o que elas quiserem. Se você só apresenta casinha e boneca, ela não vai sonhar em ser astronauta", orienta Carla Fernandes, defendendo que isso parece algo menor dentro desse contexto, mas que os brinquedos são aquilo que impulsiona a imaginação.

Por fim, o ensaio consegue ainda explicar as particularidades das lutas feministas não apenas pelo prisma de gênero, mas em suas perspectivas de raça e de classe social. "Essas particularidades não podem ser negligenciadas. Quando você uniformiza algo que no plano concreto não é uniforme, você está reproduzindo desigualdade", finaliza.

Carla Fernandes publicou em coautoria o livro *Lawfare, O Calvário da Democracia Brasileira* (2020), sendo autora de outros artigos jurídicos e palestrante em temas relacionados aos direitos das mulheres, direitos humanos e direito penal.

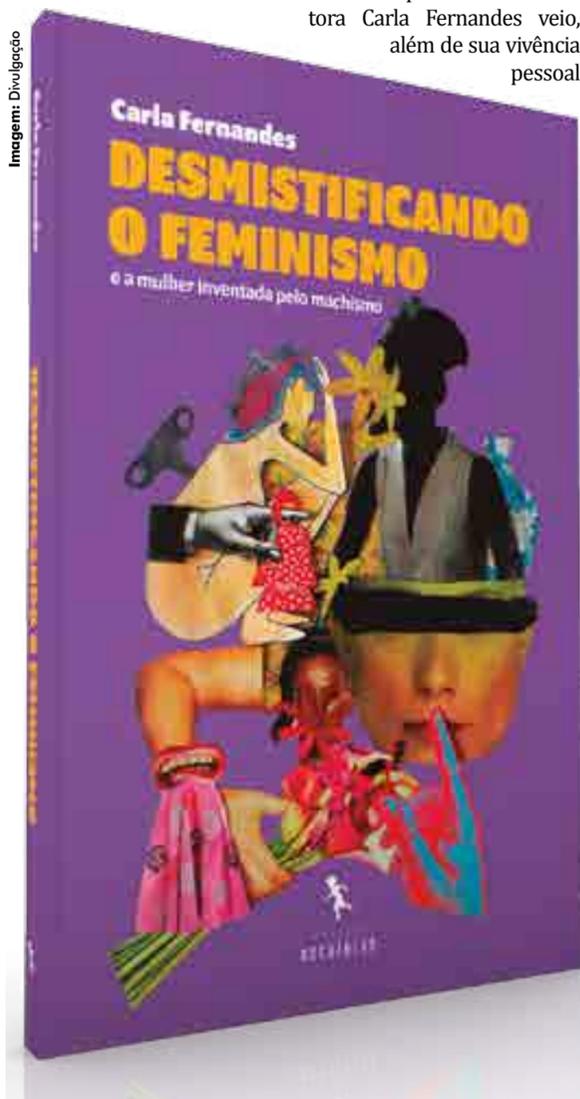


Imagem: Divulgação

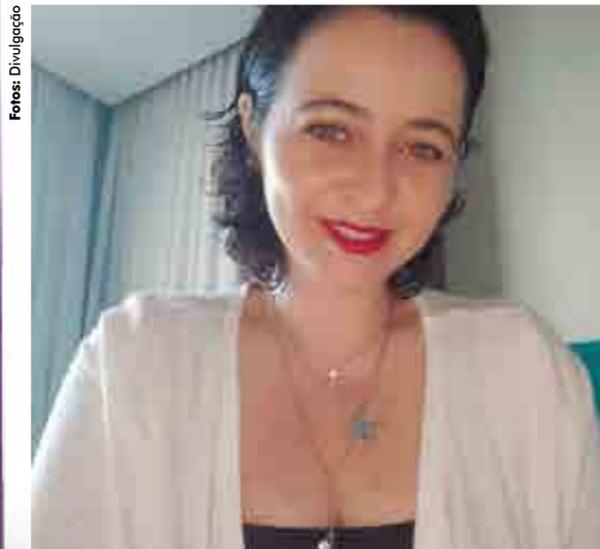


Foto: Divulgação



Evento de lançamento conta com a participação da autora Carla Fernandes (foto maior), tendo como convidada especial a advogada e consultora jurídica Gabriela Oliveira (acima, ao lado) e a editora Débora Gil Pantaleão (abaixo)



Através do QR Code acima, acesse o perfil no Instagram da Editora Escaleras

## Essas coisas

**Carlos Aranha**  
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

## Trechos de poemas em meio à pandemia

Porque hoje para mim não é uma quinta-feira muito comum, enquanto o signo de Touro vai em direção à alta (começou ontem), decidi fazer de minha coluna uma montagem de frases de poemas meus, publicados no livro *Nós - An insight*.

Um poema vai inteiro, *About me*, enquanto lembro que morei em Tumbá (onde meu pai, Sebastião, morreu); na Atlântica, 107, em Tambaú: na rua da Areia, 51; na praça Dom Adauto, 9; no Bairro do Peixoto e no Catete (no Rio de Janeiro); novamente aqui, na Floriano Peixoto, em Jaguaribe; um pequeno tempo na Epitácio Pessoa, 402; na Bento da Gama, 629; estando hoje em Cruz das Armas. Lembro que fiquei seis meses no Recife, na Santos Dumont, no Afritos, numa casa cujo quintal fazia fronteira com o campo de futebol do Náutico.

O poema *About me* (que dediquei a José Nêumane) é a minha cara por completo. E como é! Em meio à pandemia do coronavírus, seguem-se alguns de meus poemas.

■■■■■■■■■■

"Endereços sucedâneos; velhos de guerra conterrâneos. Eu, inteiro partido de 64 anos, filho de pai morto aos 35.

Na infância, diziam a mãe Antonieta: 'esse menino não se cria'. Na adolescência, uma torcida para chegar aos 25.

A ditadura sobre nós: eu, Marcus, Vladimir, Eduardo e outros tais, chorando Edson Luiz e vários mortos - conseguiria ser um 'Anjo 45'?

Endereços contemporâneos; novos de guerra - subterrâneos. Eu relendo Augusto dos Anjos e por inteiro perguntando: o que será de mim aos 55?

Números são eternos como palavras de honra. Da Paraíba vou ao Rio, reencontro o ano não findo e assim sonho com os 95.

Se me perguntam quando estarei velho, me fantasio de Bob e Zé\*. A resposta vem com o vento que sai de Lagos, atravessa o Atlântico e me encontra nu como um rapaz, com minhas letras, caras e músicas, de Tambaú a Ipanema, fazendo de números e endereços as novas contas de estar vivendo".

(\* São Bob Dylan e Zé Ramalho.

■■■■■■■■■■

Agora vão trechos de alguns poemas que estão em *Nós - An insight*.

À PROCURA - "Apesar de acharem que não, sou cristão. Apesar de pedirem que desista, sou socialista, (...) Se meu sangue

é gás? Tanto faz. Se sou ou não? Não me satisfaz".

YIN, YANG - "Assim na terra como no céu, um litoral dentro de mim. Sou arquiteto do amor perfeito, vindo das casas da 'renascença', fazendo espelhos no teu jardim. (...) Assim como José, também sou Maria, filósofo mambembe, pedra, mar vegetal. Da Espanha a lembrança de Antoni Gaudí (ilustração), sagradas famílias se espalham na Terra, vejo tudo à distância, sem juízo final".

VIVALDICE - "Se as estações fossem oito, paixões se prolongariam. Violinos em anos bem longos. Paris, Itália, Paraíba, amores permutados em várias línguas".

BACHIANA - "Um cravo, o quarteto, elegância, um dueto, o trejeito sem dissonância. A mulher, os filhos, harmonia, a chuva calma, o som, maestria".

HERMÉTICO - "Quarenta e seis sexos nos contemplam, do Cabo Branco ao Corcovado, tudo é metal. Solos de orquestras, Japão ali, Domingo de Ramos, pedras e latas gritam bem perto: bom dia, Hermeto".

MARIA - "Maria. Não pode ser Mary nem Marie. Solamente Maria. Maria linda, Maria hispânica, Maria de todos os mares, Maria de vários lugares, Maria estudante, Maria operária, Maria resolvida, Maria imaginária, Maria filha, Maria mãe, Maria prostituta (Maria sempre pura)".

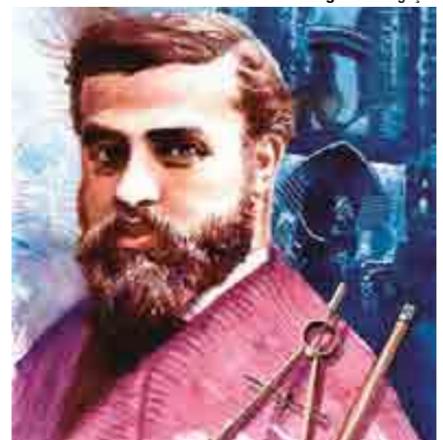


Imagem: Divulgação

MAR DE SEXO - "Meu corpo, planeta desabitado. Meu corpo, planeta noutra planeta. Meu corpo, satélite de outros planeta. Meu corpo espera os que vão habitar as profundezas do mar".

DE OLHOS INTEIROS - "Que c'est triste Venise (sentimentos de um 'chansonier'). Aznavour é cantor, se como o poeta é fingidor, que seja alegre, mesmo breve, dando adeus à Ponte dos Suspiros, para que encontre um enorme, novo amor. Livre, smilin' again, para que não haja morte em Venezuela. Os amores não estão mortos; se eram jovens e hoje são antigos, leio a última edição da *Rolling Stone*. Museus, igrejas, praias, 'lan houses', tudo que nos leve a fazer velhos amigos".



Foto: Agência Câmara

# Entidades e movimentos sociais tentam recuperar espaço perdido

Com o agravamento das crises sanitária, econômica e social, as manifestações começam a se intensificar e buscam ganhar as ruas

**Ademilson José**  
ademilson2019jose@gmail.com

A pandemia do novo coronavírus, os reflexos da reforma trabalhista e o medo de demissões arrefeceram bastante os movimentos sociais e a própria atuação de muitas entidades da sociedade civil. E eles têm reconhecido esse enfraquecimento nos últimos anos. Porém, com o agravamento das crises sanitária, econômica e social, as manifestações começam a se intensificar e ganhar as ruas.

Embalados pela mobilização ocorrida no dia 29 de maio, entidades e movimentos sociais, com apoio de sindicatos e partidos políticos, voltaram às ruas ontem em várias cidades do país, embalados com um

trabalho de mobilização dos setores de trabalho.

“As entidades têm reconhecido a gravidade da pandemia, mas considerado também que, adotando os devidos cuidados de protocolo, não podem ficar em casa assistindo à gravidade da crise”, afirma Fernando Cunha, presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba (Aduf-PB).

E ele é plenamente apoiado em sua posição pelo presidente da Central

**Lideranças reconhecem o enfraquecimento das mobilizações sociais nos últimos anos**

Única dos Trabalhadores (CUT) na Paraíba, Tião Santos, para quem, além da pandemia, foi também a última reforma trabalhista que mais contribuiu para essa tentativa “de verdadeiro desmonte do movimento dos trabalhadores e das entidades da sociedade civil que os representam”.

Reunidas num Comitê Paraíbaense em Defesa do Serviço Público e Contra as Privatizações, várias entidades voltaram a se reunir há duas semanas e, segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nos Correios e Telégrafos, Tony Sérgio Rodrigues Cavalcanti, o principal tema em pauta foi a organização dessa segunda “volta às ruas”, ocorrida nesse sábado (19).



Foto: Fotos Públicas

As manifestações contra o governo Bolsonaro retornaram no último dia 29 de maio e se repetiram ontem pelo país

## Governo Federal tenta destruir o sindicalismo, diz associação

Foto: Divulgação

O presidente do Sindicato dos Professores da UFPB (Aduf-pb), Fernando Cunha, acredita que a pandemia também contribuiu para um certo arrefecimento da atuação e da importância das entidades da sociedade civil organizada nas pautas políticas do país, mas entende que o principal fator motivador “é o próprio movimento contrário a essas entidades que vêm do governo conservador e autoritário que se instalou no país”.

“Ele faz tudo para descreditar, desmobilizar tudo o que constitui movimento em defesa do trabalhador, especialmente suas entidades”, afirma Fernando Cunha, ao salientar que, quem acompanha as ações do governo Jair Bolsonaro (sem parti-

do), percebe claramente que “todas elas são sempre no sentido de destruir sindicatos, associações, conselhos e tudo o mais”.

Fernando explica que essa é apenas uma das várias estratégias que o Governo Federal adota como forma de enfraquecer os trabalhadores e que não faz isso à toa. “Ele age dessa forma porque é a própria expressão do sistema, desse sistema que privilegia os bancos e os poderosos e que, em plena pandemia, conforme publicações de revistas especializadas, fez surgir mais 115 novos bilionários no Brasil”.

Na contramão dessa realidade, conforme o presidente da Aduf-pb, o que se observa do outro lado



Fernando Cunha: “Bolsonaro faz tudo para desmobilizar as entidades”

é um cenário de caos com seis milhões de desalentados (pessoas que cansaram

e que nem procuram mais empregos), 14 milhões de desempregados, 15 milhões

de pessoas passando fome e 25 milhões se sujeitando a situações de subemprego, sem vínculos e no informal.

Concordando com os demais presidentes de entidades ouvidos, Fernando Cunha afirmou que a pandemia provocou um impacto muito grande na movimentação e na atuação das entidades da sociedade civil no ano passado, mas ele considera que, apesar de ser enfrentando uma situação nova, muitas entidades souberam compensar através do meio virtual.

“Veja que, no ano de 2020, nós registramos uma verdadeira enxurrada de lives e de ações via Instagram, YouTube e em vários outros espaços das redes sociais. Até marcha virtual chega-

mos a verificar”, lembra ele, ao salientar que, se essas investidas têm diminuído, é porque, com todos os cuidados e com mais trabalho do que nos períodos normais, as ações de rua estão voltando.

Sobre isso, inclusive, ele lembrou a manifestação do dia 29 do mês passado, que teria sido um marco nas ações dos movimentos sociais. “Os movimentos percebem que a pandemia é muito séria, que são mortes demais, que os cuidados são necessários, mas que, diante dos absurdos e das atrocidades do governo Bolsonaro, não há também como ficar somente em casa esperando a morte chegar. Com os devidos cuidados, é preciso reagir”, concluiu.

## CUT destaca o desmonte com a realização da reforma trabalhista

Fazendo questão de lembrar que as entidades são seus filiados e que a força delas está diretamente ligada a eles, o presidente da Central Única dos Trabalhadores, Tião Santos, disse que as entidades da sociedade civil, de fato, sofreram um impacto de atuação e de influência nos últimos anos, mas que isso não foi somente consequência da pandemia, não.

“É preciso considerar que tivemos uma reforma trabalhista recente que veio como um verdadeiro desmonte da mobilização dos trabalhadores e não há como deixar de reconhecer que isso afeta bastante, não somente os trabalhadores, mas as entidades em si”, lembra Tião Santos.

Ele explicou que a reforma causou desempregos e onde não causou desemprego, propriamente dito, deixou muitos trabalhadores em situação vulnerável

e, para não serem demitidos, muitos desses trabalhadores terminam por se submeterem a quase todo tipo de precariedade. “Se essas coisas afetam a própria condição de vida, imagine a participação desses trabalhadores sem poder fortalecer suas entidades”, disse.

O presidente lembra ainda que, além de pandemia e de fatores desse tipo, é preciso considerar também que o movimento social envelheceu, que toda



Foto: Divulgação

Tião Santos, presidente da Central Única dos Trabalhadores na PB

uma geração de muita luta do período do final do regime militar hoje está se aposentando e naturalmente se afastando mais das entidades e do movimento.

Apesar desse quadro adverso, o presidente da CUT paraibana alertou, no entanto, que ninguém se engane e nem ache que as entidades da sociedade civil cruzaram os braços. A própria mobilização ‘Fora Bolsonaro’ do último dia 29 de maio, por exemplo, foi prova incontestável de que o movimento está recuado e modificado pela pandemia, “mas não está morto”.

“É claro que no começo da pandemia tivemos de nos conter e procurar atuar pelos meios virtuais, mas veja que, devagar e com os cuidados dos protocolos, estamos voltando”, lembrou ele, ao se referir ao distanciamento, uso de máscara e álcool em gel, que essas mobilizações precisam considerar.

## Com protocolos respeitados, a volta às ruas será mais constante

Como presidente do Sindicato dos Trabalhadores nos Correios, Tony Sérgio Rodrigues Cavalcanti também faz avaliações parecidas a dos colegas sindicalistas, mas é como membro do comitê que vem organizando a retomada das manifestações de rua que ele prefere falar.

“Reconhecemos e procuramos cumprir todos os cuidados relacionados à pandemia, mas as arbitrariedades do Governo Federal e a situação do país já nos obrigou voltar às ruas com a manifestação do dia 29 de maio e nosso trabalho recente foi o de organizar da segunda, que aconteceu ontem”, afirma ele.

O evento de ontem foi realizado em várias cidades do país. Na Paraíba, o volume maior de manifestantes foi registrado nos municípios de João Pessoa, Campina Grande e Cajazeiras. Mas também teve destaque em outras cidades, como Patos,



Foto: Divulgação

Tony Sérgio, do Sindicato dos Trabalhadores nos Correios, aponta o “poder arbitrário”

Monteiro e Guarabira. Todos cumprindo os protocolos de segurança sanitária, as manifestações ocorreram a partir das 9h desse sábado.

Em João Pessoa, os manifestantes se concentraram em frente ao Liceu Paraíbaense, saindo em seguida para o Parque Solon de Lucena e, de lá, para o Largo do Ponto de Cem Réis, no Centro da capital paraibana.

A exemplo de Fernando Cunha da Aduf de Tião Gomes da CUT, Tony também lamenta o fato de “o poder

arbitrário dificultar muito o acesso e os espaços da imprensa tradicional para o movimento”. Para tentar compensar isso, do ano passado para cá, as entidades não pararam de procurar a explorar as redes sociais ao máximo possível.

“Nós, particularmente dos Correios e Telégrafos, não paramos e quem nos acompanha viu as mobilizações de rua que, com todos os cuidados de protocolo, fizemos em abril e em fevereiro deste ano”, conclui ele.

# Reforma administrativa gera divisão na base do governo

Estudo do Observatório do Legislativo Brasileiro aponta que há mais manifestações contra a PEC na Câmara do que a favor

**Daniel Weterman e Camila Turtelli**  
Agência Estado

Levantamento do Observatório do Legislativo Brasileiro (OLB), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), aponta que há mais manifestações na Câmara contra do que a favor da reforma administrativa, além de uma divisão dentro da própria base de apoio do governo.

O OLB identificou que 64 dos 513 deputados federais discursaram sobre a reforma administrativa de setembro de 2020 até o fim de maio de 2021. Mais da metade (54,5%) dos pronunciamentos foi contra o projeto de reformular o RH do Estado.

Do total, apenas 30% das falas foram favoráveis - o restante foi classificado como neutro. Além da clara oposição de partidos de esquerda, também há divisão nas legendas com parlamentares da base do governo. É o caso de PSL, DEM e PSD.

As resistências exigem um esforço maior do governo para aprovar a proposta, de acordo com a cientista política Débora Gershon, autora do levantamento. Com queda na popularidade e antecipação do período eleitoral, o governo tende a se concentrar em outras agendas,

como a reformulação do Bolsa Família e auxílio a empresas.

“Passou de agosto, setembro, é muito difícil sair do papel, especialmente se não for muito desidratada. O tempo do governo é muito curto para fazer uma articulação e ele não tem se movimentado na Câmara em favor do próprio texto”, afirmou.

A base do governo é maioria na comissão especial da Câmara criada para votar a reforma antes do plenário. O colegiado foi instalado no último dia 9.

A avaliação da falta de movimento do governo em favor da proposta é compartilhada por parlamentares à frente da articulação de outras agendas. Na semana passada, o coordenador da Frente Parlamentar da Reforma Tributária, deputado Luis Miranda (DEM-DF), declarou que “nem o governo tem interesse mais em aprovar a reforma administrativa”.

No cenário de incertezas, o relator da proposta, deputado Arthur Maia (DEM-BA), disse esperar empenho do governo (mais informações abaixo). “O jogo não começou. Mas, à medida que esse processo for caminhando e nosso relatório tomando corpo, é importante que nessas conversas haja o engajamento, sim, do presidente da República”.

## Pressão dos servidores

Diversas categorias passaram a ir atrás dos deputados para tentar garantir os benefícios já no texto da reforma. Auditores fiscais da Receita, diplomatas, gestores, servidores do Banco Central, da Advocacia Geral da União, do Tesouro e procuradores querem o mesmo tratamento. Professores e servidores de órgãos sensíveis de fiscalização, como os da área ambiental, também querem ser blindados, com o argumento de que não podem ficar à mercê de interferência política nos órgãos.

“A PEC vai permitir um aparelhamento nunca visto na história da nossa democracia”, diz Rudinei Marques, presidente do Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas de Estado (Fonacate). Presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Reforma Administrativa, o deputado Tiago Mitraud (Novo-MG) diz que não pode haver um benefício para uma categoria em detrimento de outra. “Tem de trabalhar para uma reforma que valha para todos.”

Para a economista Ana Carla Abrão, é preciso se desvencilhar dessa pressão dos lobbies. “Esse é o nó. Se não sairmos dele, só há dois caminhos: ou a reforma não avança ou iremos retroceder e piorar o que já está ruim”.



Foto: Agência Câmara

A Proposta de Emenda à Constituição da reforma administrativa está em tramitação na Câmara dos Deputados, mas divide parlamentares e servidores

## + Inclusão de categorias ameaça a proposta

**Adriana Fernandes e Camila Turtelli**  
Agência Estado

A comissão especial formada na Câmara deu o pontapé inicial na discussão da reforma administrativa, em reunião realizada esta semana sob forte pressão para definir a lista das categorias de estado no texto da Constituição. O crescimento desse movimento é uma das preocupações do relator do projeto, deputado Arthur Maia (DEM-BA). Ao Estadão/Broadcast, Maia disse que, se o Congresso for discutir na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que carreira é ou não de Estado, há um grave risco de a reforma empacar e a sua aprovação ser inviabilizada este ano.

“Isso é muito arriscado. Vão precisar fazer muitos acordos para atingir o quórum de 308 votos (número mínimo de votos para se aprovar, em dois turnos, uma mudança na Constituição

na Câmara)”, afirmou Maia, que à frente também da relatoria da reforma da Previdência, em 2018, durante governo Temer, viu dirigentes de categorias baterem na porta do seu gabinete pedindo para ficarem de fora das mudanças no sistema previdenciário.

Em conceito, carreiras de Estado são atividades que não existem na iniciativa privada e que contam com estabilidade na função. Hoje, essa lista não está definida formalmente.

### Audiências

A cena já se repete. Maia já recebeu mais de 200 pedidos de audiência das mais diversas carreiras do funcionalismo depois que foi escolhido para a relatoria. Ele disse que não quer atender uma categoria e deixar outra de fora. Por isso, sugere aos representantes que procurem os deputados. “Eles têm de vencer o plenário da comissão.”

De certo, o relator antecipa

que quer deixar a definição do que vem a ser carreira de Estado para lei complementar. “Essa é a ideia. Não sei se vou conseguir. Se for definir agora, vai precisar de voto. Muito voto.” Pela proposta entregue pelo governo em setembro do ano passado, os servidores classificados como pertencentes às carreiras de Estados terão regras parecidas com as atuais, com estabilidade garantida após três anos no serviço e ingresso por meio de concurso público.

A estratégia de definir quem pertence a esse rol de servidores só depois de aprovada a reforma foi a escolhida pela equipe econômica para que essa discussão não atrapalhasse a tramitação

Como antecipou a Coluna do Estadão, o presidente Jair Bolsonaro já declarou que quer que esteja na Constituição que policiais militares dos Estados e outras forças de segurança sejam consideradas carreiras de Estado, abrindo ele mesmo a porteira nos bastidores.

## Toca do leão

**Fábio Mozart**  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

## Todo homem tem seu preço?

Se você tivesse muito dinheiro e fosse obrigado a dar a alguém para guardar, a quem entregaria sua fortuna? Você acha que todo homem tem seu preço?

Vou logo confessando que, certo dia, vendi minha alma com desonra. Aceitei fazer um jornal político sob o patrocínio de um cara da velha escola mercenária de Assis Chateaubriand, esse fascista que, por infelicidade dos paraibanos, nasceu aqui, mas para vergonha dos pernambucanos, sempre se considerou filho do Leão do Norte.

Qual foi a isca que você não conseguiu deixar de morder, e acabou sujando seu currículo? Esse assunto vem a respeito de recente controvérsia em João Pessoa, sobre um jornalista tido como íntegro e que está sendo acusado de irregularidades.

Tem mulher que dribla a solidão comprando homens no mercado sórdido da prostituição masculina. Se todo homem tem seu valor, na lógica mercantilista deverá também ter seu preço. Millôr Fernandes reflete em um dos seus artigos ácidos: “Há quem vá mais longe afirmando que alguns homens são vendidos a

preço de banana. Sempre esperei, na vida, o dia da Grande Corrupção, e confesso, decepcionado, que ele nunca veio. A mim só me oferecem causas meritórias, oportunidades de sacrifício, salvação da Pátria ou pura e frontalmente a hedionda tarefa de lutar... contra a corrupção. Enquanto eu procuro desesperadamente uma oportunidade, as pessoas e entidades agem comigo de tal forma que às vezes chego a duvidar de que a corrupção exista. Mas, falar em corrupção, como anda a sua? Vendendo saúde ou combatida e atrofiada como a minha?”

Millôr quer saber se você é um corrupto total ou um idiota completo. Ele aplica então um teste. Se o leitor roubar nesse teste, tá provado: é um corrupto absolutamente incorruptível. No fim ele dá um conselho: quando alguém, na rua, gritar “pega ladrão!”, por via das dúvidas finja que não é com você

Tem o caso daquela mulher que guardou o dinheiro do compadre, mas depois esqueceu que a grana tinha dono e gastou. O compadre, de desgosto,

morreu. A viúva foi se queixar, apresentando o cheque comprovante do depósito na gaveta da mulher desonesta. Pois, ela engoliu o cheque na hora! O que prova que as mulheres também sabem ser corruptas e descaradas, quando querem. Outra mulher, prefeita de um lugar ermo nas brenhas da Paraíba, conseguiu passar mais de 200 cheques sem fundo da Prefeitura. Só não vendeu o prédio da edilidade porque não achou comprador. O que prova que toda mulher tem também seu preço. Resta a discussão de valores entre os gêneros. Quem se vende mais caro?

Li um conto arretado sobre um sujeito que tinha como profissão cobrar impostos. Um dia passou o caminhão carregado de mercadoria “no mole”. O coletor lascou uma pesada multa. O dono da mercadoria ofereceu bom dinheiro para a famosa “vista grossa”, que não foi aceito pelo coletor honesto. Ao aumentar a oferta, o dono da muamba sofreu o peso da mão do coletor em sua goela, que quase mata o sacana. Justificava para a violência:

— Tive medo que ele chegasse no meu preço.

# Caatinga: conhecimento ajuda políticas de uso e conservação

Em reserva ecológica no município de Picuí, pesquisadores fazem levantamento da fauna de répteis, anfíbios e serpentes

**Renato Félix**  
Especial para a União

“As caatingas brasileiras em relação aos nossos outros biomas, sempre foram as mais negligenciadas. Isso é histórico: sempre teve o menor investimento de pesquisa”, afirma o biólogo Márcio Frazão, que comanda uma pesquisa dedicada a um levantamento da fauna na área da Reserva Ecológica Olho d’Água das Onças, que fica na zona rural de Picuí, norte do Estado. “Se você comparar o que se investe em pesquisas na Amazônia e o que se investe para se pesquisar em área de caatinga, é ridícula essa diferença”. Uma das razões para isso é o velho preconceito que esse ecossistema sofre há muitas décadas. “Isso se dá muito por esse imaginário que se perpetuou durante muito tempo de que a caatinga seria um ecossistema pobre em número de espécies, pobre em número de espécies endêmicas”.

O projeto, que é financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB) tem o objetivo de provar o contrário: a riqueza do bioma e, com isso, contribuir para outras pesquisas que venham a ser feitas sobre a caatinga. Márcio Frazão é desde 2009 professor do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cuité (distante cerca de 26km de Picuí). O trabalho faz um levantamento da fauna de répteis, anfíbios, anuros e serpentes da região.

“Além desses levantamentos, dessas listas de espécies, desses inventários de faunas, de répteis, anfíbios, a gente também busca um levantamento de várias ideias de história natural desses animais – alimentação, parasitismo, aspectos de reprodução – para que a gente entenda um pouco mais como essas populações de lagartos, serpentes e anuros se estruturam dentro das nossas caatingas e como fatores climáticos, ambientais ou de história natural interferem no equilíbrio e na composição desses grupos”, explica o biólogo.

O trabalho vai gerar informações que serão catalogadas como listas de espécies, guias de identificação e livros sobre a área. “A gente já está desenvolvendo dois trabalhos de conclusão de curso sobre a biologia reprodutiva de duas espécies de lagartos, que ocorre na área da reserva”, conta o professor. “A gente também tem alguns dados de populações específicas de sapos, já tem trabalhos que vão incorporar pesquisas de doutorado, de mestrado. A gente pretende, sim, a partir desse esforço de coleta, gerar livros, guias e, principalmente, muitos artigos científicos que vão, com toda certeza, servir de modelo para subsídio de políticas de conservação, propostas de educação ambiental”.

São informações que podem ajudar como um alicerce para uma exploração mais racional e mais ecológica das nossas áreas de



Fotos: Divulgação

O trabalho vai gerar informações que serão catalogadas como listas de espécies, guias de identificação e livros sobre a área

caatinga. “Essas informações acabam subsidiando outros trabalhos de ecologia, trazendo ainda mais informações, aumentando ainda mais nosso conhecimento sobre a herpetofauna das áreas de caatinga e isso é muito interessante para que a gente consiga assim viabilizar cada vez mais políticas públicas que envolvam conservação e o uso mais racional das nossas áreas”. Herpetofauna é a

fauna formada por répteis e anfíbios.

“Até o momento acredito que a gente já levantou algo em torno de 52 espécies de lagartos, sapinhos, pererecas e rãzinhas, e serpentes”, contabiliza. “Até agora é uma amostra do que é esperado de áreas de caatinga”. Mas ele aponta que também já começaram a ser surpreendidos com algumas observações. “Uma coisa interessante que

a gente acabou agregando a essa proposta é o levantamento através de observações de fotografias de toda a fauna local”, explica. “E aí, sim, a gente tem encontrado alguns registros bem interessantes. Como comportamentos que nos levam a pensar em períodos de reprodução para espécies de gaviões. Corriqueiramente, esses meses iniciais do ano não são o período reprodutivo desses

animais. Obviamente a gente precisa dedicar um esforço maior para entender isso”.

A relação com a chuva é uma questão importante, inclusive para as comparações sobre o comportamento dos animais em período chuvoso e o de estiagem. “Estamos aguardando ansiosamente que se estabeleça outros padrões de chuva lá na reserva para que a gente possa avaliar uma composição mais próxima do que a gente acha. Esses animais que ocorrem em áreas de caatinga são extremamente adaptados a esses períodos de seca”, explica. “A sazonalidade dessas regiões atua, sim, na ocorrência, na distribuição desses animais dentro das nossas áreas abertas. Então a gente vai ter o acesso mais fiel à composição dessas áreas quando a gente tiver os períodos de chuva já bem estabelecidos”.

A chuva influi até mesmo na relação científica com pesquisadores do Sudeste e Sul do país: é difícil organizar pesquisas em campo com esse pessoal quando não há um período chuvoso que se possa prever com maior exatidão. “Coordenar saídas de campo nos períodos de chuvas é uma coisa muito difícil”, conta. “Você conseguir coordenar os pesquisadores do Sul e Sudeste, das instituições mais importantes, nos períodos de chuva, sabendo que a caatinga é um ecossistema onde a distribuição de chuvas é muito aleatória, um padrão muito complexo...”.

## Grupo de pesquisadores visita a reserva mensalmente

O projeto começou na prática em janeiro deste ano, mas uma primeira visita à reserva foi feita em dezembro passado. “Tenho muitos alunos que são de Picuí e das regiões mais próximas da reserva, e eu sempre converso com o pessoal sobre áreas da caatinga em que a gente possa vir a desenvolver algum trabalho de levantamento de fauna, de história natural dos grupos, da herpetofauna que ocorre nessa região”, diz o biólogo. “E conversando com uma aluna, eu cheguei ao pessoal que compõe a ONG Trilhas na Caatinga, que me apresentou a reserva. Conheci a estrutura, conheci a área, me encantei com o ambiente, com as perspectivas, as boas possibilidades de desenvolver trabalhos lá na área e cá estamos”.

A Associação Trilhas na Caatinga (<https://www.facebook.com/trilhasnacaatingadepicui/>) trabalha com a defesa e conservação da área e já existe há mais de dez anos. A Reserva Ecológica Olho d’Água das Onças (<https://www.reservaolhodaguapicui.com.br/>) está localizada a 11 km de Picuí. Foi fundada em 2005, possui 35 hectares, com 50% dedicado à preservação ambiental, mas também com áreas de lazer, um museu da Caatinga e uma área dedicada à agricultura orgânica.

O grupo de pesquisadores visita a reserva uma vez por mês e ficam três ou quatro dias che-

cando as armadilhas e fazendo as triagens das coletas de espécimes. São duas metodologias de coleta. Uma, com armadilhas de interceptação e queda (chamadas também de “pitfall trap”). São baldes enterrados no chão, distribuídos em forma de “y” (um balde central e outros três nas pontas), ligados por lonas e estacas.

“O animal bate na lona e segue para um lado ou para o outro, e tende a cair num desses baldes”, explica o biólogo. “Nós temos 18 linhas de “y”, distribuídos nos 35 hectares da reserva”. Os baldes ficam tampados e enterrados quando os pesquisadores não estão na reserva, para evitar que algum bicho caia lá dentro e ninguém o recolha. “Durante o período de coleta nas nossas expedições, abrimos os baldes”.

O dia começa cedo para os pesquisadores. O pessoal que observa as aves já se levanta às 4 da madrugada para chegar aos postos de observação a tempo de acompanhar as primeiras movimentações pela manhã. A turma dos répteis e anfíbios parte às 7 da manhã. São três saídas diárias: acontece também às 14h e às 17h30. “Também durante essas saídas – principalmente na primeira, pela manhã, e à noite – a gente faz busca ativa dentro das áreas, vasculhando árvores, serrapilheiras, pedras, vendo as bromélias, tentando achar

animais que por ventura tenham um hábito diferente dos que estão direto no solo e que não viriam cair dentro desses “y”s”. É o segundo método de coleta: a busca ativa. “O pesquisador estipula um tempo de busca, de procura, e durante esse tempo ele sai lá vasculhando durante a trilha que está realizando”.

A cada retorno para a base no acampamento – às 10h, às 16h e às 20h – é feita a triagem do material coletado. “Essa fase de inventário a gente fecha com um ano de pesquisa”, conta Frazão. “A gente pretende fazer isso até junho do ano que vem. Mas outras pesquisas vão acontecer, principalmente para estudar aspectos de ecologia de algumas espécies específicas. Então é um trabalho para ser desenvolvido a longo prazo”.

Esse conhecimento pode ser valioso para reduzir o preconceito que envolve uma área tão presente e culturalmente identificada com a Paraíba. “Sem falar que as caatingas brasileiras sofrem um impacto muito grande por conta do seu péssimo uso histórico – seja pela agricultura, pela carvoaria ou extração de minério”, diz Márcio Frazão. “Enfim, várias práticas que são feitas de forma equivocada e que acabam desgastando seu solo e aumentando as áreas de desertificação e todos os problemas ambientais que a gente já conhece”.



Equipes fazem levantamento da fauna de répteis, anfíbios, anuros e serpentes da região



As informações coletadas podem ajudar a construir o alicerce para uma exploração mais racional e mais ecológica da caatinga





**1** Gilvan Freire, Clóvis Júnior, Sônia Iost de Freiras, Ana Marques, Gonzaga Rodrigues, Guy Joseph, Bebete Miranda, Vera Lúcia Tabach, Lindolfo Pires, Astrid Bakke, Almaisa Luna, Socorro Araújo, João Alberto Gurgel e Dóris Minervino são os aniversariantes da semana.



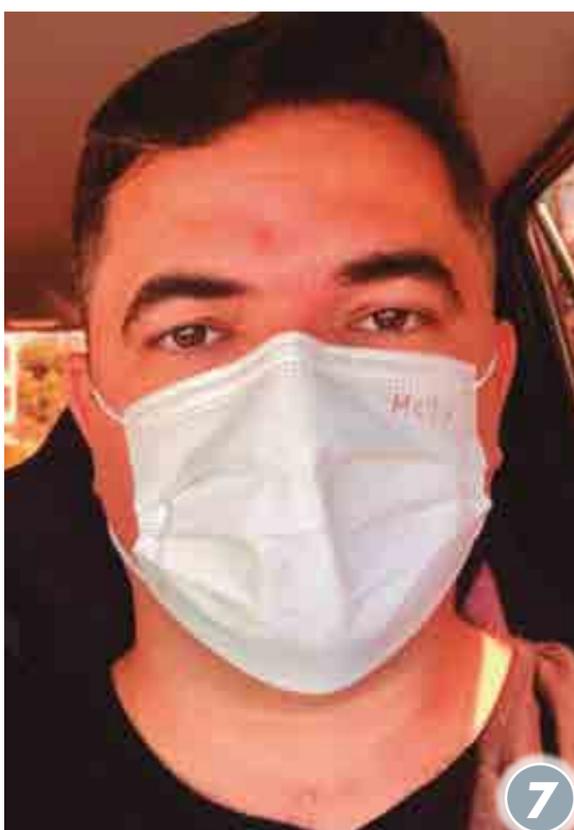
**2** O Ministério Público do Estado da Paraíba finalizou as inscrições para os promotores de Justiça que desejam concorrer, na próxima eleição, ao cargo de Procurador-Geral de Justiça (biênio 2021/2023). Foram registrados os nomes de João Geraldo Carneiro Barbosa (foto), Antônio Hortêncio Rocha Neto, Amadeus Lopes Ferreira e Francisco Bergson Gomes Formiga Barros.

**3** Os corretores de imóveis Deise Marques e Genivaldo de Pontes tomaram posse, respectivamente, como delegada e vice-delegado do Creci-PB, no município do Rio Tinto. Ambos receberam suas portarias por meio da diretora tesoureira, Carla Bezerra, e do diretor de integração regional, Tarcísio Galdino, na Sede do órgão em João Pessoa.

**4** Outra entidade de classe que se prepara para realizar eleição é a Abrajat Nacional. Pelo andar da carruagem, duas chapas devem se inscrever: uma é liderada pelo atual presidente Evandro Novak e apoiada pela ex-presidente Miriam Petrone, e a outra é encabeçada pelo baiano Gorgônio Loureiro (foto), nordestino que tem grandes ações à frente da Abrajat da terra de Jorge Amado.



**5** A Rota Cariri Cultural, projeto criado em 2020 por empreendedores da região, a partir de uma capacitação realizada pelo Sebrae Paraíba, e que tem como objetivo apresentar ao público os atrativos turísticos do Cariri paraibano, movimentando e gerando novas oportunidades de negócio para toda a cadeia produtiva do segmento na região, passa a contar, a partir deste mês de junho, com roteiros das cidades de São Sebastião do Umbuzeiro, Caráúbas, Coxixola e Sumé.



**6** O bacharel em Direito, Adonias Fernandes (na foto, com a esposa Rafaele e com os filhos Mateus e Eduardo), está se preparando para, em breve, realizar novos projetos em Malta, terra de seus pais Odilon e Miriam Fernandes (in memoriam).

**7** Filiada à Associação Paraibana de Imprensa, há algumas décadas, vejo com carinho a candidatura do jornalista Marcos Werick (foto) ao cargo de presidente da entidade. Ele, que tem o apoio de João Pinto, o atual presidente, conta com a adesão de jornalistas de peso, a exemplo de José Euflávio, Edmilson Pereira e Gil Figueiredo.



**8** Os tradicionais eventos juninos, que homenageiam Santo Antônio, São João e São Pedro, estão sendo festejados de maneira reservada pelo querido casal Regina e Luiz Alberto Amorim.

**9** O empreendedor e educador paraibano Janguê Diniz, fundador e presidente do Conselho de Administração do grupo Ser Educacional e presidente do Instituto Êxito de Empreendedorismo, assumiu, na semana passada, a presidência da MetaRed X Brasil, organização criada pela Uniersia com chancela do Banco Santander que, no país, tem a parceria do Instituto Êxito de Empreendedorismo em suas iniciativas locais.



**10** Val Nascimento Pereira, uma grande incentivadora de projetos sociais e culturais em nosso Estado, está em São Paulo. Nos estúdios da Rede TV, ela esteve com Daniela Albuquerque, Everton Vieira e Mirian Almeida. Bom demais!



## Energias limpas promovem o desenvolvimento sustentável

### Empresas paraibanas e consumidores comuns têm buscado fontes alternativas para economizar e ajudar o meio ambiente

**Lucilene Meireles**  
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Energias renováveis – ou limpas – são aquelas que não causam poluição pela emissão de substâncias e sua geração não impacta de forma negativa no meio ambiente. Seja eólica, solar, hidráulica, o uso das energias limpas tem se tornado uma alternativa de economia para residências, pequenos comércios e empresas de grande porte, sendo utilizada cada vez mais no dia a dia. Diante da atual crise hidrológica, a pior no país desde 1930, investir em outras fontes de energia tornou-se fundamental, não só como forma de preservar os recursos naturais, mas também de economizar nos gastos.

As fontes de energia limpa são hoje uma realidade na vida de muita gente, seja porque aumentou a consciência ambiental na sociedade, seja porque elas oferecem um custo-benefício atrativo. Morador da cidade de Cajazeiras, no Sertão da Paraíba, o empresário Francisco Luciano de Oliveira, que atua no ramo de fotocópia e papelaria, decidiu pela energia solar em seu comércio e também na residência. Segundo ele, a mudança foi há dois anos e meio e os resultados são muito positivos.

“Ainda estou na fase de pagamento do empréstimo que fiz para instalar o sistema fotovoltaico, mas sei que depois de concluir, em três anos e meio, quatro anos, começa o retorno. A economia é acima de 90%. Vale muito a pena o investimento. Cajazeiras é uma cidade muito quente e agora dá para usar o ar

Francisco Luciano acredita que os benefícios da energia solar compensam os gastos de instalação



condicionado sem a preocupação de que a conta vai estourar no final do mês”, comentou.

Também em Cajazeiras, outro negócio apostou na energia solar, fonte natural que tem de sobra na região. “Adotamos o sistema fotovoltaico há dois anos e a economia é gigantesca. Para ter ideia de como esse investimento compensa, a nossa conta mensal era de R\$ 3,5 mil e hoje pagamos R\$ 90”, salientou Robson Lins, diretor financeiro da empresa desenvolvedora de softwares.

O empresário Danyllo Santiago, proprietário da VPower Energia, uma das empresas que realizam a instalação do sistema, afirmou que, a partir do consumo de 400 kw/hora, já há economia com a aquisição do projeto de captação de energia solar. Ele explicou que há ainda os sistemas isolados, que trabalham sem a conexão de rede da concessionária e são utilizados no agronegócio. “Hoje, no Brasil, está caminhando como um case de muito sucesso devido ao incentivo fiscal do governo, aos preços mais baixos dos equipamentos, que são importados, além do incentivo do banco. A parcela do banco fica mais em conta ou próxima à fatura do cliente”, observou.

O empresário, inclusive, possui um projeto de usinas solares na Paraíba. Além disso, está construindo, no centro de treinamento da empresa uma proposta de usinas para locação. “Nesse modelo de negócio, a empresa faz a locação da energia gerada para diminuir os custos dela”, observou. Há um ano em João Pessoa, a VPower possui em torno de 50 clientes e, no estado, há projetos em execução orçados em quase R\$ 30 milhões. A tendência, conforme Santiago, é de expansão, inclusive grandes grupos devem aderir.

#### Incentivos

Para quem adota a energia solar, uma meta é buscar incentivos. Um deles é o desconto no Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e do Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis (ITBI) pelas prefeituras, e descontos, por parte dos estados, no IPVA para quem utiliza carro elétrico.



Energia solar tem conquistado empresários paraibanos cada vez mais interessados em reduzir as despesas com eletricidade



### Conta reduzida para residências e empresas

O benefício para quem utiliza a energia solar é a economia imediata de até 95% na conta de energia, além de ficar coberto em relação às bandeiras tarifárias. Outro benefício é o fácil manuseio dos equipamentos, que garantem 25 anos de performance com um custo a partir de R\$ 10 mil para um projeto simples. Há bancos que financiam 100%, e a parcela fica mais barata do que o gasto com energia elétrica. Para quem acha que não tem condições de arcar com os custos, os adeptos garantem que ter energia solar em casa é viável.

O eletricista Alexandre Pe-

reira, que trabalha com elaboração e instalação de projetos para sistema fotovoltaico, afirmou que há um crescimento no número de unidades consumidoras da energia solar. “Com os aumentos frequentes no valor da conta de energia elétrica decorrentes da falta de recursos hídricos, a tendência é aumentar ainda mais. Falta o consumidor se informar melhor para constatar que se trata de um excelente investimento”, explicou.

Segundo ele, quitando o valor da instalação e equipamentos, o usuário terá que arcar apenas com a taxa de

disponibilidade para a concessionária de energia. “O sistema fotovoltaico é um excelente investimento. Se for financiado, o valor da parcela fica aproximado ao que o consumidor pagava na conta mensal. Esse valor varia de acordo com o porte da unidade. Para uma residência que gasta R\$ 200 por mês, por exemplo, o investimento será em torno de R\$ 10 mil e a economia vale a pena, já que o valor da taxa ficará numa média de R\$ 35 a R\$ 40”, garantiu.

Continua na página 18

## Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

**Chico Nunes**  
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

## Vamos unir forças e competências para vencermos esta crise

Tenho conversado ultimamente com pessoas que representam diversos segmentos da sociedade organizada e de poderes constituídos, sobre possibilidades e manifestos desejos de colaboração no processo de unir forças para vencer esta crise, partindo da consciência de que ações isoladas não serão suficientes para fazer frente a muitos dos problemas que hoje vivenciamos.

No ambiente da gestão pública, tenho conversado com gestores nas esferas municipal e estadual, ouvindo deles a preocupação sobre como podemos fazer algo para se conter estes impactos negativos com as comprovadas sequelas junto à população mais carente e o setor produtivo. E quando falo da gestão pública, refiro-me a integrantes dos poderes Executivo e Legislativo.

No campo empresarial e produtivo, ouço reiteradas manifestações de há muita disposição para se encontrar soluções que possibilitem a salvação, revitalização e fortalecimento dos negócios, ora ameaçados pelos danosos efeitos desta crise. Estão dispostos ao diálogo, querendo ser ouvidos porque são eles que melhor conhecem os problemas e as soluções em suas respectivas

áreas, onde possuem competência adquiridas.

Na convivência com segmentos da sociedade organizada, a exemplo dos conselhos profissionais, na área econômica e outras no campo das ciências sociais, percebo quantas propostas qualificadas já existem com foco na superação destes problemas. Também lhes faltam o necessário acolhimento para que sejam ouvidos.

Nas oportunidades que tenho de interagir com os meios de comunicação, posso comprovar que muitos dos profissionais que atuam nesta área, estão dispostos a usar suas qualificações e espaços que ocupam, na multiplicação do bom diálogo para que se efetive o entendimento entre tantos atores que numa linha positivista se dispõem a colaborar.

Não podemos ocultar que existem os descomprometidos, os oportunistas, que usam a crise em benefício pessoal, causando danos aos que se tornam involuntariamente vítimas das omissões e desonestidades destes indesejáveis personagens. Sou partidário da afirmação de que a força do bem sempre sairá vitoriosa, e de que o verdadeiro triunfo possui origem nos valores da moral, da ética, da honestidade e da

competência para o trabalho que dignifica.

Retomando então a linha da construção edificante, a partir dos que estão dispostos a colaborar, exalto a importância de se unir estas forças em prol das soluções que possam nos fortalecer para o enfrentamento de tantas dificuldades. A pergunta que não quer calar é seguinte: já que existe tanta gente do bem querendo somar, o que está faltando? Precisamos de pessoas com atitudes e capacidade de articulação. É necessário unir lideranças que representem os segmentos que acima mencionei, para formularmos legítimas propostas que contemplem a todos e ampliem nossas chances de vitória sobre a crise.

Temos uma previsão de quando poderemos vencer a pandemia sob o ponto de vista sanitário, uma vez concluído o processo de vacinação de nossa população. Isto resolve um dos nossos maiores problemas neste contexto pandêmico e trará novo ânimo em função da preservação de vidas, mas não será o fim da crise.

Vencida esta etapa, outros grandes desafios continuarão por um tempo mais longo. Teremos que ocupar as pessoas de forma produtiva e

remunerada, para retomarmos o crescimento econômico com geração e distribuição de renda. Esta é uma tarefa que compete aos governos e ao setor produtivo. Neste sentido é preciso que haja diálogo, entendimento e proatividade, urgentemente.

Outro problema a ser resolvido é o do déficit público. Temos acompanhado por meio dos veículos de comunicação, o anúncio de quanto representa para os cofres da união, estados e municípios, cada medida de socorro à população. Para nos recuperarmos neste aspecto financeiro, levaremos meses e até anos, privando-nos da capacidade de investir em programas e ações que dariam maior celeridade ao nosso desenvolvimento.

Teremos ainda que administrar problemas oriundos de represamentos causados em diversos setores, a exemplo da saúde e da educação. Os pacientes que adiaram tratamentos por medo de contraírem a Covid 19 nos ambientes hospitalares, os alunos que não conseguiram concluir adequadamente suas atividades escolares, ilustram bem o que quero destacar. Precisamos unir forças e competências para sermos vitoriosos.

# Sol e bons ventos favorecem investimentos na Paraíba

Usinas geradoras de energia têm sido instaladas no estado aproveitando o potencial natural de cada região

**Lucilene Meireles**  
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O índice de irradiação solar no município de Coremas, no Sertão paraibano, é um dos mais altos do país e, por lá, foram instaladas várias placas para captação de energia solar. Em 2018, a cidade contava com três usinas com uma produção suficiente para beneficiar 150 mil pessoas, considerando que cada uma abastece em torno de 50 mil habitantes.

Na Paraíba, em 2018, 25% das instalações de sistema fotovoltaicos estavam no município de Sousa, também no Sertão, conforme dados do período do Comitê de Energia Renovável. Em Santa Luzia, a energia dos ventos foi aproveitada na geração de energia elétrica. Na cidade, fica a Usina Lagoa 1. Já a usina eólica Canoas e a

Lagoa 2 ficam em São José do Sabugi.

O gerente regional da Agência do Sebrae em Cajazeiras, Talles Vasconcelos Medeiros, afirmou que a maioria das empresas, independente do porte, tem aderido às usinas de energia solar fotovoltaica para geração de energia limpa e redução de custos diretos. No Sertão, de uma forma geral, os dois tipos de geração de energia limpa mais adotados são o solar e o fotovoltaico que têm como fonte a luz solar.

“Cresceu exponencialmente o número de empresas que prestam esse tipo de serviço, de instalação e manutenção de usinas, e a energia eólica, gerada através de vento, temos o exemplo do Complexo Santa Luzia é formado pelos parques Canoas, Lagoa I e Lagoa II. Alocados nos municípios de São José do Sabugi, Santa Luzia e Junco do Seridó, na Pa-

raíba, cada um tem 15 aerogeradores com capacidade instalada de 31,5 MW”, explicou.

A maior parte das usinas de energia solar fotovoltaica no Sertão, sejam em residências ou em estabelecimentos comerciais, é instalada nos respectivos telhados. Existem usinas instaladas em terrenos de áreas rurais que não impactam no meio ambiente. O Sebrae, através do programa de consultorias na área de inovação - o Sebraetec - faz o planejamento do estabelecimento comercial para instalação da usina de energia solar fotovoltaica. O Sebrae atende pessoa jurídica, em suas 11 agências no estado, incluindo os microempreendedores individuais (MEI), microempresas (ME), empresas de pequeno porte (EPP), produtores rurais e artesãos.

## Projetos

Estimativa é que 87% do estado possua energia limpa com instalação de novos parques

## Capital terá fábrica de painéis solares

A Paraíba terá a maior fábrica de painéis solares da América Latina e uma das maiores do mundo. O anúncio foi feito pelo governador João Azevêdo, no dia 11 de junho. O estado vai sediar também o Complexo Solar Santa Luzia, que será o principal conjunto de usinas de geração de energia renovável do país. Juntos, os projetos devem gerar 5 mil empregos, representando um investimento de R\$ 4,7 bilhões no estado.

Serão R\$ 4,1 bilhões no novo parque solar e mais R\$ 70 milhões na fábrica de painéis fotovoltaicos. A fábrica de painéis solares será instalada pelo grupo paranaense Balfar Solar, e a previsão é que entre em operação em janeiro de 2022, no Distrito Industrial de João Pessoa, produzindo, por ano, mais de 150 mil peças de painel solar.

O Complexo Solar Santa Luzia, que será o maior parque do Brasil, com geração de 1,6 gigawatts (GW), será instalado pelo grupo Rio Alto. Este será o maior parque do Brasil, com capacidade para alimentar 1 milhão de casas populares. O Complexo terá 28 usinas

solares fotovoltaicas de 58MWp, alcançando uma capacidade de 1,625GW em uma área de 1,7 mil hectares nos municípios de Santa Luzia e São Mamede.

Durante o anúncio, transmitido on-line, o governador destacou que os empreendimentos tornarão a Paraíba referência nacional. Com os novos empreendimentos, a estimativa da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep) é que 87% da matriz do estado sejam de energia limpa. Outras empresas de energia solar já atuam na Paraíba, a do grupo Rio Alto, em Coremas, e a da Proton Energy (EUA), em Malta, produzindo, juntas, 135MW.

A Energisa, concessionária de energia na Paraíba, informou que há discussões sobre mudança nas regras da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) para conexão de geração distribuída, que pode alterar todas as projeções. Em curto prazo, mantendo-se as regras atuais, o número de unidades consumidoras deve dobrar a cada ano, nos próximos 3 anos.

### Energia eólica

A Paraíba também vai ganhar um parque eólico. O protocolo de intenções para instalação do projeto foi assinado pelo governador no mês de abril. O empreendimento, que será instalado em Junco do Seridó e Santa Luzia, deve gerar mais de 600 empregos, com um investimento de R\$ 1 bilhão. A previsão é que a construção seja iniciada em julho.

Na ocasião, João Azevêdo ressaltou que a Paraíba tem uma grande capacidade para geração de energia eólica. O Parque Eólico Serra do Seridó é o primeiro do grupo EDF Renewables no estado. A expectativa é que entre em operação comercial no início de 2023. O parque contará com uma capacidade instalada de 242 MW.

Parque eólico deve ser inaugurado no estado até 2023, nos municípios de Junco do Seridó e Santa Luzia

## Iniciativas sustentáveis recebem incentivos

“Pensar em energias limpas é também pensar a adoção de tecnologias que visem reduzir impactos ambientais e, nesse quesito, nosso suporte é ampliado”, declarou o superintendente em exercício do Banco do Nordeste, Iranildo Horácio da Silva. Para ele, quando uma empresa decide adquirir um equipamento que vai beneficiar o meio ambiente diminuindo a emissão de resíduos poluentes, o BNB entende que, de certa forma, também dá suporte “para que esse agente produtivo empreenda, gere emprego e renda, e promova a qualidade de vida da região”.

O BNB apoia iniciativas de adoção de energias limpas e diminuição dos impactos ambientais. O suporte de crédito atende desde grandes empresas que trabalham com complexos de matrizes energéticas de energia solar, eólica e biocombustíveis, até os segmentos de menor porte que desejam reduzir custos com a instalação de sistema de minigeração de energia no comércio. Até mesmo a pessoa física que queira instalar um projeto de mudança da matriz energética em sua residência pode ter crédito.

Através da linha FNE Sol, o BNB atende pessoas físicas e jurídicas, financiando equipamentos e instala-

ção. Há ainda FNE Infraestrutura, que aporta recursos para grandes projetos de instalações de matrizes fotovoltaicas e eólicas no estado. As parcelas a serem pagas são definidas em relação ao projeto que é apresentado. O valor não pode exceder a conta de energia que o cliente já paga. Para pessoa física, o prazo é de até 8 anos, já incluída carência de até 6 meses. O limite máximo de financiamento é de projetos de até R\$ 100 mil. No caso de empresas, os projetos são avaliados conforme o porte do empreendimento, com prazo de até 12 anos e carência de até 6 meses.

### Projetos da universidade

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) possui várias novidades em pesquisas com relação às energias limpas. Uma delas, na qual os pesquisadores estão trabalhando bastante e que também se caracteriza como energia limpa, é a mobilidade elétrica. “Nós desenvolvemos veículos elétricos, tanto de competição, quanto de passeio para transporte indoor, e isso tem sido uma pesquisa de bastante relevância para a UFPB”, declarou Euler Macedo, diretor Centro Energias Alternativas e Renováveis UFPB.

As vantagens do veículo elétri-

co são várias e uma das principais é que ele não emite gases que poluem o meio ambiente. Se comparado ao motor comum, o elétrico gera 30% menos CO<sup>2</sup>. Além disso, veículos elétricos consomem cerca de 90% da eficiência energética, contra 30% a 40% do motor a combustão.

Os benefícios não param por aí. A manutenção do veículo elétrico também é mais barata, ficando entre 20% e 30% abaixo do valor cobrado em um veículo com motor a combustão. O custo por quilômetro rodado é bem menor do que o de um veículo convencional. Além disso, há menos cobrança de impostos, é extremamente silencioso e ainda possui melhor desempenho.

Na UFPB, há ainda outras pesquisas voltadas às energias limpas. Uma delas é a utilização de filmes finos, uma tecnologia atual para desenvolver novos coletores solares. Há também a utilização de armazenamento de energia em baterias, ou seja, um grande contêiner de baterias onde será armazenada energia gerada durante o dia para injetar na rede elétrica durante a noite. “Então, há várias vantagens a partir da utilização desse tipo de armazenamento de energia”, destacou o diretor Euler Macedo.



Foto: Acervo pessoal

Angélica encontrou na calistenia uma maneira de se exercitar, ganhando qualidade de vida, sem sair de casa: um espaço na sala ou no quarto é suficiente. O método não utiliza equipamentos

## Isolamento aumenta busca pela calistenia

Exercícios que usam o peso do próprio corpo conquistam mais adeptos durante a pandemia

**Laura Luna**  
lauraluna@epc.pb.gov.br

Exercitar-se usando apenas o peso do corpo, como se ele mesmo fosse uma academia daquelas completas com pesos, halteres, anilhas... Esse é o princípio da calistenia, método de treino que trabalha todos os grupos musculares proporcionando grande gasto calórico e que tem como um dos grandes benefícios a praticidade de poder ser realizado em qualquer lugar, inclusive, em casa.

“É o funcional sem equipamentos, exercícios realizados com o peso do próprio corpo”, explica Renato Pimentel, professor de Educação Física, com 15 anos de atuação. Flexão, agachamento, prancha e abdominal são alguns dos exercícios mais comuns da prática que, segundo o educador físico, pode ser realizada por qualquer pessoa, desde que devidamente avaliada. “Para prescrição de qualquer treino, deve-se fazer uma anamnese (avaliação posterior) para saber se há algum problema ou limitação. Mas, mesmo quem tem alguma limitação ou problema ortopédico, por exemplo, pode praticar sem contraindicação, já que os exercícios são adaptados às necessidades de cada um”.

Com a pandemia, esse tipo de prática se difundiu ainda mais. Para quem não queria parar, mesmo com o fechamento das academias, a calistenia foi uma opção. “O fato de ser praticado em qualquer lugar, facilita e muito. O número de adeptos tem aumentado justamente por essa facilidade. Tem muita gente que não pensa em voltar às academias nem tão cedo, por isso, estão optando por treinar em praças, praias e em casa mesmo. A maioria dos meus alunos treina comigo no conforto, segurança e aconchego do lar”, pontua Renato.



Foto: Acervo pessoal

O professor de Educação Física, Renato Pimentel, diz que a calistenia é opção perfeita para quem não quer treinar em academias. Nesta pandemia, o método foi mais procurado exatamente por pessoas que queriam manter os exercícios, mas na segurança de suas casas

### SERVIÇO

**Para quem quer treinar em casa, Renato Pimentel dá algumas dicas de exercícios menos elaborados, digamos assim, mas que, se realizados com frequência, são capazes de colocar o sedentarismo para bem longe. O entrevistado alerta ainda sobre a importância de se consultar um profissional de Educação Física para auxiliar na montagem dos treinos e na execução dos exercícios.**

#### ■ Agachamento na cadeira (senta/levanta)

Comece com os pés um pouco mais afastados do que a largura dos quadris. Deixe os dedos dos pés ligeiramente voltados para fora. Mantenha as costas eretas, fazendo uma linha reta da cabeça ao cóccix. Flexione joelhos, quadril e tornozelos, fazendo o movimento de sentar e levantar da cadeira. Escolha uma cadeira que os joelhos fiquem em 90° quando você estiver na posição sentado, como também mantendo os pés no chão!

#### ■ Abdominal supra curtinho

Deite-se com as costas rentes ao chão, bem retas. Flexione as pernas, mantendo os pés apoiados no chão e joelhos na direção do teto. Levante as costas, só tirando as escápulas do chão em um movimento curtinho coordenando a respiração com o movimento.

#### ■ Rosca direta (bíceps)

Em pé, com os pés afastados na largura dos ombros, joelhos um pouco flexionados e com o abdômen contraído, colocar o peso em cada mão com os cotovelos flexionados na lateral do corpo e as mãos viradas para cima. Sem movimentar os ombros e com os punhos firmes, elevar os braços no sentido dos ombros e voltar à posição inicial lentamente. A carga pode ser pacotes de 1kg de algum alimento, ou garrafas de água, ou de material de limpeza.

#### ■ Remada curvada

Em pé, com as pernas afastadas na largura do ombro e as pernas levemente flexionadas, inclinar o tronco para frente. Os braços devem ficar alinhados ao corpo e as mãos voltadas para dentro, segurando um peso em cada mão. É importante que as costas fiquem retas e o abdômen contraído. Puxar o peso para cima, flexionando os braços. Abaixar lentamente os braços na direção do chão, esticando-os completamente.

#### ■ Tríceps testa deitado

Deitado no chão com joelhos flexionados, de forma a ficar com os pés apoiados no chão. Segurar um peso em cada mão, esticar os braços para cima apontados para o teto. Em seguida, dobrar os cotovelos para trás até que as mãos com os pesos estejam próximas aos ombros. Voltar à posição inicial.

#### ■ Supino reto

Deitado no chão com a barriga para cima e pernas flexionadas com pés no chão. Com os braços dobrados ao lado do corpo e na altura dos ombros, segurar os pesinhos com as palmas das mãos voltadas para frente. Com o abdômen contraído, elevar os braços, empurrando os halteres diretamente acima do peito com os cotovelos levemente dobrados, mantendo os pulsos retos. Abaixar os braços, sempre com os cotovelos dobrados quase tocando o chão.

## Segurança e praticidade

Foi o que fez Angélica Marinho, ainda no início da pandemia. “No início, achei que não conseguiria, mas fui me sentindo muito bem e disposta”. Mesmo em meio à rotina corrida, a fonoaudióloga faz questão de parar para se exercitar, não tanto quanto gostaria, confessa. “Nem todo dia consigo, mas, em média, me exercito três vezes na semana. Tenho dois filhos que estão em casa o tempo todo, então, às vezes, o dia passa e não consigo”. Os treinos geralmente acontecem na sala ou no quarto, conta, e nem é preciso muito espaço, basta ter vontade. “Primeiramente, a melhora da disposição, é notório que o corpo começa a ficar com mais energia e respondendo melhor às atividades cotidianas. Depois, os resultados, que são bem satisfatórios”, detalha Angélica, que já virou fã das práticas.

Para Renato Pimentel, a principal vantagem dos exercícios de calistenia é o fato de não haver necessidade de utilizar nenhum equipamento ou acessório para se ter os mesmos benefícios de um treino em academia. “E ainda pode ser feito em qualquer lugar e hora desejado”. Mas, como tudo na vida, há também as desvantagens. “Ao meu ver, depende dos objetivos do aluno/cliente. Por exemplo, se o objetivo dele for hipertrofia muscular (ganho de massa magra) seria mais demorado e não há muita hipertrofia, por isso, será difícil ficar com barriga trincada e pernas mais grossas só com o treino funcional”.

Nas praias é comum ver pessoas se exercitando em barras de ferro, exercícios calistênicos, como é o caso também do pole dance. A professora Marina Nobre, que treina há quase sete anos e dá aulas há quatro, conta que a prática - realizada utilizando apenas uma barra - trabalha grupos musculares superiores e inferiores e que o maior benefício é a descoberta da força, muitas vezes, desconhecida. “A descoberta das potencialidades e de uma força que muitas vezes não se sabe que tem. Com a prática, a gente começa a perceber que pode fazer muita coisa, o pole dance é muito empoderador”. Outras práticas também se valem da calistenia, como, por exemplo, o protocolo Tabata, que tem como base exercícios aeróbicos intensos e intervalados que aceleram o metabolismo promovendo gasto calórico durante e após o treino.

## Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

# Bambu: fonte de produção ecologicamente correta

Planta tem atraído a atenção de pesquisadores e fabricantes, de olho na sua versatilidade e durabilidade

**Alexsandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

Seja em parque, praça, no Jardim Botânico ou em outras áreas verdes da Paraíba, o bambu já é uma planta que faz parte do cenário do Estado. O que muitos não sabem é que esse vegetal, quando manejado corretamente, pode ser transformado em sacos de cimento, tecido, colchão, roupa íntima, alimento e até usado na construção de castelos espalhados pelo mundo.

“O bambu é uma planta com grande potencial. A China, por exemplo, vende tecnologia para o mundo e fabrica produtos altamente duráveis feitos a partir do bambu”, declarou o doutor em ecologia vegetal e pesquisador do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus II, em Areia, professor Leonaldo Alves de Andrade. Segundo ele, o que conhecemos popularmente como bambu, na verdade faz referência a um gênero de planta que abrange milhares de espécies, e muitas delas estão no Brasil.

A maioria das plantações que vimos em terras brasileiras, sobretudo no Nordeste, são espécies que vieram de outros continentes, como a Ásia, desde a época da colonização. Segundo ele, a versatilidade do bambu remonta de tempos milenares e já é recorrente em muitos países. “Enquanto no Brasil, ainda ficamos patinando em relação ao seu uso”.

O professor declarou que viajou para estados como São Paulo e, por meio de parceria com associações, trouxe mudas de outras espécies de bambus para a Paraíba a fim de ampliar a diversidade da planta no campus de Areia, e destiná-las a projetos que utilizam essa matéria-prima.

Segundo ele, há um projeto na UFPB que avalia as potencialidades dos bambus na fabricação de diversos produtos, a exemplo de utensílios domésticos. Neste trabalho, ainda se estudam tecnologias de tratamento de algumas espécies para garantir maior durabilidade da planta. “Os próximos anos serão decisivos para a expansão do uso de tecnologias com bambus. Tenho amigos de São Paulo que têm recebido comitivas de chineses que vêm ao país conhecer as potencialidades do clima, do solo e a expansão do bambu. O objetivo deles é vender essa tecnologia”, destacou.

**Projeto desenvolvido por pesquisadores da UFPB avalia as potencialidades do bambu na fabricação de diversos produtos, inclusive, utensílios domésticos**



Foto: Marcus Antonius

Espécies mais comuns do bambu são originárias da Ásia, mas as condições de solo e de clima no Brasil permitem o rápido crescimento da planta

## Pesquisas na Paraíba

O trabalho com bambus da equipe do campus II da UFPB chamou a atenção de pesquisadores da UFPB em João Pessoa, do campus I, firmando parcerias no uso desta planta. Segundo Leonaldo Alves de Andrade, estudiosos dos cursos de Arquitetura e de Engenharia Civil, na capital, estão experimentando bambus nessas áreas.

No campus da UFPB, em Areia, o professor e pesquisador Leonaldo Alves conta que há três touceiras do bambu chamado *dendrocalamus asper*, as quais ele chama de “pérolas” por serem as plantas mais antigas deste tipo que se tem notícia no estado. “Também conhecidos como bambus gigantes, eles foram trazidos há mais de 80 anos para o campus de Areia. Esses bambus têm hastes com mais de 30 metros de altura, com diâmetro na base de 30 centímetro”.

O *dendrocalamus asper* é uma espécie rara da planta e apresenta difícil propagação. Mas o professor Leonaldo declarou que desenvolveu um método de multiplicação desse bambu. “Temos mandado essas mudas para todo o Brasil, para quem tem interesse em adquiri-las”, declarou o pesquisador.

### Saiba mais

Os bambus que predominam na Paraíba, segundo o pesquisador Leonaldo Alves de Andrade, são praticamente de dois gêneros: o *vulgaris*, que tem o caule verde; e o *bambu vitata*, que apresenta o caule amarelo, com listras verdes. Esse último gênero é encontrado facilmente em João Pessoa, em locais como o Parque Zoo Arruda Câmara. Ainda tem o bambu *tuldoide*, cujo caule é mais fino, sendo mais predominante no litoral paraibano.



## Substituição do plástico é alternativa “amiga” da natureza

Outra vertente mundial é a substituição do plástico, que tanto degrada o meio ambiente, pelo bambu, considerado um material ecologicamente correto. O famoso canudinho plástico já tem a versão feita com a planta. O professor Leonaldo Alves de Andrade frisou que há estabelecimentos na Europa que já substituíram os copos de plástico descartável pelos feitos com bambu. Esses são apenas alguns exemplos de como a planta pode ser “amiga” da natureza, sem falar que ela é uma fonte renovável.

“O bambu tem a capacidade de ser uma planta de alta eficiência energética, produz biomassa e cresce muito rapidamente se comparada a outras espécies. Se manejado corretamente, é fonte renovável e inesgotável para a confecção de diversos produtos. Com isso, tem-se uma verdadeira fábrica de produção de matéria-prima que pode ser utilizada para as mais diferentes finalidades”, declarou Leonaldo.

No campus II da UFPB existe uma série de espécies de bambus que estão sendo analisadas.

São mais de 50 mudas de 18 espécies. “Tenho conduzido esses experimentos de produção de mudas, que é muito mais um trabalho de extensão. A cultura brasileira é que o bambu não serve para muita coisa porque dá cupim e caruncho. Mas, estamos desmistificando isso, desenvolvendo tecnologias e produção de mudas e testando espécies que possam ser utilizadas, substituindo, em muitos casos, a madeira, que é um produto cada vez mais raro”, explicou.



Foto: Divulgação

Professor Leonaldo Alves pesquisa o bambu



Foto: Instagram/Trezeoficial

Fotos: Jefferson Emmanuel/Sousa SamirOliveira/Campinense



Técnicos Índio Ferreira e Ranielle Ribeiro e os goleiros Ricardo, do Sousa e Mauro Iguatu, do Campinense, são destaques na grande final do Paraibano de 2021

Arte: Luciano Honorato



# DIA DE GRITAR: É CAMPEÃO!



O jogo de hoje no estádio Marizão entre Sousa e Campinense, a partir das 10 horas, vai apontar o campeão paraibano de 2021

Iago Sarinho  
iagosarinho@gmail.com

Sousa e Campinense entram em campo, logo mais, às 10h, para a segunda parte da final de 180 minutos, iniciada na última quinta-feira, com vitória do time de Campina Grande por 1 a 0, jogando no Amigão. Agora, a partida será no Sertão da Paraíba, no estádio Marizão, onde o time sertanejo espera impedir o 21º título da Raposa e conquistar o terceiro título do Campeonato Paraibano de sua história. Com a vantagem obtida na primeira partida, o favoritismo passou a ser do rubro-negro que joga por um empate para ser campeão, mas o "Dinossauro" quer e promete mostrar as suas garras sob o sol forte da "Cidade Sorriso".

O futebol é cheio de postulações, máximas e muita superstição por parte de torcedores, jogadores e até mesmo dirigentes. Duas

dessas perspectivas são: todo bom time começa por um bom goleiro, e técnicos ganham jogos. Nesse sentido, a final do Campeonato Paraibano apresenta dois bons e experientes goleiros, Ricardo e Mauro Iguatu, que defendem as cores do Sousa e Campinense, respectivamente. Já, no banco de reservas Ranielle Ribeiro pelo rubro-negro, e Índio Ferreira comandando a equipe sertaneja assumiram seus times em momentos conturbados e conseguiram guiar as equipes até a final.

Natural da cidade de Aparecida e revelado pelo Sousa, Ricardo é um experiente goleiro de 37 anos, mas que permanece atuando em alto nível. Campeão paraibano pelo Dinossauro em 2009, portanto, há 12 anos atrás, ele voltou para o time sertanejo, para cumprir a sua 13ª temporada jogando pela equipe, em seu 19º ano de carreira, fazendo agora a

sua oitava passagem pelo clube que defendeu mais vezes em sua carreira, em um ciclo vitorioso que, independente do resultado da final de hoje - que encerra um campeonato onde, em 9 jogos, só sofreu dois gols -, já lhe impõe a condição de ídolo.

## Uma

Derrota sofreram o Sousa e o Campinense até o momento no Campeonato Paraibano de 2021

Com menos idade, 33 anos, mas também muito experiente, Mauro Iguatu que carrega no nome, a sua terra natal, chegou na reta final do Campeonato Paraibano para gerar um impacto imediato e se transformar na peça que

faltava para que a Raposa pudesse subir de patamar na competição e foi isso que ele fez. Tendo sua contratação financiada pela torcida raposeira, o goleiro foi o personagem que garantiu, nas cobranças de pênaltis, por duas vezes, o avanço da equipe até as finais, primeiro contra o Atlético de Cajazeiras e depois diante do Botafogo nas semifinais onde Mauro Iguatu, inclusive, cobrou, com maestria, a penalidade da vitória.

Além dos goleiros decisivos em campo, do lado de fora das quatro linhas, as equipes contam com técnicos jovens, Ranielle com 41 e Índio com 46 anos de idade, mas que já acumulam experiências importantes no futebol e que podem, pela primeira vez, vencer o Campeonato Paraibano em condições que pareciam improváveis já que o treinador da Raposa assumiu a equipe após uma eliminação vexatória na Copa do Brasil - 7 a 1

para o Bahia - e uma derrota para o São Paulo Crystal na estreia do Estadual, enquanto que o técnico sousense, passou a treinar o time depois de uma pedido repentino de demissão de Paulo Schardong que abandonou o barco no Sousa.

Seja pelas mãos, promotoras de milagres futebolísticos, de seus goleiros ou pela capacidade que seus treinadores demonstram na construção e condução dessas equipes, apenas um desses lados poderá ficar com o título estadual, mas ambos já carregam histórias importantes para serem lembradas. Ao invertem uma lógica de favoritismo que se prenunciava para Treze e Botafogo, adversários de maior orçamento e que já vinham em ritmo de competição, para chegarem na decisão, Sousa e Campinense, independente do vencedor, já garantiram que o título de Campeão Paraibano, em 2021, ficará em bom e justo lugar.

## + Dinossauro busca o seu terceiro título estadual; já a Raposa quer parar sequência como vice das últimas competições

Iago Sarinho  
iagosarinho@gmail.com

Sousa e Campinense fazem o segundo jogos das finais do Campeonato Paraibano, amanhã, às 10h, no estádio Marizão, o confronto, que vale o título estadual e uma vaga na Copa do Nordeste, possui pesos diferentes para ambas as equipes, afinal, de um lado está o valente time sertanejo e do outro, a segunda equipe com o maior número de títulos do certame. No entanto, vindo de três vice-campeonatos

seguidos e convivendo com restrições financeiras e dívidas milionárias, vencer esse campeonato, para a Raposa, será tão importante quanto para o "Dinossauro" do Sertão que busca seu terceiro troféu da Paraíba, na história.

Com ambos os times tendo sofrido suas únicas derrotas na competição, na primeira rodada do torneio, Sousa e Campinense chegaram para essa decisão após campanhas de recuperação e afirmação, que desbancaram equipes tidas como favoritas

no começo da competição com Treze e, especialmente, o Botafogo, equipe que possui uma folha salarial superior ao dobro daquilo que Raposa e "Dinossauro" gastaram para chegar na decisão.

Sem vencer um título estadual desde 2009, quando ganhou pela última vez o Estadual, ao bater de virada, na decisão, a equipe do Treze, em pleno Amigão, por 2 a 1 com gols de Edmundo, o Sousa busca ampliar a sua vantagem em relação aos rivais sertanejos, Nacional de

Patos e Atlético de Cajazeiras, donos de um título estadual, para cada um.

Já o Campinense, dono de 20 títulos paraibanos e que está fazendo a sua quarta decisão do Campeonato Paraibano, de forma consecutiva, espera, agora, poder enfim levantar o troféu, já que, nas três últimas oportunidades, a equipe acabou ficando com o vice-campeonato, ao ser batida pelo Botafogo duas vezes (2018 e 2019) e pelo Treze, no ano passado. Com isso, o time que foi bicampeão entre 2015

e 2016, anos de suas últimas conquistas, já amarga 4 anos sem comemorar um título.

Esse encontro de histórias, terá seu ponto final, hoje, quando o futebol, 22 jogadores em campo e milhares de torcedores, de suas casas, pela televisão ou pelo rádio, comemorarão a quebra da sequência de vice-campeonatos e o 21º troféu na galeria da Raposa ou se o "Dinossauro" do Sertão, destronará os grandes, mais uma vez, para fortalecer a sua hegemonia sertaneja.

# Paraibanos integram a Seleção de Futebol de 5 que vai a Tóquio

Além do técnico Fábio Vasconcelos, os atletas Matheus Costa, Jardiel Vieira, Maicon Júnior e Damiano Robson estão na equipe

A Seleção Brasileira de Futebol de 5, única vencedora das quatro edições de Jogos Paralímpicos realizados com a modalidade na grade (2016, 2012, 2008 e 2004), conheceu no início da semana os adversários que terá pelo caminho nos Jogos de Tóquio, que começam no dia 24 de agosto. A Paraíba é bem representada na seleção com o técnico Fábio Vasconcelos e os atletas Matheus Costa (goleiro), Jardiel Vieira e Maicon Júnior (alas) e Damiano Robson (fixo).

O sorteio colocou os favoritos ao penta no Grupo A, ao lado de Japão, França e China. Já o Grupo B ficou formado por Argentina, Espanha, Marrocos e Tailândia. A competição é disputada no formato de todos contra todos dentro das chaves, em turno único. Os dois melhores de cada grupo avançam às semifinais. O fut5 será disputado de 29 a 31 de agosto, com semifinais no dia 2 de setembro e disputa por medalhas no dia 4.

“Acho que caímos em um grupo forte, com quatro equipes qualificadas. França e China já ganharam medalhas de prata em Paralimpíadas, e a China, principalmente, vem alcançando bons resultados”, analisou o ala Ricardinho, melhor jogador do mundo na atualidade. “E vale destacar a evolução do Japão. Acompanhamos esse último Grand Prix e percebemos que, taticamente, eles estão organizados

defensivamente e saindo bem para o ataque, mostrando que a metodologia de treinamento tem sido bastante eficaz”, completou, referindo-se ao evento realizado há duas semanas em Tóquio que contou com a Argentina campeã ao bater os japoneses na decisão – o Brasil não participou.

A China, atual campeã asiática, é uma das nossas adversárias mais tradicionais em Paralimpíadas. Até hoje, os dois países se cruzaram quatro vezes no evento, com três vitórias brasileiras e um empate. Em 2008, derrotamos os chineses em sua casa, Pequim, na decisão

(2 a 1). A França também já disputou final paralímpica contra o Brasil, em Londres 2012, quando acabou derrotada por 2 a 0. O Japão, que vai participar como país-sede, é estreante no evento.

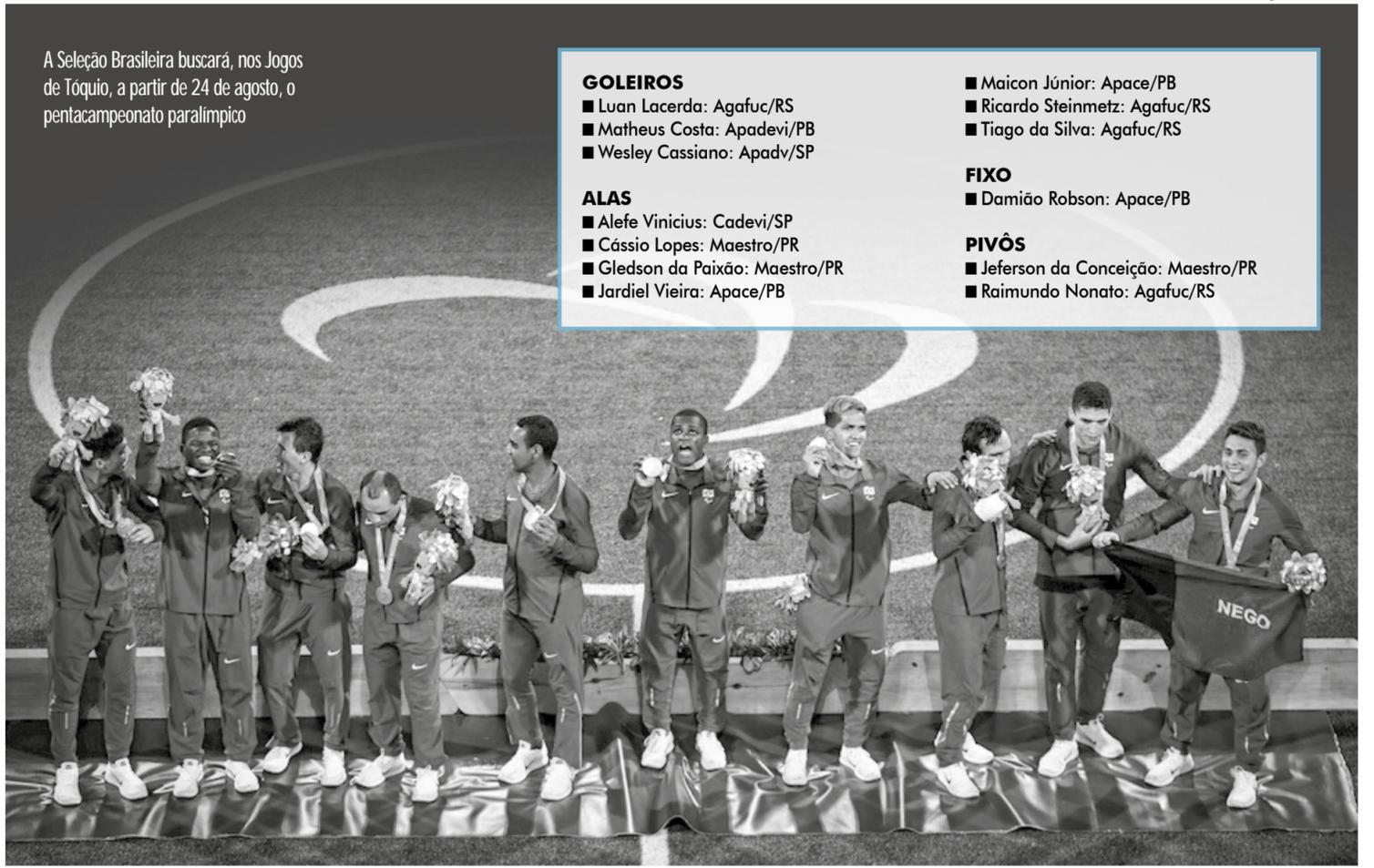
“A chave do Brasil ficou forte, mais equilibrada do que a outra. Mas o que sem-

pre digo aos atletas é que, para serem campeões, não podem escolher adversário. Primeiro, temos de nos classificar. Vamos passo a passo. Estamos preparados, o time está engrenando com essas fases de treinamento mais próximas”, disse o técnico Fábio Vasconcelos.

## Convocação

Por falar em fase de treinos, começa hoje e vai até o dia 2 de julho, no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo. Será a penúltima reunião do grupo antes da ida aos Jogos. O treinador convocou 13 atletas para o período.

Foto: Marcio Rodrigues/MPIX/CPB



A Seleção Brasileira buscará, nos Jogos de Tóquio, a partir de 24 de agosto, o pentacampeonato paralímpico

### GOLEIROS

- Luan Lacerda: Agafuc/RS
- Matheus Costa: Apadevi/PB
- Wesley Cassiano: Apadv/SP

### ALAS

- Alefe Vinicius: Cadevi/SP
- Cássio Lopes: Maestro/PR
- Gledson da Paixão: Maestro/PR
- Jardiel Vieira: Apace/PB

- Maicon Júnior: Apace/PB
- Ricardo Steinmetz: Agafuc/RS
- Tiago da Silva: Agafuc/RS

### FIXO

- Damiano Robson: Apace/PB

### PIVÔS

- Jeferson da Conceição: Maestro/PR
- Raimundo Nonato: Agafuc/RS

## Jogos Olímpicos

# Brasil terá 13 judocas brigando por medalhas

Felipe Rosa Mendes  
Agência Estado

A Confederação Brasileira de Judô (CBJ) definiu esta semana a lista de judocas que vão representar o país nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Sem surpresas, a relação tem 13 convocados, sendo sete homens e seis mulheres. O Brasil só não terá atletas na categoria até 57kg no feminino.

Quem compete nesta categoria é Rafaela Silva, atual campeã olímpica, que foi suspensa por doping no ano passado. Ela chegou a apelar à Corte Arbitral do Esporte, mas não teve sucesso. Assim, não poderá defender o título conquistado nos Jogos do Rio-2016. Sem Rafaela, as principais apostas de medalha do Brasil na capital japonesa são Rafael Silva, o “Baby”, Maria Suelen Altheman, os dois judocas dos pesos, e Mayra Aguiar.

Aos 34 anos, Rafael Baby é o mais experiente da equipe. Vai disputar sua terceira Olimpíada e já tem duas medalhas de bronze no currículo. Em Londres-2012, conquistou a primeira medalha do judô brasileiro na categoria dos pesados. E repetiu

“Temos uma responsabilidade boa de buscarmos um bom resultado em Tóquio, porque há nove ciclos olímpicos que o Brasil sempre busca o seu lugar no pódio.”

a dose quatro anos mais tarde, apesar de enfrentar problemas físicos no ciclo olímpico do Rio-2016.

Dona de dois títulos mundiais, Mayra Aguiar tem 29 anos e bagagem semelhante a de Baby, com dois bronzes nas últimas Olimpíadas, ambas na categoria até 78kg. Ketleyn Quadros é mais velha que Mayra, com seus 33 anos, mas vai competir em Jogos Olímpicos pela segunda vez. Foi bronze em Pequim-2008 no peso leve (até 57kg). Agora vai entrar no tatame numa categoria acima: até 63kg.

A CBJ definiu a lista logo após a Federação Internacional de Judô divulgar o ranking olímpico, que dá vaga direta aos 18 primeiros colocados de cada categoria, com a restrição de

apenas um atleta por país em cada peso. Dos 13 brasileiros classificados, apenas Eduardo Katsuhiro entrou na lista pelo critério da cota continental das Américas. Ele é o atual 34º do mundo na categoria até 73kg.

Na única dúvida na convocação, Maria Suelen Altheman (32 anos) fez valer a maior experiência para superar Beatriz Souza (23). As duas fizeram disputa equilibrada no ranking nos últimos meses. Maria Suelen é a atual número cinco do mundo e a compatriota, a número oito. Apenas 428 pontos separam as duas judocas no ranking.

O judô brasileiro chegará aos Jogos de Tóquio sem a mesma expectativa dos últimos ciclos olímpicos. No último teste antes da Olimpíada, a seleção conquistou apenas três medalhas, todas de bronze, no Mundial de Budapeste, na Hungria, na semana passada. Maria Suelen e Beatriz Souza, que não irá ao Japão, empataram no terceiro lugar na categoria mais pesada.

E o Brasil levou o bronze na disputa por equipes mistas, com a mesma Beatriz Souza, Maria Porte-

la, David Moura e Ketleyn Nascimento. Deste quarteto, apenas Maria Portela obteve a vaga olímpica.

“Temos uma responsabilidade boa de buscarmos um bom resultado em Tóquio, porque há nove ci-

clos olímpicos que o Brasil sempre busca o seu lugar no pódio. Os últimos quatro anos foram intensos com foco total na realização da Olimpíada. E agora é hora de fazer cumprir toda essa expectativa”, disse

o presidente da CBJ, Sílvio Acácio Borges. Após a convocação, a Seleção Brasileira de Judô agora já pensa na viagem para o Japão. A preparação final da equipe será feita na cidade de Hamamatsu.

### CONVOCADOS

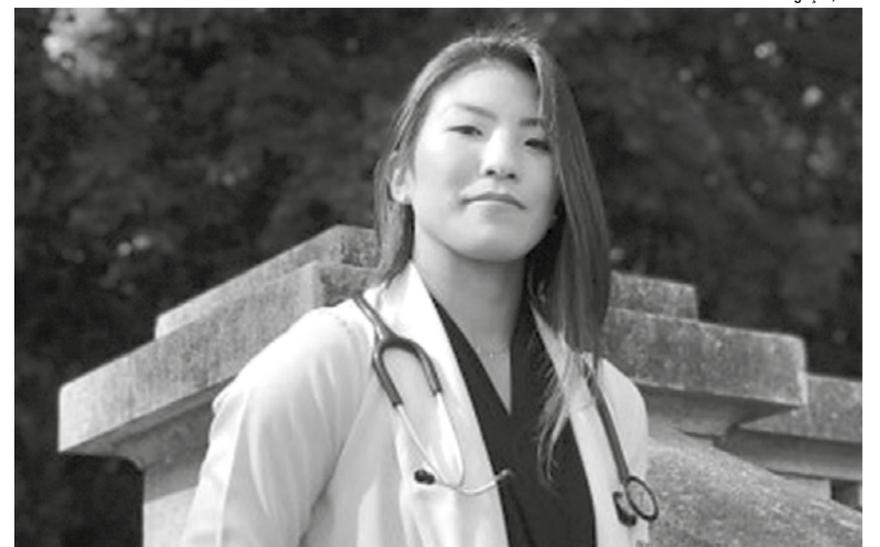
#### Feminino

Gabriela Chibana (até 48kg), Larissa Pimenta (até 52kg), Ketleyn Quadros (até 63kg), Maria Portela (até 70kg), Mayra Aguiar (até 78kg) e Maria Suelen Altheman (acima de +78kg);

#### Masculino

Eric Takabatake (até 60kg), Daniel Cargnin (até 66kg), Eduardo Katsuhiro (até 73kg), Eduardo Yudy (até 81kg), Rafael Macedo (até 90kg), Rafael Buzacarini (até 100kg) e Rafael Silva (acima de 100kg).

Foto: Divulgação/CBJ



A judoca Gabriela Chibana vai competir nas Olimpíadas de Tóquio a partir de julho na categoria até 48 kg

# Clássico paulista é destaque hoje nos jogos do Brasileirão

Rodada começa bem mais cedo, com a partida entre Palmeiras e América Mineiro, a partir das 11h, no Allianz Parque

Fotos: Lucas Merçon/Flu/Ricardo Duarte/Inter

A quinta rodada do Campeonato Brasileiro da Série A, aberta ontem, tem sequência neste domingo com a realização de mais sete jogos, começando com Palmeiras x América-MG, às 11h, no Allianz Parque. O alviverde ocupa a sexta posição e vem de uma expressiva vitória sobre o Juventude, em Caxias, por 3 a 0; enquanto o time mineiro, na penúltima posição, agora sem o técnico Lisca, que pediu demissão, empatou com o Cuiabá, conquistando o primeiro ponto, após três derrotas. Cauan de Almeida, técnico interino, espera ain-

bastante e, a exemplo do Inter, não faz boa campanha.

Em Pituvaçu, o Bahia recebe o Corinthians, às 16h. O time baiano vem de uma vitória sobre o Ceará por 2 a 1, enquanto o seu adversário perdeu para o Bragantino. Ambos estão no meio da tabela de classificação.

E o outro jogo do horário das 16h será Cuiabá x Grêmio. O time gaúcho é o lanterna da competição sem nenhum ponto contra apenas um do adversário.

O horário das 18h15 programa três partidas: Santos x São Paulo, na Vila Belmiro; Athletico-PR x Atlético-GO; e Fortaleza x Fluminense. O clássico paulista pode colocar um dos times na zona de rebaixamento dependendo dos outros resultados. O São Paulo, campeão estadual, ainda não venceu nos quatro jogos, com duas derrotas e dois empates.

A campanha do Santos é um pouco melhor, uma vitória, um empate e duas derrotas. Os times entram em campo bastante pressionados, bem diferente do Fortaleza, líder do Campeonato, que recebe o Fluminense, no Castelão, em jogo que promete bastante pelas boas campanhas de ambos.

O Tricolor carioca é o quinto colocado e segue invicto. Já o time cearense tem três vitórias e um empate. E fechando os jogos de domingo, o Juventude recebe o Sport, no Alfredo Jaconi, às 20h30. A equipe de Caxias vem de derrota de 3 a 0 para o Palmeiras, enquanto o Sport derrotou o Grêmio por 1 a 0.

Amanhã está programado o jogo Atlético Mineiro x Chapecoense, no Mineirão, a partir das 20h.



O Santos busca a reabilitação após perder para o Flu, e hoje vai enfrentar o São Paulo, em casa



O Inter, derrotado pelo Atlético Mineiro, vai medir forças agora contra o Ceará, jogando no Beira Rio

## 4 jogos

sem nenhuma vitória: esta é a campanha do São Paulo, que hoje enfrenta o Santos

da mais dificuldades diante do Palmeiras, em São Paulo.

No horário das 16h, mais três partidas. No Beira Rio, o Internacional, que faz uma campanha ruim - vem de derrota para o Atlético Mineiro em casa por 1 a 0 - tenta se reabilitar diante do Ceará. O time não consegue repetir a boa performance do ano passado e ainda está sem técnico depois da saída de Angel Ramírez. Osmar Loss segue interino e não vai contar com Tailson que sofreu lesão muscular na coxa direita. O zagueiro Victor Cuesta também é dúvida.

O Ceará também oscila

## Na Seleção Brasileira

# Neymar fala de anos difíceis e do prazer de jogar

Agência Estado

Em campo, Neymar fez o habitual para um craque do seu potencial e comandou o Brasil na goleada por 4 a 0 sobre o Peru na noite da última quinta-feira. Fora dele, fez algo inco-

mum em suas entrevistas: se emocionou e chorou no Engenhão após a partida ao relatar as dificuldades que disse ter passado nos últimos anos e o orgulho que sente ao defender a Seleção Brasileira.

"É óbvio que para mim

é uma honra muito grande fazer parte da história da Seleção Brasileira. Para ser bem sincero, meu sonho sempre era jogar pela seleção, vestir essa camisa. Nunca imaginei chegar a esses números. Para mim é até emocionante, por-

que passei por muita coisa nesses dois anos que são bem difíceis, complicadas, e esses números não são nada", relatou o emocionado Neymar.

Os números a que se refere são os gols marcados pela Seleção Brasileira. O camisa 10 chegou a 68 e ficou a nove de igualar Pelé como o maior artilheiro do Brasil, nas contas da Fifa. Nos cálculos da CBF, que leva em conta jogos contra clubes e combinados, o atacante ainda precisa balançar as redes mais 27 vezes para igualar Pelé.

Para o astro do Paris Saint-Germain, os números são importantes, mas ficam em segundo plano diante da alegria que diz sentir em representar o Brasil e do fato de ter superado adversidades, como a ausência na Copa América de 2019 por lesão e uma denúncia de assédio sexual que enfrentou naquele mesmo ano. O

processo acabou arquivado pela Justiça.

"A felicidade que eu tenho de jogar pelo Brasil, de representar meu país, minha família. Estamos vivendo um momento muito atípico no mundo inteiro, não só aqui, e ser o espelho para alguém é uma alegria enorme. Espero que todo mundo que gosta de futebol goste de mim", disse o atacante, protagonista da vitória sobre o Peru, com um gol e participações nas jogadas dos outros três, anotados por Alex Sandro, Everton Ribeiro e Richarlison.

Neymar também falou sobre a realização da Copa América no Brasil. Os jogadores da equipe de Tite chegaram a cogitar um boicote ao torneio, mas no fim decidiram disputá-lo. Um dos líderes do elenco no desentendimento com Rogério Caboclo, que acabou sendo afastado da presidência da CBF, ele fez um discurso

parecido ao do manifesto divulgado por todo o grupo há uma semana e reforçou que não poderia dizer não à seleção brasileira.

"Chegamos aqui sem saber de muita coisa que estava acontecendo. Não sabíamos se ia ter Copa América, se não ia ter. Desde o começo respeitamos muito nossas hierarquias. Nunca vamos dizer não à camisa da seleção, há pouco me emocionei por dizer o que representa a seleção. Jamais vou dizer não ao meu país. Discordar ou ter opinião diferente dos que tem os demais acho que é o respeito pelo outro. Tínhamos nossa opinião", disse. Com 100% de aproveitamento na Copa América e líder isolado do Grupo B com seis pontos, o Brasil folga na rodada deste domingo e volta a campo apenas na quarta-feira, dia 23, às 21h, para enfrentar a Colômbia, novamente no Engenhão.



Atacante segue desequilibrado na Copa América e alcançando números expressivos de gols na Seleção

Foto: Lucas Figueiredo/CBF



Jogadores do Treze em atividade física durante a semana no estádio Presidente Vargas visando o jogo deste domingo contra o Central

# Galo tenta primeira vitória na Série D contra o Central

No retrospecto, o Treze leva a melhor sobre o time pernambucano, com seis vitórias contra cinco derrotas e três empates

Ivo Marques

ivo\_esportes@yahoo.com.br

Após uma derrota na estreia para o ABC, em casa, o Treze conseguiu arrancar um empate contra o Atlético-CE, no último final de semana em Horizonte-CE. Agora, de volta ao Amigão, o Galo quer conseguir a sua primeira vitória na Série D, para se aproximar dos primeiros colocados do grupo 3. O adversário deste domingo é o Cen-

tral de Caruaru, às 16 horas, em Campina Grande, com arbitragem de Gustavo Ramos Melo, do Pará, auxiliado pelos paraibanos Schumacher Marques Gomes e Paulo Ricardo Alves Farias.

Treze e Central já se enfrentaram em competições oficiais 14 vezes, e os números mostram uma ligeira vantagem para o Galo. O Treze venceu 6 vezes, houve 3 empates e o Central venceu 5. Pela Série D, os dois clubes se

enfrentaram 4 vezes, com 3 vitórias do Treze e 1 empate.

No Galo, todos reconhecem que este jogo é muito importante para que o clube comece a dar uma arrancada na competição e saia da lanterna do grupo 3. Para isto, precisa vencer o Central e o técnico Tuca Guimarães pretende armar um time bastante ofensivo. Ele tem um desfalque certo, o zagueiro Marlon, que foi expulso contra o Atlético, e vai cumprir

suspensão automática. Para o lugar dele, deve entrar o meia Fernandinho.

A boa notícia é que todos os 9 jogadores que contraíram a covid-19 já cumpriram a quarentena e estão à disposição da comissão técnica. Os reforços Andrey Gentil e Vinícius Gouvêa, que chegaram durante a semana, já foram regularizados e estão prontos para jogar, caso Tuca Guimarães precise utilizá-los durante a partida.

Foto: Instagram/centraldecaruaru



Jogadores do Central, no vestiário, depois da vitória sobre o Caucaia-CE

## + Clima de otimismo toma conta do adversário

No Central, o clima é de otimismo, depois da primeira vitória do clube na Série D, na rodada passada sobre o Caucaia, por 3 a 2. O técnico Júnior Baiano gostou muito do empenho dos jogadores que conseguiram reverter, por duas vezes, o placar desfavorável. Ele quer o mesmo empenho contra o Galo, em Campina Grande.

Para esta partida, o treinador terá o desfalque do atacante Muller Fernandes, que já teve uma passagem pelo Botafogo. Ele tem uma lesão grau 3 na coxa e deverá passar um

bom tempo no departamento médico. O zagueiro Renan Costa ainda é dúvida. Ele também sofreu uma lesão na coxa, mas ainda tem chances de ficar à disposição da comissão técnica.

Apesar de satisfeito com a vitória, o técnico Júnior Baiano tratou de corrigir alguns erros apresentados pela defesa, que levou 2 gols do adversário. Durante toda a semana de treinos, ele procurou mudar o posicionamento dos zagueiros, em determinadas jogadas. O Central subiu para a terceira posição do grupo 3, com 3 pontos, mas se perder,

será ultrapassado pelo Treze, que tem 1 e iria para 4 pontos.

A rodada deste domingo pelo Grupo 3 ainda prevê mais dois jogos com destaque para o clássico norte-riograndense entre América e ABC, na Arena das Dunas, a partir das 16 horas. No Estádio Domingão, no Ceará, o Atlético recebe o Caucaia, às 15 horas. Sousa e Campinense, como decidem o título estadual neste domingo, no Marizão, só jogam na próxima quarta-feira e em novo confronto pela Série D, às 16h, no Marizão.

### Classificação do Grupo 3 do Campeonato Brasileiro (Série D)

CLUBES	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º ABC-RN	6	2	2	0	0	5	0	5
2º Campinense-PB	4	2	1	1	0	6	3	3
3º Central-PE	3	2	1	0	1	3	3	0
4º América-RN	3	2	1	0	1	1	3	-2
5º Sousa-PB	3	2	1	0	1	2	5	-3
6º Caucaia-CE	1	2	0	1	1	5	6	-1
7º Atlético-CE	1	2	0	1	1	3	4	-1
8º Treze-PB	1	2	0	1	1	2	3	-1

## 6 gols

marcados fazem do Campinense o melhor ataque do Grupo 3, enquanto o ABC ainda não levou gol na disputa

**PURPLE IGUANA INVESTMENTS**  
 M&A | EQUITY PARTNERS  
 New Office - João Pessoa - PARAIBA  
 Avenida João Carlos da Silva, 221  
 ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B  
 Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005  
 Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999



Fotos: Walter Ulysses

# “Vou mandar você pra Pindobal”

Crianças tremiam de medo ao ouvir falar do Centro Correcional que funcionou em Mamanguape, na década de 1930. Mas, afinal, o que acontecia por lá?



Lucilene Meireles  
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

“Logo no início, quando foi criada a Escola Correcional Pindobal, em 1930, era com o objetivo de abrigar crianças e adolescentes do sexo masculino em situação de risco, infratores e abandonados. Eles eram divididos em dois locais: os infratores ficavam presos no porão, e os abandonados e em situação de risco ficavam soltos dentro da instituição. Tinha meninos da Paraíba e de outros estados como Pernambuco e Ceará. Nos anos 40 e 50, a casa chegou a abrigar 180 crianças e adolescentes, e os castigos eram muito duros. A escola era muito rigorosa. Os infratores apanhavam com pedaços de pau, palmatória, ficavam de castigo no porão”.

Quem conta a história de Pindobal, é Josefa Soares de Paz Fernandes, 73 anos, aposentada, ex-professora, ex-vice-diretora da instituição e hoje moradora da Fazenda Pindobal, situada na zona rural de Mamanguape, Litoral Norte da Paraíba. Ela era filha de funcionários. A mãe, costureira e o pai, auxiliar de serviços gerais, trabalhava na mata.

“Ali era uma coisa muito desumana. Os meninos tinham que acordar logo cedo. Iam buscar capim para o gado. Tinha um monitor que era bravo, batia neles. Tinha que carregar os feixes de cana nas costas. Ainda peguei essa parte. Não era brincadeira. Qualquer coisa, tome palmatória”, lembrou ela.

Com a frase ‘Eu vou mandar você para Pindobal’, muitos pais deixavam os filhos em pânico quando desobedeciam ou fugiam às regras impostas dentro de casa. Ir para Pindobal era entendido como uma punição pela qual ninguém queria passar. “No início, era pesado mesmo, mas com a evolução, as políticas de atendimento à criança e ao adolescente foram surgindo e mudando a realidade deles”, afirmou Zezita, como é mais conhecida a professora.

Ela começou a trabalhar na instituição em 1967 e, nessa época, já existiam alojamentos para os internos. A realidade foi se tornando menos dura para eles, com o tempo, principalmente quando surgiu a Fundação Estadual do Bem Estar do Menor Alice de Almeida (Febemaa), que foi extinta e substituída pela Fundação de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente Alice Almeida (Fundac).

“Até que melhorou, mas era muito pesado. Para ter ideia, peguei uma sala de aula com 30 meninos e ficava um guarda na porta. Os meninos trabalhavam na agricultura, faziam horta, cultivavam batata, milho, macaxeira, inhame para consumo dentro da instituição. Depois, com o desenvolvimento dessa atividade, vieram parcerias. O diretor fazia contratos. A casa ficava com 30%”.

Conforme ex-professora, os meninos chegavam em Pindobal com idade em torno de 7 anos e só saíam aos 18, 19. “Alguns gostavam tanto da gente que não queriam ir embora. Outros casaram e continuaram morando na fazenda” disse.

## + Morte, o fim e as memórias

“A lembrança mais forte que tenho é quando um menino matou o outro dentro da instituição. O enfermeiro estava fazendo um curativo no pé do menino, no posto, e o outro chegou. Eles tinham discutido antes. Foi furado, o sangue espirrando. É uma lembrança muito chocante. Eu estava na igreja, ouvi os gritos e, quando cheguei, vi aquela cena. Teve professora que desmaiou. Eu ainda era professora também. Só fui assumir a vice-direção em 1992, onde fiquei durante 15 anos, em quatro gestões”, contou Zezita.

Embora ainda não estivesse trabalhando na instituição, Zezita afirmou que a partir de 1952, com a chegada da diretora Jandira Pinto, que passou dez anos à frente de Pindobal, promovendo uma socialização entre os infratores e os meninos que eram abandonados.

“Na minha época, Pindobal foi um local de ressocialização. Tanto que muitos ex-alunos se tornaram engenheiros, médicos. E eles tinham atividades de lazer, além das responsabilidades, como futebol, lapinha, passeios para os quais seguiam em caminhões cedidos pela prefeitura da cidade. Porém, só saíam se tivessem boas notas”, acrescentou.

Pindobal ganhou uma equipe com assistente social, professoras e, com a nova metodologia, foram adaptando as ações. Veio também o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, que retirou os meninos dos alojamentos, onde eram divididos por faixa etária, e criou três casas lares.

“Nessa época, já não era aquele número enorme de meninos, e a situação foi melhorando, passaram a contar com lazer e outros benefícios. Foi quando eu entrei. Aquele sistema de prisão que amedrontava todo mundo, porque falam de Pindobal como se fosse um terror, mudou”, disse Zezita.

Hoje, restam os prédios de Pindobal, que guardam muitas histórias. A fazenda, transformou-se em lar para famílias de ex-internos e

funcionários aposentados, inclusive a ex-professora. O antigo abrigo, as três casas lares, os alojamentos e o refeitório ainda existem como prédios. Há ainda uma escola estadual, chamada Professor Antônio Garcez e uma igreja, fundada em 1930, uma unidade de saúde que atende as famílias, uma oficina que está fechada, e ainda uma casa onde moravam diretores e funcionários, além do presídio, onde eles ficavam presos, que hoje é uma casa.

### Boas recordações

O filho de um ex-interno, que preferiu não ser identificado, guarda na memória tudo que seu pai lhe contou sobre a casa. Abandonado pela família ainda na infância, seu pai foi levado para Pindobal pelo Juizado de Menores da capital do Estado e lá viveu mesmo após o período máximo de permanência, que era até os 19 anos, porque nunca reencontrou sua família.

Ao filho, o ex-interno, já falecido, contou que lá havia uma série de normas e havia punição para quem desobedecesse. “O castigo era o isolamento num tipo de calabouço que se chamava cafua. Tinha também a palmatória”, relatou. Durante o dia, os meninos se revezavam nas atividades. Faziam cursos profissionalizantes e estudavam. Eram alfabetizados logo após o jantar. Depois, iam descansar. “Alguns pais visitavam os filhos, mas o meu pai nunca recebeu ninguém”, lamentou.

Conforme o que seu pai contou, Pindobal era um bom lugar. “Meu pai gostava de trabalhar, não tinha para onde ir e acabou sendo abraçado pela instituição. Cresceu nela, conheceu minha mãe na comunidade e moravam na fazenda. Ele não está mais conosco, mas se eu tivesse que responder por ele, tenho certeza de que o sentimento que ele tinha por Pindobal seria de gratidão. Aquele lugar foi a mãe e o pai que ele não teve. E a mesma boa educação que ele recebeu na instituição, passou para mim”, garantiu.



Educação, que começou rígida e cheia de punições, foi mudando com o ECA e diretores que queriam o bem-estar dos jovens

## O livro não publicado de Pindobal

Acompanhando a história de Pindobal desde 1967, a ex-diretora e ex-professora da instituição, Josefa Soares de Paz Fernandes, a Zezita, anotou, ao longo dos anos, várias informações e acontecimentos que ocorreram no local. Histórias vividas por ela, outras contadas por seus pais e pelos meninos foram guardadas em escritos e na memória. Aos poucos, com algumas pessoas da época, foi criando o esboço de um livro que Zezita desistiu de publicar.

“O livro resgata a história de Pindobal e eu ainda não terminei de escrever. Falta o final, mas desisti desse projeto”, afirmou ela. Um dos que também ajudou na construção do livro foi o filho do ex-interno que se tornou funcionário.

“Muito contribuí com esse breve relato sobre Pindobal, mas dona Zezita não teve como terminar o relatório porque não tem como ter um final feliz. Ficará guardado como uma história que não teve fim. Ela queria colocar um final feliz, mas devido à situação em que Pindobal se encontra hoje, decidi não concluir, e guardou”, constatou.

### Os pobres

“Um olhar etnográfico sobre o Centro de Educação Produtiva - Pindobal”, foi o trabalho de conclusão do Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB - 2017), de Viviane Martins Ribeiro, e traz relatos dos internos ficavam nas casas da Esperança, do Resgate e do Aconchego, divididos por idade.

Pindobal também é citado na tese de doutorado em Psicologia Social da UFPB, ‘A Criminalização da Juventude Pobre na Paraíba: Reflexões acerca das Mudanças e Permanências’ (2013), de Tâmara Ramalho de Sousa Amorim. Trabalho que trata de locais criados para intervir com esses jovens abandonados ou que cometeram ato infracional. E como os grupos de ex-internos e educandos é, majoritariamente, de pobres.

Rodrigues de Carvalho

# Homem de letras e pioneiro no estudo do folclore

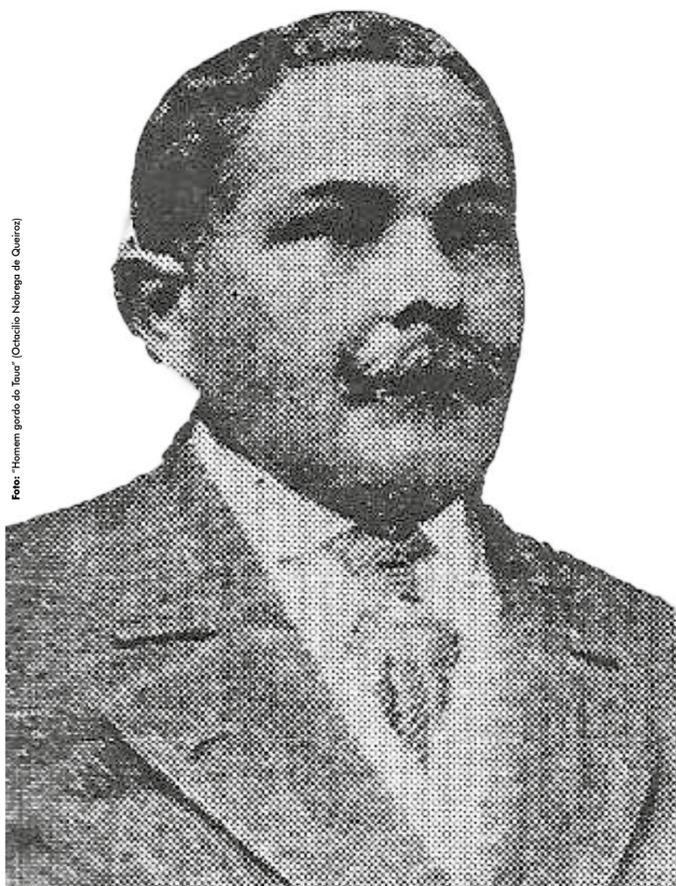


Foto: "Homem gordo do Tauc" (Oscécilio Nabrega de Queiroz)

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouvea@uol.com.br

Incluído entre os pesquisadores pioneiros no estudo do folclore nacional e autor da obra-prima Cancioneiro do Nordeste, o jornalista, poeta, escritor, político, beletista e ensaísta José Rodrigues de Carvalho, nasceu no distrito da antiga Tautaba (atual Alagoinha), na Região Metropolitana de Guarabira, em 18 de dezembro de 1867. Morreu no Recife, em 20 de dezembro de 1935, aos 68 anos de idade. Seus pais eram os agricultores Manoel Rodrigues de Carvalho e Anita Veloso Rodrigues de Carvalho.

Na juventude, José Rodrigues trabalhou como caixeiro viajante de um tio, em Mamanguape, sem esquecer de frequentar a escola do latinista Manuel de Almeida Cardoso, onde também trabalhou como guarda-livros. Casou duas vezes: a primeira, com Francisca Lisboa de Carvalho e, a segunda, com Anita Veloso Rodrigues de Carvalho.

Em suas andanças à procura do saber, morou em muitos lugares, pois, como lírico e exímio repentista, gostava de pesquisar novos horizontes. Concluiu o curso de humanidades no Liceu Paraibano; depois se mudou para o Rio Grande do Norte e, em seguida, destinou-se a Fortaleza, daí optando por um rumo melhor à sua vida, ao matricular-se na Faculdade de Direito do Ceará, onde iniciou a publicação de seus poemas. Diversos biógrafos contam que "era tão expressiva a adjetivação da suas poesias, que isso contribuiu para seu reconhecimento como poeta de estilo peculiar". Outro ponto relevante em sua vida foi criar, em Mamanguape, com

Castro Pinto, o semanário A Comarca, em 1890 (dois anos após a abolição da escravatura e no ano seguinte à proclamação da República).

Em 1892, mais uma vez intercedeu em benefício da cultura: fundou em João Pessoa (então Cidade de Parahyba do Norte), o Grêmio Literário Cardoso Vieira. Essa instituição foi estratégica na formação intelectual da juventude paraibana da época. No início de 1894 foi morar em Fortaleza, aí exercendo, por 12 anos, o cargo de contador do Banco do Ceará. Seu nome como escritor passou a ser conhecido em diversos estados do Brasil. De volta a Paraíba, escreveu nos jornais A União 1905, Gazeta do Comércio, O Comércio, República, e respectivamente no Recife e no Pará, nos diários Jornal Pequeno e A Província.

Também na Paraíba, trabalhou em conjunto com Argemiro de Sousa, Castro Pinto e Elizeu César, todos com destaque na história local por exercerem importantes cargos públicos. Aqui, publicou sua produção poética, incluindo prosas poéticas, a coqueluche da literatura em voga entre o final do Século 19 e início do Século XX. Beletista, ao criar o poema Seios, ganhou popularidade notória. Foi redator da revista Fênix Caixeira durante sete anos (1896-1903); elegeu-se deputado estadual pela Paraíba; e trabalhou cinco anos na Revista Acadêmica (1903-1908), também atuou como colunista da Revista Ceará (1905); As publicações de versos de sua autoria – Prismas (1896) e Poema de Maio (1903), alcançaram sucesso considerável. Ao lançar O Cancioneiro do Norte (1904) deu colaboração reconhecida ao estudo do folclore nacional.

## Trajetória, críticas e homenagens

O livro "Aspectos da Influência Africana na Formação Social do Brasil" de José Rodrigues, causou polêmicas, por ele citar que "os africanos vinham de uma "civilização atrasada" e por dizer, também, que "os povos indígenas eram retardatários e apáticos". Logo a crítica da época o chamou de "racista e discriminador". Os amigos o defendiam, alegando que "seus escritos retratavam a realidade da época". Em 1917, juntou-se com intelectuais paraibanos de renome e fundou, na capital, a Associação dos Homens de Letras. Ao longo de sua vida, José Rodrigues de Carvalho fundou, participou ou ajudou na criação de obras diversas – incluindo jornais, revistas e almanaques que contribuísem para o estímulo à educação e à cultura.

Na casa onde morou o ilustre paraibano, hoje funciona o IPHAEP – Instituto Histórico e Geográfico do Estado da Paraíba, na Avenida João Machado. Em Guarabira, a 101 Km de João Pessoa, existe uma biblioteca municipal com o seu nome. A mesma coisa em Alagoinha, sua terra natal. Entre as inúmeras atividades que assumiu, incluem-se a de professor de geografia do Liceu Paraibano e de Lógica na Escola Normal. Mais tarde, ocupou o cargo de Catedrático da Contabilidade da Escola de Comércio de Fortaleza. Foi membro do IHGP – Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba - e do Instituto Arqueológico Pernambucano.

Entre as homenagens prestadas a José Rodrigues de Carvalho destaca-se uma, em 1967, pelo governador João Agripino: O lançamento do selo comemorativo ao

centenário de nascimento do jornalista, simultaneamente com a reedição do Cancioneiro do Nordeste, em parceria com o Instituto Nacional do Livro. Neste livro, o autor revelou elementos culturais tidos por ele como autênticos e raros, que estavam prestes a serem "coisas do passado." Um de seus autores diz que "Rodrigues de Carvalho, como outros intelectuais, teve a preocupação em delinear este discurso tradicionalista, tomando a história como um lugar de produção da memória."



Foto: Roberto Guedes

Casa onde morou o ilustre paraibano, que foi também deputado e colaborou com jornais e revistas, hoje é sede para o Instituto Histórico e Geográfico do Estado da Paraíba (IPHAEP), na Avenida João Machado

## Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

### Viva o agora

Escrevo esta coluna no sítio Cuncas, na zona rural de Patos, onde vim usufruir das minhas férias em segurança e longe de aglomeração, como convém em tempos de pandemia. O dia amanhece ao som da bicharada e se vai aos poucos, em diferentes tons de laranja, amarelo e rosa. Por aqui, só o que me interessa são as notícias alinhavadas pelo afeto.

#### De graça e aceito

"Lições de fotografia para fazer em casa: técnicas, composição e criatividade" é o título do e-book assinado pela jornalista e professora universitária Agda Aquino. Lançado pela UFPB, o manual é resultado de exercícios fotográficos que Agda fez em casa em 2020, durante o isolamento imposto pela crise de saúde pública que enfrentamos. Maravilhosa, a obra está disponível para download de forma gratuita.

#### A pauta é...

Ressignificação. Em um novo momento de vida, a jornalista Neide Donato está administrando uma casa de veraneio para aluguel na praia de Tabatinga (Conde), a cerca de 150 metros da praia. O imóvel possui seis quartos, quatro banheiros, piscina, churrasqueira... e é um ambiente perfeito para relaxar e usufruir do contato com a natureza. Para mais in-

formações, confira o perfil no Instagram: @casa\_de\_tabatinga.

#### Vale a pena

Conferir o site Relatos da Pandemia, organizado por Sandra Moura, Zezé Béchade, Chiara Fialho e Sônia Lima. Além do e-book "Isolamento Social – Relatos de Mulheres Jornalistas", há diversas entrevistas disponíveis na plataforma. Os bate-papos com Caco Barcelos, Muniz Sodré e padre Júlio Lancelotti, por exemplo, estão imperdíveis.

#### Números

A mais recente pesquisa Ibope consignou a audiência da TV Cabo Branco sobre as demais emissoras de televisão na Paraíba. Como sempre, me divirto ao acompanhar o esforço do Marketing das concorrentes em buscar um percentual positivo para chamar de seu. Procurando bem, todo mundo encontra um lugarzinho ao sol...

#### Para refletir

"Gente, o que vocês fariam se um jornalista colocasse o que ele falou nas suas aspas? É pro meu tcc". O questionamento foi feito no Instagram pela escritora e compositora Estrela Ruiz Leminski, filha de Paulo Leminski (1944-1989) e de Alice Ruiz – ambos dispen-

sam apresentações. Um dos comentários na postagem demonstra o quanto nós, jornalistas, estamos pecando ao relatar a história dos outros: "Desde que aconteceu comigo, só envio entrevista por escrito, ou por áudio gravado, pra ter como me defender. Nada de telefone".

#### Como você escreveria?

O título a seguir, publicado em um site de notícias, está ambíguo: "Filha procura cartas deixadas pelo pai que morreu dentro de discos dos Beatles". Como você reescreveria a frase, para evitar confusão na hora de informar?

#### Ceticismo saudável

Em artigo recente no Observatório da Imprensa, Eugênio Buccini lembra-nos de que devemos cultivar a liberdade de imprensa durante todo o ano e não apenas nas efemérides cívicas. E reforça: "(...) uma sociedade que conta com uma imprensa forte é uma sociedade menos suscetível às mentiras que vêm do poder; uma



Foto: Divulgação / Agda Aquino

sociedade que conta com uma instituição de imprensa realmente livre está das imposturas daqueles que exercem o poder, está o tempo todo embalada por um ceticismo saudável, menos vulnerável a manipulações".

## Tocando em frente

## Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

### De Parcerias Musicais - I

No universo musical, a "coisa" sempre funcionou assim: há cantores, essencialmente intérpretes, como Orlando Silva, Carlos Galhardo, Nelson Gonçalves, Agnaldo Timóteo, Milton, Agostinho dos Santos, Altamar Dutra, Cauby, Ney Matogrosso, Moacyr Franco, Aracy de Almeida, Dalva de Oliveira, Elizeth Cardoso, Elis, Elba, Gal, Bethânia e muitos mais; há compositores, não propriamente intérpretes, dentre os quais citamos alguns: Ary Barroso, Vinícius, Jobim, Pixinguinha e o próprio Noel Rosa; e há os compositores intérpretes, que cobrem um universo maior, impondo-se aos audiófilos nesses dois mundos da música: Francisco Alves, Atauífo, Paulinho da Viola, Belchior, Chico Buarque, Milton Nascimento, João Bosco, Jorge Ben, Djavan, Alceu, Geraldo Azevedo, Gil, Caetano, Guilherme Arantes, Roberto e Erasmo, Fagner, além dos nossos conterrâneos Zé Ramalho, Chico César e Vital Farias, citando apenas uns poucos que nos vêm à lembrança. No mais das vezes, uns superam os outros nos seus domínios artísticos e, raramente, juntam-se os dois dotes musicais.

Essa introdução nos serve de motivação para lhes falar da parceria musical nascida e vivida entre dois irmãos, Isolda Bourdot Fantucci (1957-2018) e Milton Carlos (Milton Taciano Fantucci, 1954-1976).

O primeiro, de vida curta, nos deixou aos 21 anos, quando, no auge do sucesso, sofreu um acidente automobilístico, junto

com a noiva, Mariney Lima. Como intérprete, deixou-nos, pelo menos, três álbuns: "Samba Quadrado" (1975), "Largo do Botário" (1976) e "Inéditas" (1978). Legou-nos, inclusive, uma bela gravação de "Memórias do Café Nice", composição sua e uma regravação que marcou o final dos 70: "Dorinha, meu Amor", samba de José Francisco de Freitas, gravado anteriormente (1928) por Mário Reis. Curiosamente, em ambas, que obtiveram enorme sucesso, verifica-se uma interpretação extremamente semelhante, dado ao tom vocálico de androgenia dos dois intérpretes.

Já a irmã Isolda foi conduzida, desde muito cedo, ao mundo da composição musical, formando uma invejável parceria com o irmão, deixando-nos páginas memoráveis do cancionário nacional. Nos trabalhos autorais dos irmãos, é difícil saber quem era quem, quem fazia o quê! Falo de melodia e texto, obviamente, uma vez que havia uma simbiose perfeita entre música e letra. O fato é que, dentre os intérpretes mais famosos da dupla de compositores, sobressai-se Roberto Carlos. Aliás, RC tinha por hábito promover compositores incipientes, como o fez com Maria Helena dos Santos Oliveira (MG, 1922-Rio, 2005), de quem gravava desde os tempos da Jovem Guarda (Vejam-se os álbuns anuais de 1963 a 1972).

Voltando à dupla Isolda/Milton Carlos, já desde 1973, RC os tornou populares, a

partir das gravações de "Amigos, amigos" (1973), "Jogo de Damas" (74), "Elas por elas" (1975), "Pelo avesso" e "Um jeito estúpido de te amar" (1976).

Com a morte do irmão, Isolda continuou compondo. Com RC, talvez tenha "emplacado" seu grande hit, com "Outra Vez", que, dele, mereceu três gravações (1977, 1988 (ao vivo) e 1998) e "Tente esquecer" (1978). Dela ainda, com parcerias diversas, ele gravou "Como é possível", parceria com Sérgio Sá (1982), "De coração pra coração" (1985), parceria com Mauro Motta, Lincoln Olivetti e Robson Jorge, e "Quando vi você passar" (1986), parceria com Mauro Motta.

Em quase sua totalidade, essas composições, RC as gravou em espanhol, para o mercado latino-americano, tornando-a conhecida e reconhecida. Tanto é que

"Outra Vez", por exemplo, mereceu gravações de Manoel Otero, Pepino di Capri, Armando Manzanero e até de Ray Conniff, tudo isso sem falar em outras gravações domésticas de

várias de suas composições: Bethânia, Gal, Sérgio Reis, Alcione, Simone, Wando, Joelma, Nelson Gonçalves, Naíva Aguiar, Joana, Ronnie Von e Trio Irakitan.

Tímida, Isolda não era dada a aparições públicas, sendo interessante conhecer uma entrevista dela concedida a Jô Soares, em 2009. Somente naquela oportunidade, ela revelou a publicação de um livro seu, "Você também faz música?", leitura interessante para se aprender a técnica de composição, embora ela afirmasse que, como ocorre com o poeta, o compositor já "nasce feito". Obviamente, aproveitou o espaço oferecido pela mídia para divulgar o seu único álbum como cantora "nem tanto", mas de uma compositora "e tanto": "Tudo exatamente assim!" (1979).

Isolda nos deixou, em 2018, vitimada por um infarto.



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses

walterulysses@hotmail.es

# Olha para céu, meu amor!

Quem diria que o nordestino iria passar, mais um ano, sem o amado São João.

A maior festa que o nordestino sangue raiz ama de verdade, com sua gastronomia diferenciada de estado para estado, nomes que já dão água na boca, mesmo no silêncio, ainda escuto o chiado da chinela em cada lugar que toca o forró.

Pandemia malvada que está deixando mais uma vez o nordestino sem seu ganha pão, não soube nem esperar. Festa que o nordestino sonha em ter uma roupa bem feita, um sapato à altura do terno a vestir. Esperar a dama para dançar a quadrilha ou ao menos um forró apertado de se suar todo, pois quem gosta, esse gosta com vontade.

Difícil encontrar quem troque uma noite de São João por qualquer outra coisa. Até porque o zoadado da sanfona, zabumba e do triângulo é diferenciado e encanta até quem não sabe o que está falando, nem muito menos tem conhecimento do linguajar nordestinês.

Vai bater mais um ano a saudade de ter o cheiro da fogueira queimando, do milho assado, da comida encontrada nas maiores festas juninas de nossa região.

Campina Grande o Maior São João do

Mundo, Bananeiras com seu frio gostoso que faz com que o forró seja mais apertado e familiar. Santa Luzia a cidade que ensinou o mundo a dançar forró.

Cidade onde tem a Fazenda Barra, que sempre uma semana antes do São João, realiza o famoso São João da Barra. Esse ano comemoraria 24 anos de tradição, organizado pelo meu sogro Beranger Araújo. O homem fazia e faz questão de chamar a quadrilha para o salão. Patos com seu calor gostoso que anima o terreiro do forró, ou mesmo o famoso coreto de Patos. Sousa a terra dos dinossauros com seu São João tradicional. Cajazeiras com seu famoso Chamegão que em tempo e tempo muda de local... eita que como canta em poesia o grande Flávio José "Tum-tum-tum bate coração..." é a saudade que fica esperando dias melhores no fim do túnel, e os artistas locais esses passam fome de verdade, pois é o que melhor sabem fazer.

Quem nunca esperou a raspa do tacho de uma canjica, comeu aquele bolo de milho quentinho com café na hora que sai, mungunzá doce e salgado da minha sogra Fátima Arruda, delícia de comer os beijos, pamonha de várias formas salgadas, doces, e muitas outras comidas juninas

em aglomerações seja na casa, no sítio, ou na cidade que antes você passava o São João.

Até as fogueiras não podem ser acesas pois têm um motivo em especial para a pandemia.

Mas como tudo na vida nós, nordestinos, temos nossa forma de ser diferente: faça seu São João em casa com sua família sem aglomeração, aproveite para fazer as encomendas nos locais que estão fazendo comidas típicas, esse também é um momento especial. Viver em confinamento com quem você ama é especial também. Veja as opções de pedidos nas redes sociais e faça valer seu São João em casa com quem você está seguro de ser contaminado.

E não esqueça se você conhecer alguém da classe artística de nossa região e se você puder ajudar passa um pix, ajuda como você possa, pois não tem sido fácil ficar mais uma vez sem seu ganha pão de São João.

Esse ano mais uma vez a música do saudoso Luiz Gonzaga será com toda certeza diferente, mas não vamos esquecer.

"A fogueira tá queimando

Em homenagem a São João

O forró já começou

Vamos gente, rapapé nesse salão..."

Saudades do São João!

## QUENTINHAS

Para quem vai estar em casa no São João vou dar uma dica. Uma cesta deliciosa da Sublime Dolci junina na sua casa com: Bolo de Pé de Moleque 300g, Bolo de Pamonha de forno 300g, Bolo de Macaxeira 300g, Bolo de Rolo de Paçoca 300g, Bolo de Rolo de Milho 300g, Torradinha de Bolo de Rolo 100g, Canjica 400g, 04 palhas italianas amendoim crocante, 4 bem casados personaliza de bolo de rolo de goiabada. Com entrega inclusa para toda João Pessoa por apenas R\$ 150. Tá esperando o que? Chama no direct do meu Instagram @sublimedolci ou no telefone 99801-6096

Meat Up Açougue e Restaurante uma proposta fora do normal. A experiência que estive lá foi das melhores possíveis, local que foge do churrasco tradicional e entra no churrasco Americano, com um sabor e toque especial e original, com sua personalidade própria e isso que vai de encontro ao que é fundamental na gastronomia. Um cardápio variado e vale a pena comer um pouco de tudo. Parabéns! Vão conhecer que garanto que não irão se arrepender. Seu Instagram @meatupbr Contato 3035-7818.



## PRATO DO DIA

### Canjica rápida de liquidificador

#### INGREDIENTES

- 10 latas de milho verde
- 1 litro de leite de coco
- 1 e 1/2 xícara rasas de açúcar
- 1 colher de sobremesa de sal
- 2 colheres de sopa de manteiga
- Canela em pó a gosto
- Queijo de coalho para assar para acompanhar



#### MODO DE PREPARO

- Abra as latas de milho verde sem a água.
- Liquidifique os grãos com a metade do leite de coco.
- Passe em uma peneira para deixar só o caldo.
- Leve ao fogo com o sal.
- Mexa até engrossar, colocando o restante do leite de coco até sentir que está grosso.
- Ao levantar a colher e

a massa cair devagar, coloque o açúcar e continue mexendo, tem que ter força para mexer.

- Por último a manteiga, deixe cozinhar por 20 minutos, caso necessite de mais açúcar e sal tempere novamente (a gosto).
- Retire do fogo e com ajuda de uma concha coloque nas travessas ou taças.
- Sirva com canela e o queijo de coalho assado.

## PITADAS A GOSTO

Os historiadores apontam que as origens da festa junina estão diretamente relacionadas a festividades pagãs realizadas na Europa na passagem da primavera para o verão, momento chamado de solstício de verão. Essas festas eram realizadas como forma de afastar os maus espíritos e qualquer praga que pudesse atingir a colheita. Para melhor entendermos isso, é preciso considerar que o solstício de verão no Hemisfério Norte acontece exatamente no mês de junho.

As comemorações realizadas por diferentes povos pagãos europeus começaram a ser cristianizadas a partir do momento em que o Cristianismo se consolidou como a principal religião do continente europeu. Assim, a festa originalmente pagã foi incorporada ao calendário festivo do catolicismo.

Essa foi uma prática comum da Igreja Católica. Para facilitar a conversão dos diferentes povos pagãos, fazia-se uma aculturação das festividades, adicionando-as ao calendário católico e acrescentando nelas elementos cristãos. Outra festa na qual essa prática se repetiu, por exemplo, foi a comemoração do Natal, que acontece todo mês de dezembro.

A cristianização da festa está diretamente relacionada ao estabelecimento de comemorações de importantes figuras do catolicismo, exatamente na época da passagem para o verão, entre as quais se destacam Santo Antônio (homenageado dia 13 de junho), São João (dia 24) e São Pedro (dia 29). Por fim, muitos elementos típicos das comemorações pagãs ganharam novo significado.

# Tragédia a caminho: aprendizado como palanque político e ideológico

**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

Contingenciamento de verbas nas universidades públicas federais do Brasil, expansão das escolas militares e descrédito do ensino das Ciências Humanas foram apenas alguns itens da vasta lista de medidas adotadas pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido) que repercutiram negativamente no país e no exterior desde o início do seu mandato. Como se não bastassem os desafios inerentes de uma nação que amarga a triste marca de onze milhões de analfabetos segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2019, educadores e gestores já chegaram à triste conclusão de que não há projetos consistentes em Brasília voltados para a pasta da educação brasileira.

Assim como ocorreu em 2019 e 2020, a redução de recursos federais nas universidades públicas brasileiras ameaça a continuidade das atividades este ano. A doutora em Direito Econômico Maria Luíza de Alencar Mayer Feitosa, professora aposentada e ex-pró-reitora de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no período de 2017 a 2020, afirmou que o Ministério da Educação está cortando parte relevante do orçamento de despesas discricionárias de universidades e institutos federais em 2021.

Esse corte, segundo ela, é superior ao do ano passado, chegando a R\$ 1,4 bilhão, conforme o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif). O volume foi estipulado pela Lei Orçamentária Anual (LOA) em 2020. "Isso representa cerca de 20% de corte nos gastos discricionários em cada setor, que são aqueles sobre os quais o governo tem poder de decisão e maleabilidade, destinados a custeio, investimentos e assistência estudantil. Sem contar com o contingenciamento que o governo pode realizar no orçamento corrente. Ou seja, inviabiliza diretamente as atividades de ensino, pesquisa e extensão".

E as notícias sobre esse aperto financeiro estão estampadas nos veículos da imprensa nacional. Um exemplo citado por Maria Luíza Feitosa é a da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que já anunciava no final de maio que estará fechando as portas ainda este ano. "A instituição é uma das mais conceituadas

do país", lamentou Maria Luíza.

Maria Luíza revelou que na Pós-Graduação da UFPB, setor pelo qual foi responsável entre 2017 e 2020, "houve cortes enormes". Em março de 2019, a Capes suspendeu a concessão de novas bolsas de mestrado e doutorado, num total de mais de cinco mil no país, impedindo que os estudantes selecionados para novas pesquisas recebessem bolsas que já tinham verbas previstas desde 2019. "Em abril, o Ministério da Educação bloqueou uma parte do orçamento das 63 universidades e dos 38 institutos federais de ensino", completou.

Ela reforçou que, com o governo Bolsonaro, houve perda de conquistas de gestões anteriores, uma vez que a condução de políticas educacionais no Ministério da Educação "é um dos maiores desastres do atual governo". Entre os impactos no corte de verbas no ensino superior está o prejuízo no desenvolvimento de pesquisa científica. Um exemplo claro é no estudo de vacinas contra a covid-19. A professora aposentada lamentou o fato de o Brasil perder para a pequena Cuba na produção de vacinas. E ainda depender da Índia e da China para receber insumos para os imunizantes.

"Não temos autonomia científica em muitas áreas e isso é inadmissível pelo fato de gerar dependência – não era Brasil acima de tudo? Pois é, cabe urgentemente reconhecer e valorizar o papel da ciência e da produção de conhecimento, porque um excelente modo de aquecer a economia é capacitar as pessoas para os mercados demandados. Resumindo, o impacto para as universidades, para a ciência e para o país é enorme", desabafou.

“ Não temos autonomia científica em muitas áreas e isso é inadmissível pelo fato de gerar dependência – não era Brasil acima de tudo? Pois é, cabe urgentemente reconhecer e valorizar o papel da ciência e da produção de conhecimento ”

**Maria Luíza Feitosa**

“ O presidente não apresentou um projeto conciso capaz de enfrentar os principais problemas e desafios inerentes ao tema. Basta verificar a dificuldade que ele tem de fazer a própria indicação do Ministro da Educação ”



**Gabriel dos Santos Gomes**

## Dança das cadeiras e ensino sem prioridade

As idas e vindas das medidas polêmicas do governo Bolsonaro na educação ainda são entrecortadas com a mudança de ministros na pasta. Após a saída de Abraham Weintraub, Milton Ribeiro assumiu a função. Desde então, especialistas alegam que o pastor evangélico não tem demonstrado projetos que enfrentem os desafios da Educação brasileira.

O secretário executivo de Gestão Pedagógica da Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba, Gabriel dos Santos Souza Gomes, afirmou que a falta de observância de critérios técnicos em detrimento de aspectos mais ideológicos na escolha do ministro da Educação é fato observado desde o início da atual gestão do presidente da República. Para ele, essa realidade já seria o indicativo de que a educação não teria a devida prioridade no governo Bolsonaro.

"De lá pra cá, isso foi se mostrando na própria postura e no discurso desses auxiliares, cujo cenário foi se agravando nas su-

ciais nas escolas públicas, obrigando as redes de educação a estruturarem a oferta de ensino remoto com intuito de minimizar os impactos de aprendizado para os estudantes, o que tem trazido prejuízos difíceis de serem recuperados para o ensino público em todo o território nacional", ressaltou.

No caso do Ensino Médio, que segundo o secretário já é por natureza uma das etapas mais importantes da Educação Básica, essas perdas têm se revelado ainda maiores, uma vez que toda essa conjuntura revelou a situação de desigualdade que caracteriza a sociedade brasileira. Gabriel Gomes declarou que nem todos os estudantes dispunham dos recursos materiais necessários para a aprendizagem, diante da nova proposta do ensino imposta pela pandemia.

"Os impactos não se restringem às questões de aprendizado, mas também ao aumento dos índices de evasão escolar e na participação no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), e outros processos de seleção para acessos às universidades. Contudo, tenho buscado levar a Paraíba no sentido contrário, alcançando resultados positivos no ensino e proporcionando o maior apoio possível para os nossos meninos e meninas, mesmo estando em casa, o que tornou nosso Estado referência nacional em educação", salientou o secretário.

Para ele, a educação brasileira mergulhou numa espécie de apagão no governo Bolsonaro. "Até aqui, o presidente não apresentou um projeto conciso capaz de enfrentar os principais problemas e desafios inerentes ao tema. Basta verificar a dificuldade que ele tem de fazer a própria indicação do ministro da Educação. O ministério, instância responsável pela coordenação das ações para impulsionar a melhoria dos indicadores e gerar impactos positivos em âmbito nacional, tem se transformado em palanque ideológico", criticou.

cessivas e deliberadas retiradas de recursos destinados a financiar a educação pública brasileira. Tudo isso, somado ao cenário decorrente da pandemia da covid-19, cujo reflexo maior foi a suspensão das aulas presen-



Ilustração: Pixabay

# MULTIDISCIPLINARIDADE em xeque

*Cursos de Ciências Sociais e Humanas são os que mais concentram diversidade racial no Brasil*

**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

No rico universo do ensino acadêmico, há como mensurar qual disciplina tem maior importância para a sociedade? Qual área da aprendizagem – humanas ou exatas – é mais relevante para o avanço da civilização? Ou será que uma complementa a outra e, juntas, todas são indispensáveis para um entendimento mais amplo do mundo em que vivemos, nos seus diversos contextos? Essas são algumas perguntas que se pode fazer quando o Governo Federal, diante de seus ministérios, anuncia que reverterá mais investimentos para disciplinas como Engenharia, em detrimento das ciências humanas.

Tal discurso foi dito em 2019 e reverberou em forma de críticas por parte de diversos especialistas. Na ocasião, a intenção era priorizar áreas do conhecimento que “melhor atendessem às demandas da população, como Medicina e Engenharia”.

A doutora em Direito Econômico Maria Luíza de Alencar Mayer Feitosa enfocou que avalia a postura do presidente Jair Bolsonaro como “equivocada e mal-intencionada, como tudo o que diz respeito à educação no atual governo”.

Ela afirmou que em 2019, quando foi anunciada essa medida, Bolsonaro alegou que se espelhava no caso do Japão, que teria deixado de investir em humanas, e direcionado os recursos para faculdades que geravam “retorno de fato” e menos gastos.

Segundo ela, houve a reação de entidades como a Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof), que emitiu nota assinada por mais de cinquenta associações. Entre elas estavam a Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Abecs), a Associação Nacional de História (Anpuh) e a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP). “Em síntese, essas Associações alertaram que a maior parte dos alunos de humanidades nas universidades públicas é proveniente das camadas de renda mais baixa da população, diferente do que asseverara We-

intraub, ao afirmar que História, Filosofia e Sociologia eram cursos ‘para pessoas muito ricas, para a elite’”, frisou.

Maria Luíza mencionou ainda informações do Censo Nacional do Ensino Superior de 2017, obtidos junto ao Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Inep), cujos dados apontam que os cursos de Ciências Sociais e Humanas são os que mais concentram diversidade racial no Brasil, tanto em universidades públicas quanto em privadas.

Sobre a afirmação de que o governo do Japão adotara essa medida, a professora aposentada disse que, em 2015, o governo daquele país propôs uma reformulação do financiamento nas Ciências Sociais e Humanas. “Houve reação de algumas universidades, como as de Tóquio, Kyoto e Shiga, que destacavam a missão universitária de produzir, aperfeiçoar e compartilhar percepções equilibradas e aprofundadas de conhecimento interdisciplinar acerca da natureza, dos seres humanos e da sociedade. Assim, em 2018, houve uma nova lei, que começou a vigorar em 2020, voltando a incentivar essas áreas científicas e a reconhecer o papel importante da multidisciplinaridade na inovação e no desenvolvimento”.

Ao avaliar a administração do Governo Federal, o professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Amauri Fragoso de Medeiros, doutor em Geofísica Espacial, afirma que, além do sufocamento orçamentário de órgãos e instituições da área do ensino e da pesquisa no Brasil, entre outros problemas da pasta, a pandemia do novo coronavírus ressaltou as desigualdades educativas e sociais nesta gestão.

Além das dificuldades de muitos alunos para acompanhar as plataformas do ensino remoto, Medeiros resalta que houve o aumento das demandas do trabalho das mulheres. “Além das atividades domésticas, elas têm que dar conta das atividades profissionais, docentes neste caso, triplicadas pelo ensino remoto, que em tempos de isolamento social imposto pela pandemia da covid-19 tem gerado uma sobrecarga de trabalho”.

“Além das atividades domésticas, elas [as professoras] têm que dar conta das atividades profissionais, docentes neste caso, triplicadas pelo ensino remoto, que em tempos de isolamento social imposto pela pandemia da covid-19 tem gerado uma sobrecarga de trabalho”



**Amauri Fragoso de Medeiros**

## + Alunos... Sentido!!!

No primeiro ano de gestão, o capitão reformado do Exército, presidente Jair Bolsonaro, começou a se articular, juntamente com sua equipe do Palácio do Planalto, para implantar escolas militares e o ensino em casa – a homeschooling. Como já era de se esperar, as ideias resultaram em crítica por parte de diversas vozes em todo o país. Um dos motivos para a não aceitação da expansão das escolas militares era de que a experiência já existente desse ensino no Brasil era feita de forma desarmônica, criava uma cisão dentro da escola pública. Enquanto o ensino militarizado recebia estímulo e recursos, as demais ficavam abandonadas.

O secretário executivo da Paraíba, Gabriel Gomes, declarou que essa ação é parte da postura ideológica do governo, que consiste na exaltação dos valores do militarismo. Segundo ele, isso é observado em praticamente todos os ministérios e no próprio discurso do presidente e de seus auxiliares. Na prática, a escola militar funcionaria como verdadeiros quartéis de disseminação da pedagogia negacionista da presidência. “O que não contribui para o bom desenvolvimento da aprendizagem”, frisou Gabriel.

Com relação ao ensino dentro dos lares, o secretário executivo afirmou que se trata de uma das propostas mais equivocada que ele já viu sobre educação. Ele alega que a própria Constituição Federal pre-

coniza que “a educação é dever do estado e da família”, logo, são duas entidades que se complementam, de modo que uma não é capaz de substituir a outra.

De acordo com o secretário executivo, a escola é mais que um espaço de assimilação ou difusão do conhecimento científico e de compartilhamento dos saberes formais. “Acredito que seja impossível formar cidadãos para viver em sociedade, sem a vivência no ambiente escolar, pois somente ela é capaz de proporcionar a oportunidade de conhecer o diferente e de oferecer estratégias para mediação dos conflitos inerentes à civilização”.

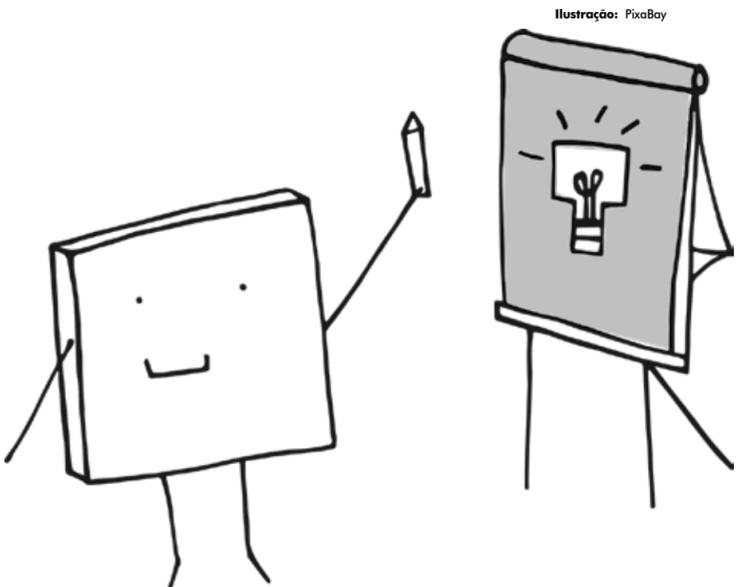
A professora aposentada Maria Luíza Feitosa ressaltou que o projeto da educação domiciliar é defendido por uma frente do governo Bolsonaro que quer a regulamentação pelo Congresso Nacional até julho deste ano. Segundo ela, os defensores da homeschooling dizem que a modalidade representa liberdade de escolha para as famílias, para tanto, apresentam motivações religiosas, políticas ou filosóficas.

“É mais uma loucura ideológica deste governo. A crítica de educadores foca nas dificuldades que a educação vem enfrentando durante a pandemia do novo coronavírus, que evidenciou, sem deixar dúvidas, que o modelo de estudo em casa não gera educação de qualidade, causando prejuízos em questões pedagógicas e de socialização”.

Foto: Reprodução



Ilustração: PixaBay



# Educação

## para filhos da fidalguia que excluía mulheres, escravos e estrangeiros

José Alves  
zavieira2@gmail.com

Educação é a aplicação dos métodos que asseguram a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano. Buscando esse objetivo, o processo de educação da humanidade se iniciou na pré-história, de uma maneira intuitiva e natural, com as crianças aprendendo com os mais velhos por meio da observação.

Desde então, esse aprendizado teve papel fundamental na formação da sociedade e do indivíduo. Ao longo da história das civilizações, a educação foi repassada de pai para filho por diversas gerações, com ênfase na sobrevivência. Nas primeiras sociedades, tudo que as crianças aprendiam, tinha como base as crenças e os padrões de vida do seu grupo, ou seja, o que elas ouviam de seus familiares.

De acordo com historiadores, foi na Grécia Antiga, que a educação despontou de forma revolucionária e onde os cidadãos passaram a se destacar na sociedade após se submeterem às aulas de Ginástica, Gramática, Música, Matemática, História e Filosofia. Vale salientar que, na época, esse era um privilégio para alunos seletos, excluindo-se mulheres, escravos e estrangeiros.

Na Idade Média, a educação passou a ser difundida pelos mosteiros e o surgimento da educação pública aconteceu primeiramente na Prússia em 1717, onde a escola era obrigatória para crianças entre 5 e 12 anos. Quanto ao ensino superior, os registros históricos mais an-

tigos relatam sua iniciação na Itália, em Bolonha, em meados de 1088. Logo em seguida, no século XII, foi fundada na França a Universidade de Paris.

No Brasil, a educação começou em 1549 com a chegada dos padres jesuítas. Na época, o objetivo dos ensinamentos era expandir a fé e o engrandecimento do império, que via na fé e na autoridade da religião, o melhor instrumento de dominação política. Com a ditadura militar (1964-1985), o propósito da educação foi capacitar profissionais para atender as necessidades capitalistas. Só com a Constituição Federal de 1988 é que a educação passou a ser um direito de todos, com a finalidade de permitir a pessoa o exercício da cidadania e a preparação adequada para o mercado de trabalho.

### Na Paraíba

No período colonial, boa parte das escolas funcionavam nos conventos, nos salões paroquiais ou em salas das instituições públicas. Na época, a ação educativa empreendida pelos religiosos, principalmente pelos jesuítas, franciscanos e beneditinos, foi importantíssima para a difusão da cultura europeia e para o funcionamento das aulas régias. Segundo o historiador e professor paraibano Antônio Carlos Ferreira Pinheiro, a educação era destinada às crianças, filhas da fidalguia, de homens livres e servia também para catequizar, cristianizar e “civilizar” os índios e, eventualmente, alguma criança escravizada.

O historiador disse que com esses objetivos foram criados

vários seminários e conventos na Paraíba. Um dos mais antigos dessa história educacional foi o Colégio São Gonçalo (Seminário dos Jesuítas, que funcionou a partir de 1745 e foi instituído pelo Padre Gabriel Malagrida). O Mosteiro de São Bento, em João Pessoa, se constitui uma outra importante instituição religiosa que durante muitos anos foi espaço de referência para a formação de religiosos.

Antônio Pinheiro contou que foi a partir do período imperial que ocorreu um significativo movimento no que se refere à história da educação paraibana. Em 1836, foi criado o Colégio Lyceu Parahybano; em 1843, o Colégio Padre Rolim, na cidade de Cajazeiras; e em seguida, em 1859, o Colégio de Nossa Senhora das Neves. Logo depois, no ano de 1859, foi fundado o Colégio de Aprendizes e Artífices, mas só funcionou a partir de 1864, e depois, em 1883, o Externato (Escola) Normal. O surgimento dessas instituições escolares teve a finalidade de atender às demandas da elite.

“Não é à toa que, primeiramente, foram criados o Colégio Padre Rolim e o Lyceu Parahybano destinado à elite masculina. Para contribuir com a formação da elite feminina, foi criado o Colégio de Nossa Senhora das Neves, cuja missão era promover a educação moral, religiosa e literária das mulheres”, pontuou o professor. Por outro lado, a criação da Escola de Aprendizes e Artífices tinha o objetivo de “socorrer” os órfãos desvalidos e os filhos de pais pobres. Já o Externato Normal, foi criado para formar e preparar professoras.

Primeiramente, foram criados o Colégio Padre Rolim e o Lyceu Parahybano destinado à elite masculina. Para contribuir com a formação da elite feminina, foi criado o Colégio de Nossa Senhora das Neves, cuja missão era promover a educação moral, religiosa e literária das mulheres //

Antônio Pinheiro

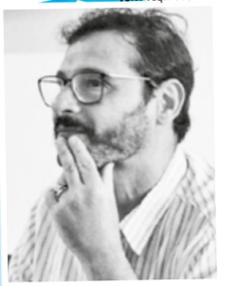


Foto: Arquivo Pessoal

## Regime republicano traz o Estado laico e expansão do ensino primário

A historiografia da educação brasileira e paraibana tem indicado que a partir da implantação do regime republicano, em 1889, a questão educacional se tornou preocupação central dos políticos, dos administradores públicos e de intelectuais de uma maneira geral. A partir daí, surgiram diferentes tipos de instituições escolares e educacionais.

Com a publicação da nova Constituição brasileira, em 1891, foi extinto o regime de padroado, tornando o Estado brasileiro laico. Esse processo ficou genericamente conhecido como Ultramontanismo. Até o ano de 1931 foram criadas pelo menos 21 instituições de nível secundário particulares, sendo dez confessionais e onze não confessionais.

Ainda segundo o historiador Antônio Pinheiro, outro momento extremamente importante para o processo de expansão do ensino secundário no Brasil e que também refletiu na Paraíba foi a publicação, em 1942, da Lei Orgânica do Ensino Secundário, sob forte influência de Gustavo de Capanema. Concomitantemente, outros movimentos se dedicaram a expansão do ensino primário com a criação do primeiro grupo escolar da Paraíba.

“A criação do Grupo Escolar Doutor Thomaz Mindello, no Centro da capital paraibana, deu início, portanto, a uma nova era, que denominei ‘Era dos Grupos Escolares na Paraíba’. No período de 1916 até 1960, foram criados pelo menos 182 grupos escolares espalhados por quase toda a Paraíba”, informou.

Quanto ao ensino superior na Paraíba, Pinheiro disse que antes da criação da Universidade da Paraíba, em 1955, e de sua federalização, em 1960, a Paraíba já dispunha de vários cursos superiores isolados. O de Ciências Econômicas criado em 1948, o de Direito (1949), o de Serviço Social (1951), o de Odontologia (1953), o de Enfermagem (1953), o de Ciências Contábeis (1956), e o de Farmácia (1957). Além desses cursos superiores, também foi fundada a Faculdade de Filosofia (Fafi), que estava prevista na Constituição do Estado da Paraíba.

Para além desses cursos, um significativo empreendimento no âmbito do ensino superior foi iniciado nos anos de 1950 para a criação da Faculdade de Medicina da Paraíba, que foi instalada no dia 15 de março de 1952, em cerimônia realizada no Teatro Santa Roza. É importante destacar que, quando a Universidade da Paraíba foi federalizada, ainda não tinha o seu campus e todas as faculdades funcionavam em prédios

espalhados pela cidade de João Pessoa, e em Campina Grande e Bananeiras.

“Quanto à organização da pós-graduação no Brasil, posso informar que ela teve os seus primórdios nos anos de 1950, ou seja, no contexto da política desenvolvimentista. Por mais contraditório que possa parecer, ela tomou grande impulso durante a ditadura militar e se consolidou a partir da abertura política no final da década de 1980”, informou.

### Atual situação

A situação da educação nos últimos três anos tem sido dramática. “Estamos observando a crescente diminuição de recursos destinados ao setor educacional brasileiro, especialmente para o ensino superior que abriga o desenvolvimento de pesquisas em todo os campos de conhecimento. Além do mais, a política negacionista, em especial, contra a Ciência, trará muito brevemente sérias consequências para a continuidade do desenvolvimento e autonomia do Brasil no cenário internacional”, lamentou Antônio Pinheiro, prevendo que a educação brasileira pode se tornar uma nação “pária”, ou seja, ilhota, excluída e desclassificada. “Na verdade, estamos vivenciando um processo de desmonte de tudo aquilo que foi conquistado com muita luta pela sociedade brasileira”, desabafou o historiador.

Ainda segundo ele, “além das questões do setor educacional, é necessário salientar o descaso com que os povos indígenas, que sempre estiveram vinculados à terra e às florestas, estão sofrendo. Outro desrespeito do atual governo, segundo Pinheiro, “é que o Brasil está sendo abatido quase que diariamente pelo desmatamento, pelo fogo, pelo agrotóxico, pelo racismo e pela violência simbólica e sangrenta contra as mulheres e homoafetivos”.

Situação essa estimulada, mais uma vez na nossa triste e dramática história, pelo patriarcado familiar (consorciados aos bolsonaristas) que desejam e exercem o poder pelo poder, pela ganância desmedida, pelo lucro fácil de alguns poucos protegidos pelo capital irracional e desumano. “A todos que sofreram e estão sofrendo, especialmente neste momento de pandemia da covid-19, a minha profunda solidariedade e respeito”, concluiu.

Antônio Carlos Ferreira Pinheiro é doutor em História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); professor titular do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); vice-presidente da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) – biênio 2019-2021.



Ilustração: PineBoy

“Preparar uma aula remota é bem diferente da prática presencial. Por outro lado, os estudantes não possuíam maturidade para lidar com a autonomia implícita no ensino a distância, em especial os alunos da educação infantil e do ensino fundamental”

Antônio Arruda



Foto: Reprodução

José Alves  
zavieira2@gmail.com

A educação não é mais a mesma desde o início da pandemia provocada pelo novo coronavírus. Os impactos continuam sendo negativos com mais de 60% dos estudantes distantes das salas de aula. E, para evitar o contágio, foi necessário a educação se reinventar com o uso da tecnologia buscando se adaptar ao ensino a distância para dar continuidade ao ano letivo. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), a pandemia impactou os estudos de mais de 1,5 bilhão de estudantes em 188 países, o que representa cerca de 91% do total de estudantes no planeta.

“O ensino remoto não substitui a sala de aula, mas foi o melhor a ser feito neste momento”. Essa é a opinião do professor Antônio Arruda, secretário de administração do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado da Paraíba e diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Privada. Segundo ele, uma boa parcela dos alunos ficou prejudicada porque não se pode comparar o rendimento de uma aula presencial com uma aula remota.

Os docentes tiveram que se reinventar, fizeram uma busca, como orienta Edgar Morin, no seu livro ‘Os Sete Saberes Necessários a uma Sociedade do Futuro’. Sendo esse saber “aprender a aprender”. Mas nesta pandemia ficou claro que escola nenhuma estava preparada para lidar com as consequências naturais impostas pelo distanciamento e isolamento social. E apenas uma parcela dos professores tinham formação adequada para lecionar a distância. “Afim, preparar uma aula remota é bem diferente da prática presencial. Por outro lado, os estudantes não possuíam maturidade para lidar com a autonomia implícita no ensino a distância, em especial os alunos da educação infantil e do ensino fundamental”, afirmou Arruda.

Mas, mesmo com todas as dificuldades, os professores improvisaram espaços nas suas residências, transformando em salas de aulas virtuais. Eles tiveram que investir em equipamentos e internet. Foram à luta com muita dedicação e ousadia para se adaptarem ao ensino a distância. Para o professor Arruda, “o ensino remoto aumentou o fosso da desigualdade, até porque no Brasil se faz o inverso na Educação, isto é, os alunos mais necessitados não recebem uma boa assistência e estudam em condições precárias, enquanto os mais abastados foram beneficiados com o novo método de ensino”.

Nem todos os pais de estudantes reclamaram do ensino remoto. A maioria opinou por não colocar a saúde do filho em risco, sabendo que ele se transformaria em agente transmissor do vírus. Os poucos que reclamaram, segundo o sindicalista, foram os pais e mães que querem ter os filhos sendo educados exclusivamente nas escolas. “Nesta pandemia, a maior dificuldade dos pais é não dispor de conhecimento para auxiliar seus filhos, nem dispor de equipamentos adequados para essa forma de ensino”, observou.

Parte dos estudantes sentiu alguma dificuldade no método do ensino a distância. Mas as dificuldades independem das séries. Ficou claro que essa era uma questão individual. “Entre os alunos existem os grupos que a gente percebe que adoram estudar com atividades virtuais e os que detestam, ou seja, os que se sentem mais seguros com as aulas presenciais”, analisou Arruda.

Com a pandemia, muitas instituições de ensino passaram a ser mais cobradas por pais e mães de alunos. Na rede pública, os pais mais carentes passaram a cobrar a merenda escolar e outros as melhores formas do ensino a distância. Já na rede privada, a cobrança maior foi pelo desconto nas mensalidades, o que gerou muita discussão nos Procons. A inadimplência também foi outro problema, porque muitos pais perderam o emprego e acabaram optando por tirar os filhos das escolas da rede privada.

O mundo todo está vivenciando o segundo ano de pandemia e, de acordo o professor sindicalista, houve uma pequena melhora no segmento da educação, mas ainda tem muita coisa para ser melhorada. “Uma coisa é certa, a crise sanitária mostrou que as aulas presenciais e os professores e professoras são insubstituíveis”, disse ele, complementado que “o retorno à sala de aula só deve acontecer com a população imunizada. Mas isso só alcançaremos com a vacina. E nosso foco neste momento é a preservação da vida. Vacinação para todos e todas!”, finalizou.

# Aprender: uma educação reinventada

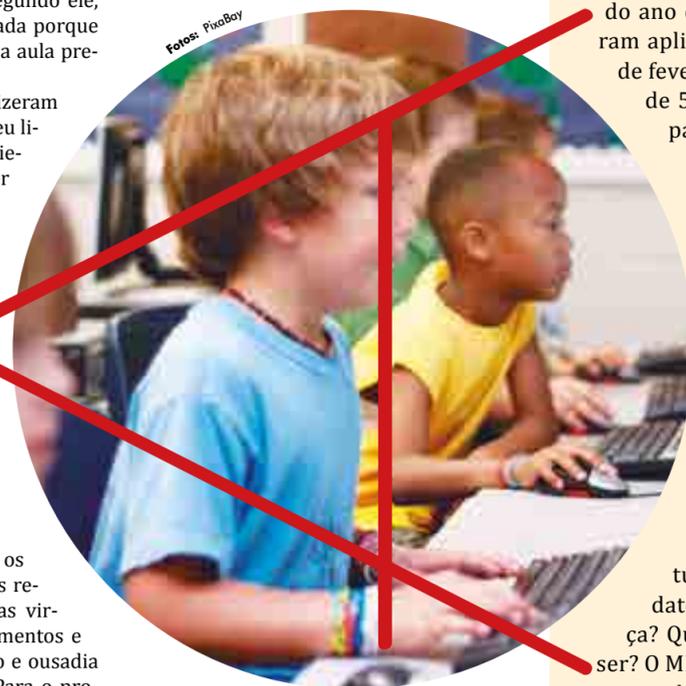


Foto: Pivoboy

# Aprender



## Mundo digital ainda gera dúvidas e desconfianças

A primeira edição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi realizada em 1998. Embora o uso das notas do primeiro Enem fosse válido apenas para duas instituições de educação superior, as provas foram aplicadas em 184 municípios brasileiros. O objetivo maior foi avaliar a competência dos estudantes concluintes do Ensino Médio no Brasil. Em 2004, a nota do exame passou a ser critério de participação de candidatos a bolsas de estudos por meio do Programa Universidade para Todos (ProUni).

No ano de 2009, o Ministério da Educação criou o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que é considerada a maior mudança no Enem. Já em 2013, o Enem se tornou a porta de entrada para quase todas as instituições federais que adotam o exame como critério de seleção. Desde 2017, após realização de consulta pública com a população para direcionar melhorias, o Enem passou a ser aplicado em dois domingos consecutivos.

Atualmente, o Enem, que tem mais de 6 milhões de participantes, deverá ser totalmente digital. Tudo indica que o gasto de papel para a impressão das provas esteja com os dias contados. A previsão é que até 2026 o exame seja 100% digital, e essa transição já teve um projeto piloto na edição do ano de 2020, quando as provas em formato digital foram aplicadas de forma on-line nos dias 31 de janeiro e 7 de fevereiro de 2021 para 15 capitais, com a participação de 50 mil candidatos, ou seja, 1% do total de participantes.

O uso das notas do Enem é ponto de partida para a participação de milhares de candidatos em programas como o Sisu, o Fies e o ProUni. O objetivo do Enem Digital é trazer benefícios como segurança e rapidez ao processo de elaboração, aplicação e correção das provas. A informação é que, entre 2021 e 2025, a participação da prova na sua versão digital ainda será opcional, mas em 2026 será com por cento digital para todos os candidatos.

Para o professor do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Guido Lemos, o Enem digital é uma iniciativa positiva, mas vai enfrentar grandes desafios de infraestrutura e tecnologia. Primeiro: onde e como os candidatos vão fazer as provas? Como será feita a segurança? Quem garante que está fazendo a prova é quem diz ser? O MEC terá que oferecer local e máquinas de qualidade para todos os candidatos. Como o MEC vai impedir que os alunos consultem a internet para responder as questões?

Dependendo de onde o candidato estiver, ele poderá ter acesso a internet e a outras pessoas para responder a prova. O objetivo é nobre, mas como o MEC vai ter que garantir infraestrutura igual para todos. Como as máquinas vão ficar isoladas da rede? Esses são os questionamentos do professor Guido Lemos, enfatizando que os desafios serão muitos com as provas digitais.

